



2

JOSUÉ A ÉSTER

COMENTÁRIO BÍBLICO BEACON

Chester O. Mulder
R. Clyde Ridall
W. T. Purkiser
Harvey E. Finley
Robert L. Sawyer
C. E. Demaray



2

JOSUÉ A ESTER

COMENTÁRIO BÍBLICO BEACON

Chester O. Mulder
R. Clyde Ridall
W. T. Purkiser
Harvey E. Finley
Robert L. Sawyer
C. E. Demaray

1. [JUIZES](#)
2. [PREFÁCIO](#)
3. [CINCO JUÍZES](#)
4. [A CONSPIRAÇÃO DE ABIMELEQUE](#)
5. [OUTROS SETE JUÍZES](#)
6. [UM APÊNDICE](#)

B

Comentário Bíblico

EACON

Josué a Ester



CMD

O Livro de

JUIZES

R. Clyde Ridall

Introdução

A. Título

Juizes é um livro histórico do Antigo Testamento que aparece entre os Profetas Anteriores no cânon hebraico. Nos documentos judaicos mais antigos, ele recebe o nome de *sepher shophetiym*, ou “um livro de juizes ou governadores” ou simplesmente *shophetiym*, “juizes ou governadores”. Orígenes transliterou este título, mas as versões modernas seguiram a Septuaginta, o Peshitta e a Vulgata como base para traduzi-lo.

Shophetiym é derivado da palavra hebraica que tem o significado de “julgar, governar, regulamentar”. Os juizes foram os governadores de Israel desde o tempo de Josué até o reinado de Saul (At 13.19,20).

Eles não eram juizes no sentido moderno, mas lembravam os arcontes entre os antigos atenienses ou os ditadores entre os romanos.

Os juizes dos tempos bíblicos eram comandantes militares com poderes administrativos absolutos, mas seu ofício não era hereditário.

Eles também não eram selecionados a partir de alguma tribo em particular, nem mesmo “eleitos” pelo voto popular. Em vez disso, eles eram escolhidos pelo próprio Deus de alguma maneira sobrenatural e governavam estritamente dentro de um arcabouço teocrático. O

verdadeiro rei de Israel era Yahweh. Os juizes eram meramente seus representantes na terra. Eles não tinham poder para legislar ou

alterar as leis existentes. Sua única tarefa era cumpri-las. O ofício não foi contínuo porque houve intervalos nos quais nenhum juiz governou

naqueles momentos. Os juizes eram pessoas extraordinárias que Deus levantava em tempos de emergência nacional como instrumentos em

suas mãos para libertar Israel da tirania e da opressão. Temos como exemplo Otniel, Eúde, Sangar, Débora (e Baraque), Gideão, Tola, Jair,

Jefté, Ibsã, Elom, Abdom e Sansão (Eli e Samuel também foram contados entre os juizes, mas nenhum dos dois é mencionado neste

livro). Temos conhecimento do nome de 14 juizes, mas, provavelmente, existiram outros anônimos como, por exemplo, o

líder que libertou o povo dos maonitas (10.12).

B. Autoria

Não se sabe quem é o autor de Juizes. Já se supôs que cada um dos juizes escreveu sua própria história e que a obra atual representa uma coleção desses relatos individuais. Outros estudiosos já atribuíram a autoria a Finéias, a Ezequias e até mesmo a Esdras. O Talmude considera que Samuel é seu autor. Os críticos modernos freqüentemente negam a unidade literária deste livro e consideram-no uma “elaborada” compilação de diversas fontes. Alguns desses estudiosos acham que a obra foi finalizada no ano 550 antes de Cristo.

O cristão atento vai ponderar sobre os seguintes fatos: (a) Se Isaías 9.4 é uma alusão a Juizes 7.21-25 (a derrota de Midiã), o livro já existia no século VII a.C. (b) Os cananeus viviam em Gezer (1.29); portanto, devemos datar o livro como anterior a 992 a.C., quando o faraó do Egito presenteou à filha dele, uma das esposas de Salomão, com essa cidade (1 Rs 9.16). (c) Os jebuseus ainda habitavam em Jerusalém (1.21). Desse modo, ele foi escrito antes de 1048 a.C., quando a fortaleza foi capturada por Davi (2 Sm 5.6-9). (d) A recorrência do refrão **naqueles dias, não havia rei em Israel** (17.6; 18.1; 21.25; cf. 19.1) aparentemente reflete o período anterior à monarquia, quando suas bênçãos renovadas estavam evidentes a todos.

Por esta razão, este autor conclui que as evidências internas (embora não conclusivas) apontam para o reinado de Saul ou de Davi como a data de composição da obra. Alguns podem colocar objeções, ao afirmar que a expressão **até ao dia do cativo da terra** (18.30) refere-se a um tempo posterior, a saber: (a) meados do século VIII a.C., quando Tiglate-Pileser assolou a Galiléia (2 Rs 15.29); ou (b) o ano 721 (ou 722) a.C. quando Samaria caiu diante dos assírios (2 Rs 17.6). Mas a palavra traduzida como *cativo* é um infinitivo, e a passagem poderia ser entendida da seguinte maneira: “... até o dia quando a terra foi devastada”, palavras que poderiam muito bem descrever o Israel dos dias tanto de Débora (4.3; 5.6-8) como de Gideão (6.2-6,11).

Não é contraditório nem absurdo presumir que o autor de Juizes possa ter sido inspirado por Deus a usar fontes, mas a notável unidade estrutural sozinha já é suficiente para descartar como indefensável a hipótese de uma coleção posterior de documentos independentes.

C. Cronologia

Não pode ser determinada com precisão qual seja a cronologia deste período. Contudo, os fatos a seguir são de grande ajuda:

Referência Anos

Esta lista, porém, é incompleta, porque o escritor inspirado optou por não nos contar sobre a opressão sofrida debaixo dos sidônios e dos maonitas (10.12), nem registra a duração do juizado de Sangar (3.31). Conseqüentemente, qualquer tentativa séria de harmonizar com exatidão estes números com os quase 450 anos apresentados por Paulo no Novo Testamento (At 13.20), é trabalho perdido. Também não podemos encaixar este período em qualquer esboço preciso que calcule (a) 300 anos desde a morte de Moisés até o tempo de Jefté (11.26), ou (b) 480 anos do êxodo até a construção do templo de Salomão (1 Rs 6.1). Não apenas os nossos dados são incompletos, como o costume oriental deve ter deixado de mencionar certos períodos de servidão por parte de vizinhos hostis.

Mas que a fé de nenhum homem vacile diante de uma dificuldade menor. Se o registro da revelação de Deus parece conter contradições, isto se deve única e tão-somente ao nosso conhecimento imperfeito. Embora busquemos conhecimento histórico acurado, milhões de leitores já ouviram Deus falar aos seus espíritos sem qualquer conhecimento dos problemas históricos. Devemos nos lembrar que, quando o céu e a terra passarem (Mt 5.18), a eterna verdade de Deus permanecerá. Não devemos nos indignar (SI 37.7) com questões que apenas “produzem contendas” (2 Tm 2.23) e que, em nenhum aspecto, se referem à salvação eterna.

D. Propósito

Este livro apresenta-nos uma época quando **não havia rei em Israel** (18.1) e **cada um fazia o que parecia reto aos seus olhos** (21.25).

¹E uma história escrita a partir de um ponto de vista religioso. Seu propósito divide-se em três partes: *primeiro*, ele mostra a necessidade de haver líderes consagrados. Este livro é um triste comentário sobre a futilidade de se tentar fazer uma obra permanente para Deus com a ausência de uma forte organização central. Sem a liderança apropriada, o resultado é a confusão civil e o caos moral. Israel precisava de liderança contínua; a igreja de hoje precisa de um ministério ordenado, de obreiros e de ordenanças (1 Co 14.40). Quando empregadas adequadamente, essas coisas tornam-se canais para a bênção espiritual e o crescimento, em vez de se colocarem como empecilhos. O protestantismo livrou-se das cadeias do papado; que ele agora esteja ciente de que não deve ir para o extremo oposto e afastar-se dos meios da graça.

Em segundo lugar, esta obra concentra nossa atenção na longanimidade de Deus. Se Jó enfatiza a paciência do homem, o livro de Juizes apresenta a paciência de Deus. A nota principal desta obra é a desobediência. As expressões chaves são: (a) **fizeram os filhos de Israel o que parecia mal**, (b) **a ira do Senhor se acendeu**, (c) **os filhos de Israel clamaram ao Senhor** e (d) **levantou o Senhor juizes, que os livraram da mão dos que os roubaram** (2.11,14; 3.15; 2.16). Seis servidões e o mesmo número de libertações são registradas em detalhes “para aviso nosso” (1 Co 10.11). A seqüência normal é: (a) apostasia, (b) servidão, (c) aflição, (d) oração, (e) libertação. A palavra-chave é *repetição*. O esquema geométrico é um *círculo*. A missão principal é: “guardai-vos dos ídolos” (1 Jo 5.21). Uma vida separada sempre é o preço de uma vida vitoriosa (2 Co 6.17). Uma vez que “tudo isso lhes sobreveio como figuras” (1 Co 10.11), nenhum de nós deve abusar - pois Deus é justo - e nem se desesperar - pois o Senhor é misericordioso.

Em terceiro lugar, este livro é um testemunho do fato de que, até mesmo numa era de profunda apostasia, ainda existiam alguns poucos que se apegavam à fé e à adoração ao Deus verdadeiro (10.10-16; 1 Rs 19.18). Pode-se encontrar evidência para isso nas seguintes

considerações: (a) o tabernáculo foi mantido em Siló (18.31); (b) pelo menos uma das festas anuais era celebrada (21.5); (c) o ritual da circuncisão foi observado (14.3; 15.18); (d) os sacrifícios eram oferecidos (11.31; 13.15,16,23; 20.26; 21.4); e, (e) os votos com o Senhor foram mantidos (11.30; 13.5).

NOTA: Todas as traduções das Escrituras que não sejam da versão Almeida Revista e Corrigida ou que não estejam indicadas são da produção do autor.

Esboço

I. 0 Prefácio, 1.1-2.5

- A. Plantando e Colhendo, 1.1-7
- B. O glorioso Passado de Judá, 1.8-10
- C. Um Bravo Herói é Recompensado, 1.11-15
- D. A Vitória Parcial de Judá, 1.16-20
- E. Os Persistentes Jebuseus, 1.21
- F. Os Filhos de José Tomam Betei, 1.22-26
- G. Os Obstinados Cananeus, 1.27-33
- H. Alguns Povos Hostis nas Montanhas, 1.34-36
- I. Uma Mensagem Solene de Deus, 2.1-5

II. Cinco juízes, 2.6-8.32

- A. Introdução, 2.6-3.6
- B. Otniel, 3.7-11
- C. Eúde, 3.12-30

D. Sangar, 3.31

E. Débora, 4.1-5.31

F. Gideão, 6.1-8.32

III. A conspiração de Abimeleque, 8.33-9.57

A. A Infidelidade de Israel, 8.33-35

B. Abimeleque é Ungido Rei, 9.1-6

C. A Fábula de Jotão, 9.7-21

D. Os Traíçoeiros Habitantes de Siquém, 9.22-25

E. O Orgulhoso Gaal, 9.26-29

F. A Mensagem de Zebul, 9.30-33

G. Gaal Foge de Abimeleque, 9.34-41

H. Siquém é Arrasada, 9.42,45

I. Morte na Torre de Siquém, 9.46-49

J. O Fim Infame de Abimeleque, 9. 50-57

IV. Outros sete juízes, 10.1-16.31

A. Tola, 10.1,2

B. Jair, 10.3-5

C. Jefté, 10.6 - 12.7

D. Ibsã, 12.8-10

E. Elom, 12.11,12

F. Abdom, 12.13-15

G. Sansão, 13.1-16.31

V. Um apêndice

A. Os Danitas Expandem-se, 17.1-18.31

B. Os Benjamitas são Quase Aniquilados, 19.1-21.25

Seção I

- [PREFÁCIO](#)
- [CINCO JUÍZES](#)
- [A CONSPIRAÇÃO DE ABIMELEQUE](#)
- [OUTROS SETE JUÍZES](#)
- [UM APÊNDICE](#)

PREFÁCIO

Juizes 1.1 —2.5

A. Plantando e colhendo, 1.1-7

Josué foi um gênio militar excepcional. O fato é que nenhuma das nações pagãs ao redor ousou atacar Israel depois da divisão da terra. Mas, agora que ele estava morto (e, especialmente, depois de ele não ter apontado nenhum sucessor), as várias tribos corriam o grande perigo de serem invadidas por todos os lados. Conseqüentemente, parecia sábio tomar a iniciativa e dar cabo do problema antes que ele começasse. A preocupação era *quem* assumiria a liderança.

Desse modo, o povo perguntou **ao Senhor** (1),¹ provavelmente por meio de Finéias, o sumo sacerdote (Nm 27.21; Js 24.33; Jz 20.28). A resposta foi clara e inequívoca: **Judá**

- o quarto filho de Jacó (Gn 29.35) e, conseqüentemente, a tribo que descendia dele -**subirá; eis que lhe dei esta terra na sua mão (2).**

Aparentemente os homens de Judá sentiam-se despreparados para a tarefa, porque apelaram a **Simeão** - a tribo que descendia do segundo filho de Jacó ou Israel (Gn 29.33)

- “se vocês nos ajudarem a expulsar o inimigo de nosso território, então nós faremos o mesmo por vocês”. Os simeonitas consentiram e, juntas, as duas tribos atacaram **os cananeus e os ferezeus** (4). **Os cananeus** eram habitantes da terra na Palestina central. **Os ferezeus**, cujo nome significa “rústicos” ou “homens do campo”, também estavam entre as tribos que haviam se estabelecido na Palestina. Talvez eles fossem um povo aborígine que estava na Palestina antes dos cananeus. Cf. a nota de rodapé de Josué 3.10.

Deus honrou este esforço e concedeu-lhes vitória; quando a terrível batalha terminou, havia 10.000 homens inimigos mortos. Perto da vila cananéia de **Bezeque** (4, veja o mapa), talvez a moderna Khirbet

Bezqa, próxima a Gezer, os israelitas encontraram o mesquinho rei chamado **Adoni-Bezeque** e derrotaram suas forças combinadas. **Adoni-Bezeque** significa “senhor de Bezeque”, e, é mais provável que expresse um título em vez de um nome. Não deve ser confundido com Adoni-Zedeque (Js 10.1).

Adoni-Bezeque escapou durante um tempo, mas os furiosos guerreiros israelitas o capturaram vivo e amputaram-lhe **os dedos polegares das mãos e dos pés** (6). Isto o incapacitava plenamente para a guerra nos moldes antigos. Ele não poderia nem segurar armas nem fugir.² Tratamento tão duro pode parecer injustificado mas, como o próprio Adoni-Bezeque confessou, a atitude foi verdadeiramente justa, porque o próprio rei aplicara a mesma punição sobre 70 cativos reais que apanhavam migalhas como cães debaixo de sua mesa (cf. Lc 16.21). Aparentemente, Adoni-Bezeque tinha algum conhecimento do Deus verdadeiro porque (por mais incrível que possa parecer) ele reconheceu seu tratamento como um ato de retribuição de justiça. O rei cativo foi levado prisioneiro **a Jerusalém, e morreu ali** (7).

A inescapável lei de plantar e colher é vividamente ilustrada nos versículos 4 a 7. **Assim como eu fiz, assim Deus me pagou** (7) foi o reconhecimento de Adoni-Bezeque de que “tudo o que o homem semear, isso também ceifará” (Gl 6.7). (^Adoni-Bezeque plantou brutalidade (v. 7); (2) ele colheu aquilo que plantou (v. 6); (3) ele colheu mais do que plantou, porque sua colheita lhe trouxe morte prematura, enquanto suas vítimas permaneceram vivas (v. 7); (4) sua consciência e um senso inato de imparcialidade testemunharam a justiça de seu destino (v. 7). A lei da retribuição é inescapável.

B. O GLORIOSO PASSADO DE JIJDA, 1.8-10

A queda de **Jerusalém** (8) mencionada aqui é provavelmente uma recapitulação daquilo que ocorrera nos dias de Josué (Js 10.42), quando os israelitas derrotaram um exército de Jerusalém (Js 10.5,20) e enforcaram seu rei (Js 10.26). O escritor sacro dá-nos, agora, informação adicional em relação a este conflito. Os vigorosos defensores dessa fortaleza na montanha foram subjugados pela espada e a própria cidade foi queimada com fogo. Os homens da

tribo de Judá foram os responsáveis pela captura.

Mais tarde, os soldados desta mesma tribo desceram como uma avalanche sobre **os cananeus** que habitavam as montanhas e a planície ao sul, chamada de Neguebe (9). Este relato também se parece com o relato de vitórias passadas (cf. Js 10.36; 11.21; 15.13). Então, eles atacaram os cananeus que viviam em **Hebrom**, uma cidade que antigamente era conhecida como **Quiriate-Arba** (10). **Hebrom** era uma cidade nas montanhas de Judá, situada a cerca de 30 quilômetros a sudoeste de Jerusalém. Ela é a moderna el-Khalil. Quiriate-Arba quer dizer “cidade de quatro lados”, ou Tetrópolis.
³ Aqui eles feriram **a Sesai, e a Aimã, e a Talmai**, três anaquins (Nm 13.22; Js 15.14) ou seja, um povo grande e alto (Dt 9.2).

Os eventos descritos por toda esta seção, indo até 2.10, são um breve relato das conquistas alcançadas durante os dias de Josué, e um número de paralelos são encontrados em Josué 10 - 24.

A seguir, os homens de Judá atacaram **Debir**, também conhecida como **Quiriate-Sefer** (11). **Debir** era uma cidade real cananéia localizada nas montanhas de Judá, perto de Hebrom. O nome “Debir” também foi dado a um “rei” de Eglom (Js 10.3), a uma cidade na fronteira de Judá, perto do vale de Acor (Js 15.7) e a um lugar a leste do Jordão, próximo de Maanaim (Js 13.26). **Debir** foi confiada aos levitas como uma cidade de refúgio (Js 21.15). Seu nome anterior, **Quiriate-Sefer**, significa “cidade dos livros”.

Antes de dar início ao cerco, Calebe prometeu: “A quem ferir Quiriate-Sefer e a tomar, lhe darei a minha filha Acsa por mulher”. Tais promessas eram comuns (cf. Gn 29.18,19,27; 1 Sm 17.25). O guerreiro vitorioso foi o sobrinho de Calebe, **Otniel, filho de Quenaz** (13), porque entendemos que Quenaz é designado como **o irmão de Calebe, mais novo do que ele**.

Antes de mudar-se para a casa de seu marido, Acsa o persuadiu a que pedisse um **campo** a seu pai (14). Aparentemente Otniel hesitou ou se recusou, porque ela desceu de sua montaria, talvez repentinamente. A mesma palavra hebraica é usada mais tarde (4.21)

para descrever a maneira pela qual Jael cravou uma estaca na cabeça de Sísera. Quando Calebe perguntou o que ela queria, Acsa respondeu: “Dá-me uma bênção, pois me deste uma terra seca; dá-me também fontes de águas”. O Neguebe, ou a **terra seca** (15), era basicamente um deserto, com pouca água. Calebe lhe dera as fontes superiores e as inferiores - talvez uma região nas montanhas e outra área bem regada nas planícies - o que era mais do que ela havia lhe pedido. Todo este parágrafo é uma recapitulação de eventos anteriores (veja Js 15.15-19).

D. A VITÓRIA PARCIAL DE JUDÁ, 1.16-20

São mencionadas agora outras conquistas da tribo de Judá. Hobabe, o **queneu**, é descrito aqui como **sogro de Moisés** (16). O fato é que o termo hebraico também pode ser traduzido como “cunhado”, tanto aqui quanto em 4.11. O sogro de Moisés era Jetro (Êx 3.1; 4.18) ou Reuel (Êx 2.18) e Hobabe era filho de Reuel (Nm 10.29), o que o tornaria cunhado de Moisés. O termo **queneu** significa “ferreiro”. Os queneus eram uma tribo do deserto, um ramo daqueles que habitavam Canaã desde os tempos de Abraão (Gn 15.19). A época de Moisés outro segmento vivia em Midiã. Hobabe fazia parte deste segundo grupo (Nm 10.29).

Devido ao conhecimento profundo e preciso que tinha do deserto (Nm 10.31), Hobabe foi convidado a acompanhar os israelitas em sua perigosa trilha desde o monte Sinai até a Terra Prometida. Depois da invasão da Palestina debaixo do comando de Josué, a família de Hobabe estabeleceu-se na **cidade das Palmeiras** - que, neste caso, não era Jerico, como em Deuteronômio 34.3, mas uma cidade próxima, no lado sul do mar Morto (3.13). Mais tarde eles se estabeleceram entre o povo de Judá, no deserto que ficava **ao sul de Arade**, uma cidade ao sul de Judá. A região pode ser identificada hoje como Tell ‘Arad, localizada 26,5 quilômetros ao sul de Hebrom.

A seguir, Judá juntou forças com Simeão e atacou a cidade real de **Zefate** (17). Este nome significa “torre de vigilância”. Era uma cidade cananéia próxima da fronteira sul

de Edom, a moderna Sebaita, cerca de 38 quilômetros ao norte de Cades. Quando lemos o relato de Números 21.1-3 aprendemos que alguns dos hebreus foram capturados neste encontro e seus irmãos fizeram um voto que, se eles tomassem a cidade, a destruíram totalmente - ou seja, demoliriam as construções até seus fundamentos e massacrariam todo ser vivente que habitasse nelas (cf. comentário de Josué 6.18). Deus lhes deu a vitória e eles cumpriram o voto. A cidade passou a se chamar **Horma**.⁴

Foram incluídas nas conquistas de Judá três cidades filistéias: **Gaza**, **Asquelom** e **Ecrom** (18). **Com o seu termo** - melhor na ARA, “com os seus respectivos territórios”. Cada uma dessas áreas filistéias era uma parte importante da Filístia e, mais tarde, cada uma delas se tornou independente e voltou-se contra os israelitas (cf. 1 Sm 4.2). **Gaza** era a cidade mais ao sul das cinco cidades mais importantes da Filístia (Asdode, Asquelom, Ecrom, Gate e Gaza). E a moderna cidade de Ghazze ou Razze, localizada a cerca de 4 quilômetros do Mediterrâneo e a cerca de 72 quilômetros ao sul de Jaffa. Asquelom estava localizada num vale perto do mar (Jr 47.5,7), cerca de 19 quilômetros ao norte de Gaza. **Ecrom** era a cidade mais ao norte entre as cinco e a mais exposta aos ataques dos israelitas. Teve vários governantes (cf. 1 Sm 5.10; 7.14; 17.52).

Deus capacitou os homens de Judá a expulsarem seus inimigos das montanhas. Enquanto obedeceram ao Senhor, os israelitas foram invencíveis (Lv 26.8). Mais tarde, porém, lhes foi impossível expulsar os habitantes das planícies. Os inimigos resistiram com carruagens de ferro (19).⁵ Mas isto é apenas parte da história. A verdadeira razão para a derrota foi a desobediência a Deus (4.3; cf. 1 Sm 15.22). **Calebe** recebeu **Hebrom**, como Moisés prometera (cf Js 14.9,14) e **dali expeliu os três filhos** do gigante **Anaque** (20; cf. comentário do v.10).

E. OS PERSISTENTES JEBUSEUS, 1.21

Josué concedera o território dos **jebuseus** a **Benjamim** (21; Js 18.28), mas os benjamitas nunca derrotaram totalmente seus vizinhos hostis. O fato é que, mais tarde, quando Davi começou a reinar, os jebuseus

ainda habitavam a fortaleza de Sião (2 Sm 5.6,7; 1 Cr 11.4-8). O termo **jebuseus** é uma transliteração e não uma tradução. O termo deriva da palavra hebraica que significa “pisar, maltratar alguém”. Os jebuseus eram uma tribo de montanhesees que os israelitas encontraram em Canaã quando lá chegaram. Sua principal cidade era Jebus (cf. comentário de Josué 3.10). A discrepância entre este versículo e Josué 15.63 é apenas aparente, porque a cidade de Jerusalém fica dentro dos territórios tanto de Judá como de Benjamim. A porção sul pertencia a Judá e a norte a Benjamim. A expressão **até ao dia de hoje** indica uma data anterior ao reinado de Davi, quando os jebuseus foram finalmente vencidos e expulsos (veja Introdução).

F. OS Filhos de José tomam Betel, 1.22-26

Quando destruiu Ai, Josué passou perto da cidade de **Betei (22)**. Mais tarde, **a casa de José (23)** - ou seja, as tribos de Manasses e Efraim, filhos do décimo primeiro filho de Jacó (Gn 30.24) - **subiu** até esta fortaleza nas montanhas **e foi o Senhor com eles (22)**. **Betei** era conhecida dos cananeus como **Luz** (Gn 28.19), palavra que não guarda semelhança com o termo em português (N do T). Suas ruínas podem ser vistas em Beitan, cerca de 18 quilômetros ao norte de Jerusalém. Elas estão no topo da colina e cobrem uma área de 12 mil a 16 mil metros quadrados. Uma segunda cidade chamada Betei estava situada em Simeão (1 Sm 30.27).

Felizmente, os espias israelitas capturaram um betelita que, com o propósito de se salvar, tornou-se traidor e revelou onde ficava **a entrada da cidade (24)**. Quando Betei caiu, os habitantes foram colocados à espada, mas este informante anônimo foi poupado juntamente com toda sua família (25; cf. Js 6.25). Aquele homem **foi-se à terra dos heteus (26)** e fundou outra cidade que também foi chamada de **Luz**. Não são conhecidos os detalhes desta localidade.

A citação da **terra dos heteus** talvez seja uma referência do escritor sagrado a uma porção da Ásia Menor. Escavações arqueológicas calaram para sempre as vozes daqueles que consideravam os heteus

uma invenção mitológica. Já existem hoje provas cabais da existência histórica desse povo. Eles foram os fundadores do grande império oriental que floresceu entre 1900 e 1200 a.C. e que unificou o norte da Palestina. Sabemos até mesmo que os heteus eram uma raça forte e de baixa estatura, com lábios grossos, nariz grande e testa recuada. Os monumentos dos heteus os representam usando roupas grossas e sapatos com os dedos voltados para cima. Os cristãos evangélicos regozijam-se diante do aparecimento de cada nova evidência que apóia a integridade das Sagradas Escrituras. Contudo, por mais impressionantes que possam ser, o crente considera todas essas informações desnecessárias para embasar sua fé. “Bem-aventurados os que não viram e creram” (Jo 20.29).

G. OS OBSTINADOS CANANEUS, 1.27-33

Os versículos 27 e 28 são quase paralelos exatos de Josué 17.11-13. A seção inteira lista as conquistas parciais de algumas das outras tribos. **Manassés** - filho mais velho de José (Gn 41.51) e a tribo que descende dele - não expulsou os habitantes de **Bete-Seã, Taanaque, Dor, Ibleão** e **Megido** (27). Todas essas cidades eram centrais e possuíam cidades vizinhas associadas a elas. Os cananeus foram bem-sucedidos em manter a região sob seu controle. As cidades citadas eram uma cadeia de fortalezas cananéias que se espalhavam do vale do Jordão até a costa mediterrânea, quase em linha reta.

Bete-Seã foi fundada antes do ano 3000 a.C. e, de acordo com Josefo, era a maior das cidades que, mais tarde, ficaram conhecidas como Decápolis (Mt 4.25). É a moderna Beisan, cerca de 19 quilômetros ao sul do lago da Galiléia e 6 quilômetros a oeste do Jordão. **Taanaque** tomou-se uma cidade levítica em Issacar (Js 17.11). A localização moderna é Tell Ta’annak, 8 quilômetros a sudeste da antigo Megido. **Dor** era uma cidade real cananéia a cerca de 12 quilômetros ao norte de Cesárea. Ela ficava no território de Issacar, mas pertencia à tribo de Manassés. As minas podem ser vistas em el-Burj. **Ibleão** era uma cidade em Issacar que também foi dada a Manassés. Sua localização é desconhecida. O termo hebraico para **Megido** significa “lugar de tropas”. Era uma cidade a oeste do Jordão, na planície de Jezreel, fundada em cerca do ano 3500 a.C. Muitos

de seus primeiros habitantes viveram em cavernas. Ela é a moderna Tell el-Mutesellim.

Mais tarde, quando os israelitas se fortaleceram, os cananeus foram colocados debaixo de trabalhos forçados, mas não foram completamente expulsos (28; cf. Js 17.11-13).⁶

Tampouco expeliu Efraim - a tribo que descendia do filho mais novo de José (Gn 41.52) - **os cananeus que habitavam em Gezer** (29). O termo hebraico significa “pedaço” ou “parte”. Era uma antiga cidade cananéia cuja história se estende até o ano 3000 a.C. E conhecida hoje como Tell Jazer, localizada a cerca de 29 quilômetros a noroeste de Jerusalém.

Zebulom - a tribo que descende do décimo filho de Jacó ou Israel (Gn 30.20) - também fracassou na expulsão dos cananeus de **Quitrom** e **Naalol** (30). A localização de ambas as cidades é desconhecida. **Naalol**, também grafada com Naalal (Js 19.15; 21.35), significa “pastagem”. No caso de Zebulom, lemos que os ímpios **habitavam no meio dele e foram tributários**, ou seja, estavam sujeitos a trabalhos forçados (Js 19.10-16).

Aser - a tribo que descende do oitavo filho de Jacó (Gn 30.13) - também não conseguiu expulsar **os moradores de Aco, Sidom, Alabe, Aczibe, Helba, Afeca e Reobe** (31; Js 19.24-31). **Aco** - do hebraico “areia quente” - é mencionada apenas aqui. Era uma cidade do litoral da Palestina, construída numa pequena faixa de terra que se projeta sobre o Mediterrâneo, cerca de 40 quilômetros ao sul de Tiro. Foi visitada por Paulo (At 21.7 - Ptolemaida), atacada por Napoleão, capturada por Allenby em 1918 e é hoje chamada de Akka. **Sidom** - do hebraico “lugar de pesca” - era uma antiga cidade cananéia (Gn 10.15,19) na costa da Palestina, situada 35 quilômetros ao norte de Tiro. Jesus visitou certa vez esta região e talvez a própria cidade (Mt 15.21; Mc 7.24,31). Paulo passou por este porto em sua viagem a Roma (At 27.3). E a moderna Saida. **Alabe** - do hebraico, “abundância, fertilidade” - era provavelmente a moderna Khirbet el Mahalib, a cerca de 6,5 quilômetros a nordeste de Tiro. **Aczibe** era uma cidade costeira (Js 19.29). Era chamada de Ekdippa pelos gregos

e romanos e talvez seja a moderna ez-Zib, 13,5 quilômetros ao norte de Aco. Havia uma outra cidade chamada Aczibe no sul da Palestina (Js 15.44; Mq 1.14), que pode ser a mesma Quezibe de Gênesis 38.5 ou Cozeba de 1 Crônicas 4.22. A localização de **Helba**, que significa “região fértil”, é desconhecida. **Afeca** pode ser a moderna Tell Kurdaneh, cerca de 13 quilômetros ao sul de Akka, próxima da costa, embora esta localização não seja precisa. Afeca também é o nome da cidade real cananéia na planície de Sarom (Js 12.18); uma cidade a leste de Quinerete (1 Rs 15.20); um lugar a noroeste de Jerusalém onde os filisteus acamparam (1 Sm 4.1) e um lugar na planície de Jezreel onde os filisteus mais tarde se reuniram (1 Sm 29.1). **Reobe** era uma cidade levítica na fronteira com Aser, a moderna Hunin. Havia uma cidade no vale superior do Jordão chamada Bete-Reobe (Jz 18.28), mas em Números 13.21 ela é chamada de Reobe.

Naftali - a tribo que descende do sexto filho de Jacó (Gn 30.8) - não conseguiu expulsar os cananeus de **Bete-Semes** e de **Bete-Anate** (33). Eles compartilharam sua terra com os nativos, mas as duas cidades foram subjugadas e tiveram que realizar trabalhos forçados (Js 19.32-39) e **lhes foram tributários**. O texto paralelo de Josué lista 19 cidades dentro do território de Naftali. É desconhecida a localização de **Bete-Semes**, que quer dizer “casa do sol”. **Bete-Anate**, a moderna el-Ba’neh, estava a cerca de 19 quilômetros de Aco. **Bete-Anate** deve ser distinguida de Bete-Anote (Js 15.59), uma cidade nas montanhas de Judá.

H. Alguns povos hostis nas montanhas, 1.34-36

A tribo de Dã - descendentes do quinto filho de Jacó (Gn 30.6) - não conseguiu tomar posse do território que lhes foi concedido (Js 19.40-46). A terra ficava ao norte e a oeste de Jerusalém e estendia-se até a costa do Mediterrâneo. Os danitas foram empurrados de volta às montanhas pelos **amorreus**, um povo guerreiro que habitava as **montanhas de Heres, em Aijalom e em Saalabim** (35). As tribos descendentes de José - Efraim e a meia tribo de Manassés - por fim os reduziram ao estado de servidão: eles lhes **ficaram tributários**. O termo **amorreus** vem de “habitantes dos montes”. A história antiga deste povo é obscura (Gn 10.16; 14.7,13; 15.16,21). Eles são

mencionados como descendentes de Canaã e aparecem na história bíblica em tempos remotos como o de Abraão (cf. comentário de Josué 3.10). A localização das **montanhas de Heres** e sua relação com **Aijalom** não são conhecidas. É possível que **Aijalom** seja a moderna Jalo, situada 22 quilômetros a noroeste de Jerusalém. Também existe uma cidade em Zebulom chamada Aijalom (Jz 12.12). A localização de **Saalabim** é desconhecida.

A geografia do versículo 36 é de difícil determinação, uma vez que apenas **Acrabim** tem localização conhecida (Js 14.3). Era um declive na ponta sul do mar Morto, entre o deserto e as colinas de Judá. Alguns comentaristas aceitam uma leitura alternativa da LXX que nomeia os edomitas em lugar dos amorreus como uma solução, embora seja difícil entender porque os edomitas seriam mencionados neste contexto.

I. Uma mensagem solene de Deus, 2.1-5

E subiu o Anjo do Senhor (Êx 23:20; Js 5.13-15) de Gilgal a Boquim (1) com

uma mensagem de Deus. Apontado como porta-voz de Deus,⁷ ele disse ao povo: “Do Egito vos fiz subir, e vos trouxe à terra que a vossos pais tinha jurado, e disse: Nunca invalidarei o meu concerto convosco [Êx 34.10-27], E, quanto a vós, não fareis concerto com os moradores desta terra; antes, derrubareis os seus altares. Mas vós não obedestes à minha voz. Por que fizestes isso? Pelo que também eu disse: Não os expelirei de diante de vós; antes, **estarão às vossas costas** [3], e os seus deuses vos serão por laço”.

Terrível calamidade espera os homens e as nações quando eles são abandonados por Deus. Quando o anjo terminou de falar, a audiência **levantou a sua voz e chorou** (4). Por causa disso, **chamaram àquele lugar Boquim** (5) e ali ofereceram sacrifícios ao Senhor. Bochim significa “pranteadores”. Este local ficava a oeste do Jordão, perto de Gilgal.

Seção II

CINCO JUÍZES

Juizes 2.6 — 8.32

A. Introdução, 2.6-3.6

1. *Resumo de uma Época* (2.6-10)

O versículo 6 retoma o relato a partir do fechamento do livro de Josué. Perto do final de sua vida, ele reuniu a nação em Siquém, uma cidade murada (Gn 33.18) nas colinas de Efraim (Js 20.7), próxima do monte Gerizim (Jz 9.7). Ela é a moderna Nablus, cerca de 50 quilômetros ao norte de Jerusalém, um centro da população samaritana restante hoje em dia.

Depois de terem sido dispensadas por Josué, as pessoas foram **à sua herdade, para possuírem a terra** (6). Ele morreu aos 110 anos e seus restos foram sepultados em **Timnate-Heres**, na região montanhosa de **Efraim, para o norte do monte Gaás** (9). **Timnate-Heres** significa “porção do sol” e é o mesmo que Timnate-Será (Js 19.50; 24.30). E, provavelmente, a moderna Tibnah, localizada 19 quilômetros a nordeste de Lydda. O **monte Gaás** é uma colina ao sul de **Timnate-Heres**.

Enquanto Josué e os anciãos estavam vivos, os israelitas adoraram a Deus; mas, um a um, esta geração se foi. A nova geração não conhecia pessoalmente o Senhor e eles nunca viram as grandes coisas que Deus fizera para Israel. Este breve parágrafo é um resumo da história de Israel desde a repartição da Terra Prometida até o início do período dos juizes propriamente dito.¹

2. *Uma Geração Perversa* (2.11-15)

Os israelitas rapidamente abandonaram a adoração a Deus e **serviram aos baalins** (11) termo que também pode ser traduzido como o plural de Baal. *Baal* significa “senhor, dono, proprietário ou marido”. Este termo aparece neste texto no plural enfático e significa

“o grande senhor” ou “o proprietário soberano”. Também pode denotar manifestações locais desta divindade.

O baalismo era uma religião da natureza. Sua ênfase era a fertilidade. Este culto diabólico provavelmente se originou da falsa idéia de que um ser sobrenatural é responsável pela produtividade de cada pedaço de terra e dos animais domésticos. Baal era uma divindade semita bastante conhecida no Egito antigo. Era o deus guardião dos fenícios. Era adorado em Moabe desde os tempos de Balaque (Nm 22.41). Entre os filisteus, era conhecido como Baal-Zebube, “o senhor das moscas” (2 Rs 1.2). Na Caldéia ele era considerado o governador dos céus.

A esta abominável adoração estavam associados vários atos lascivos (cf. 1 Rs 14.24), beijar a imagem de Baal (Os 13.2) e a realização de sacrifícios humanos, i.e., pais que sacrificavam seus próprios filhos como ofertas queimadas (Jr 19.5). É possível que para todos esses idólatras da antiguidade o termo Baal significasse o sol.

Astarote (13), às vezes grafado no plural, provavelmente era a deificação do planeta Vênus. Astarte, outro nome para Astarote, é a antiga deusa semítica do amor, da fertilidade e da maternidade. Ela era adorada a leste do Jordão desde os tempos de Abraão (Gn 14.5) pelos sidônios e fenícios (**1 Rs 11.33**), pelos árabes do sul e pelos filisteus (**1 Sm 31.10**). Na Babilônia e na Assíria (onde era conhecida com Ishtar), também era uma deusa da guerra. Sua adoração incluía a prostituição como um ritual religioso. Até mesmo Salomão fraquejou, seduzido pelos seus fascinantes encantos (**1 Rs 11.5**). Nos dias de Jeremias, os hebreus a chamavam de “Rainha dos Céus” (Jr 7.18). Era conhecida pelos gregos como Afrodite e pelos romanos como Vênus.

Não é de surpreender o fato de a ira de Deus ter-se acendido contra seu povo. Ele removeu o muro de fogo de sua proteção (Jó 1.10; Zc 2.5) e permitiu que as nações vizinhas saqueassem Israel. Deus se tornou seu Inimigo (1 Sm 28.16) e fez com que eles fossem derrotados na batalha. Toda vez que saíam para marchar contra o inimigo a mão do Senhor estava contra eles para lhes causar mal. Que todo aquele que

se esquece de Deus preste atenção! “Quem tem ouvidos para ouvir ouça” (Mt 11.15).

3. *À Lição de Moral da História* (2.16-23)

O versículo 16 apresenta-nos o ciclo recorrente encontrado por todo o livro e as pessoas que Deus periodicamente levantou para livrar seu povo das opressões nas quais ele caíra. O termo **juizes** (16) nos é confuso, uma vez que passou a ser usado quase que exclusivamente para designar aquele que preside uma corte da lei. O significado bíblico está mais ligado à natureza do líder, do governador ou do defensor (veja Introdução). O ciclo era composto de pecado e apostasia, servidão a um poder estrangeiro, arrependimento e oração, levantamento de um juiz, um período de libertação, seguido pela morte do juiz, e um novo período de pecado, servidão e opressão.

A “palavra final de Deus” é vista nos versículos 10 a 16. (1) não há salvação sem que haja um conhecimento pessoal de Deus (v. 10); (2) os homens tendem a se esquecer e a se afastar de Deus (w. 11-13); (3) Deus não vai permitir que apostatemos confortavelmente (w. 14,15); (4) sua palavra final é de perdão e misericórdia para com aquele que se arrepende (v. 16).

Se prostituíram (17) é a familiar comparação bíblica (cf. Os 2.5,13) de Deus como o marido e de seu povo como uma esposa infiel quando a nação é culpada de adorar outros deuses. **O Senhor se arrependia (18)**, ou seja, Deus se compadecia do povo quando este se voltava a Ele em sua aflição e mudava seu procedimento, a fim de trazer a libertação no lugar da opressão.

O versículo 22 ilustra a maneira hebraica comum de falar de resultados numa linguagem que usaríamos para indicar propósito. A presença dos ímpios na terra juntamente com Israel devia-se ao fracasso e à idolatria do povo, a fim de resultar que isso testava ainda mais a lealdade dos israelitas ao Senhor.¹

4. *Deus Prova seu Povo* (3.1-6)

A presença do resto das tribos ímpias na terra de Canaã não apenas provou a lealdade do povo de Deus (1), mas também deu a eles treinamento nas necessárias disciplinas de **guerra** e defesa (2). São mencionados quatro grupos nacionais: os **filisteus**, liderados por **cinco príncipes** (3) - chefes das cinco principais cidades-estado da Filístia, Asdode, Asquelom, Ecrom, Gate e Gaza - **os cananeus, e sidônios, e heveus**,

O termo “filisteu” é derivado de uma raiz hebraica e significa “rolar, como no pó ou nas cinzas” e, assim, por extensão, “ser um migrante”. O termo traduzido como **príncipes** é uma palavra estranha que significa: “déspotas” ou “chefes supremos”. Este povo belicoso de Caftor (provavelmente Creta: Jeremias 47.4; Amós 9.7) já estava na Palestina, lugar chamado assim por causa deles no tempo do Êxodo (Êx 13.17). Eles incomodaram Israel até depois da época dos macabeus, quando aparentemente perderam sua identidade nacional ao se mesclarem com a nação judia. Este povo não é mencionado no Novo Testamento. O Mediterrâneo é mencionado uma vez como o mar dos filisteus (Êx 23.31).

Em relação aos **cananeus**, veja o comentário de Josué 3.10.

Os **sidônios** eram fenícios que viviam tanto em Sidom como ao seu redor, desde a costa do Mediterrâneo até o norte e o oeste. Acredita-se que os **heveus, que habitavam nas montanhas do Líbano, desde o monte de Baal-Hermom até à entrada de Hamate** (3) possam ser um povo chamado de horeus. **Líbano** é uma referência a uma cordilheira de montanhas nevadas que se localiza ao norte da Palestina e estende-se por cerca de 150 quilômetros. Seus dois picos mais altos alcançam a altura de 3.100 metros acima do nível do mar. As montanhas são chamadas de Líbano (hebraico: “branco”) por causa da cor da pedra calcária encontrada ali. O monte Hermom marcava o limite nordeste da conquista dos hebreus sob Moisés e Josué. Seu ponto mais alto consiste de três picos, que se elevam a cerca de 2.700 metros e são cobertos de neve o ano todo. Ele foi chamado certa vez de “monte Sião” (Dt 4.48). É a nascente do Jordão, e possivelmente tenha sido o lugar da transfiguração de Jesus (Mt 17.113). **Baal-Hermom** foi talvez um lugar no declive leste. **Hamate** era uma grande cidade

na Síria e o nome do distrito controlado por esta cidade. A **entrada de Hamate** era normalmente considerada como a fronteira ao norte ideal da Palestina (Js 13.5; Nm 13.21; 34.8). Este lugar não deve ser confundido com Hamate, a cidade murada de Naftali (Js 19.35).

A lista de nações apresentada no versículo 5 é idêntica à de Josué 3.10 com a omissão dos girgaseus. Veja a explicação naquela passagem.

B. Otniel, 3.7-11

Os filhos de Israel pecaram ao se esquecerem **do Senhor, seu Deus, e serviram aos baalins e a Astarote**. Sobre os baalins, veja o comentário de 2.11. Algumas variantes da ARC trazem **Aserote** (heb. *Asherah*) ou **bosque**. É possível que Aserote também identifique um símbolo de Astarte, uma árvore sagrada ou poste erigido próximo a um altar; talvez originalmente o tronco de uma árvore com todos os ramos cortados (veja Ex 34.13; Dt 16.21; 1 Rs 16.33; 2 Rs 13.6; 17.16; 18.4; 21.3; 23.6,15).

Desse modo, a ira de Deus se acendeu contra seu povo **e ele os vendeu em mão de Cusã-Risataim, rei da Mesopotâmia** (8). Durante oito longos anos os israelitas pagaram tributo a este senhor estrangeiro. O único remédio de Deus para a apostasia é o julgamento. **Cusã-Risataim** é o equivalente hebraico para “etíope de grande impiedade”. Esta é a única referência a este rei na literatura antiga. A **Mesopotâmia** era um território que ficava entre os rios Tigre e Eufrates. E o nome grego para esta região, usado depois do tempo de Alexandre, o Grande. Num sentido mais amplo, ela englobava Ur dos caldeus (At 7.2). Alguns habitantes da Mesopotâmia estavam presentes no dia de Pentecostes (At 2.9).

Em arrependimento e oração, o povo se voltou para o Senhor. Em resposta, **o Senhor levantou... Otniel, filho de Quenaz, irmão de Calebe, mais novo do que ele** (9). Veja o comentário de 1.13. **Veio sobre ele o Espírito do Senhor** (10) e ele governou Israel. Os juízes eram o que se conhece como “líderes carismáticos”, ou seja, eles eram inspirados, capacitados e dirigidos pelo Espírito do Senhor. Jacob Myers destaca as principais características de um “juiz”

conforme ilustradas em Otniel. Ele possuía o Espírito de Deus. Agia como árbitro nas decisões de um caso. Tornou-se líder militar nos momentos de crise. Também exerceu a supervisão de um general sobre o povo.^{[1](#) [2](#)}

A vitória de Otniel é descrita de maneira breve: **o Senhor deu na sua mão a Cusã-Risataim, rei da Síria; e a sua mão prevaleceu contra Cusã-Risataim** (10). Seguiu-se um período de **quarenta anos** (11) de paz, número que provavelmente deve ser tomado como arredondado, a medida de uma geração bíblica.

C. Eúde, 3.12-30

1. *Moabe Derrota Israel* (3.12-14)

Mais uma vez, os israelitas fizeram o que era mal aos olhos de Deus e, como punição, **o Senhor esforçou a Eglom, rei dos moabitas, contra Israel** (12). Os moabitas habitavam uma região entre o mar Morto e o rio Arnom, a leste do vale do Jordão. Eglom reuniu os amonitas e os amalequitas para ajudá-lo. Em hebraico Amom significa “aparentado”, i.e., nascido de incesto. Os amonitas eram descendentes de Bem-Ami (Gn 19.38), um filho de Ló cuja mãe era a filha mais nova deste patriarca. **Amaleque** significa “laborioso”. Ele era filho de Esaú (Gn 36.12) e pai da tribo árabe que foi inimiga hereditária dos israelitas (cf. Ex 17.8; Dt 25.17). A coalizão derrotou facilmente Israel e tomou posse de Jerico, **a cidade das Palmeiras** (13; cf. Dt 34.3). Desse modo, os filhos de Israel serviram aos moabitas por **dezoito anos** (14).

para assassinar o rei moabita. Quando os israelitas o enviaram com um **presente a Eglom** - provavelmente o pagamento anual do tributo aos conquistadores - Eúde levou debaixo de sua roupa uma adaga de cerca de 45 centímetros de comprimento. A informação de que **era Eglom homem mui gordo** (17) é destacada no texto.

Depois de entregar o tributo, provavelmente, ao analisar a situação naquele momento, Eúde mandou embora seus próprios ajudantes.

Eles foram até **perto das imagens de escultura, ao pé de Gilgal** (19), um termo que indica a presença de imagens ou ídolos. Não é possível identificar hoje qual é este local. Ao voltar à presença do rei, ele disse: **Tenho uma palavra secreta para ti, ó rei**. Quando o rei ordenou que todos os seus servos saíssem do **cenáculo fresco** (20), uma câmara isolada, Eúde declarou: **Tenho para ti uma palavra de Deus**. É bem provável que Eglom tenha entendido “eu tenho uma mensagem dos deuses”, uma vez que a expressão hebraica *ha-Elohim* pode significar tanto Deus como “os deuses”, dependendo do contexto. Por ser idólatra, ele se levantou respeitosamente.

Eúde então sacou a adaga escondida e a enfiou completamente no abdome do rei. Se ele tivesse usado a mão direita, o rei poderia ter desconfiado e feito um movimento para se defender. Mas ao usar a mão esquerda, o assassino pegou sua vítima desprevenida. Tão forte foi a punhalada que o cabo foi sugado pelo corpo do rei **e saiu-lhe o excremento** (22). Eúde deixou sua vítima à morte, saiu apressadamente, e **cerrou sobre ele as portas do cenáculo e as fechou** (23). O significado exato do termo hebraico traduzido como **cenáculo** não é claro. É usado apenas nesta passagem em todo o Antigo Testamento.

3. *Uma Descoberta Surpreendente* (3.24,25)

Depois de Eúde ter desaparecido, os servos do reino retornaram. Quando perceberam que as portas do cenáculo estavam fechadas, eles comentaram: **Sem dúvida está cobrindo seus pés na recâmara do cenáculo fresco** (24), ou seja, “estava fazendo suas necessidades fisiológicas” (cf 1 Sm 24.3). Eles esperaram **até se enfastiarem** (25), ou ficarem perplexos e perturbados. Finalmente os servos pegaram uma chave, abriram as portas e encontraram o rei estendido no chão, morto.

4. *Dez Mil Moabitas são Mortos* (3.26-30)

Enquanto os súditos reais esperavam, Eúde fugiu. Ele **passou pelas imagens de escultura** (veja comentário de v. 19) **e escapou para Seirá** (26), um lugar próximo às **montanhas de Efraim** (27),

localização atualmente desconhecida. Dali, ele determinou que o povo se reunisse para a guerra. Na confiança de que **o Senhor vos tem dado a vossos inimigos, os moabitas, na vossa mão** (28), o povo o seguiu até Moabe, passando pelos vaus do Jordão. Aparentemente em pânico, devido à morte de seu rei, os moabitas fugiram para casa, e **uns dez mil homens** (29) do inimigo foram mortos. Após esta notável vitória seguiu-se um período de oito anos de paz (30).

D. Sangar, 3.31

O terceiro juiz de Israel foi **Sangar, filho de Anate**. Ele feriu **seiscentos homens dos filisteus com uma aguilhada de bois**, uma longa vara afiada em uma das pontas ou com uma ponta de ferro, usada no lugar de um chicote para manejar os bois. Pouco se sabe sobre **Sangar** além daquilo que se pode inferir a partir deste versículo e da menção que se faz dele no cântico de Débora (5.6), o que deixaria implícito que seu feito heróico aconteceu bem no início do período dos juizes. Uma vez que **Anate** aparece em outros textos como o nome de um lugar (Bete-Anate em Js 15.59 e Bete-Anate em Js 19.38 e Jz 1.33), conjectura-se que a expressão **filho de** tem o sentido de “habitante de”. **Sangar** é um nome estrangeiro, provavelmente vindo do hurriano.

Se Deus pôde usar este humilde israelita para libertar seu povo, o que poderia Ele fazer com qualquer membro de seu povo hoje, nesta era de tanto conhecimento, de transportes rápidos, de comunicação de massa, etc.? “Que é isso na tua mão?” (Ex 4.2). Lembre-se: todo cristão tem pelo menos um talento (Mt 25.15). Portanto, cada um deve fazer o que pode com aquilo que tem, enquanto possui condições, e deixar os resultados com Deus: “E quem sabe se para tal tempo como este chegaste a este reino?” (Et 4.14).

E. Débora, 4.1-5.31

1. *Israel é Oprimido pelos Cananeus*, (4.1-3)

O próximo ciclo de opressão e libertação começa **depois de falecer Éúde** (1), o que indica que ou o juizado de Sangar (3.31) não aparece

numa seqüência cronológica ou que aconteceu em outra parte do país. A fonte da nova opressão foi **Jabim, rei de Canaã, que reinava em Hazor**. Seu general ou capitão, **Sísera**, tinha seu quartel general **em Harosete-Hagoim** (2). **Hazor** estava localizada no território concedido a Naftali (veja o mapa). Ela fora atacada e queimada anteriormente por Josué (Js 11.13) e, mais tarde, fortificada por Salomão (1 Rs 9.15). Foi identificada como a atual El-Qedah, cerca de 6,5 quilômetros a sudoeste do lago Hulé. Existem outras quatro localidades que são chamadas de Hazor no AT: uma cidade no extremo sul de Judá, próxima de Cades (Js 15.23); Quiriot-Hezrom, cerca de 7 quilômetros ao sul de Tell Ma'in (Js 15.25); uma vila em Benjamim (Ne 11.33) e uma região a leste da Palestina, no deserto da Arábia (Jr 49.28). Não é possível definir com precisão a localização de **Harosete-Hagoim** ou **Harosete dos gentios** (conforme algumas versões), mas pode ser Tell 'Amar, a 25 quilômetros a noroeste de Megido. A designação “dos gentios” pode ter sido usada para indicar a máxima penetração dos israelitas até este ponto (cf. 13, 16).

Um fato particularmente perturbador para os israelitas eram os **novecentos carros de ferro**, talvez armados com foices de ferro que se projetavam dos eixos das rodas em ambos os lados. A opressão durou **vinte anos** e, **então, os filhos de Israel clamaram ao Senhor** (3).

2. *Baraque Reúne as Tropas* (4.4-10)

Débora, mulher profetisa, mulher de Lapidote, julgava a Israel naquele tempo (4).³ Ela fixou residência em Efraim, debaixo de uma palmeira, **entre Ramá e Betei**. **Ramá** - do hebraico “lugar elevado” - era um nome bastante conhecido na Palestina montanhosa. **Ramá** e **Betei**, mencionadas aqui, distavam entre si cerca de 6 quilômetros, alinhadas ao norte de Jerusalém, ficando **Ramá** a cerca de 10 quilômetros desta. Outros cinco locais são chamados de Ramá no AT: o lugar de nascimento de Samuel (1 Sm 1.19); uma cidade na fronteira do território de Aser (Js 19.29); uma cidade murada de Naftali (Js 19.36); uma cidade a leste do Jordão em Gileade, também conhecida como Ramote-Gileade (2 Rs 8.28,29) e uma vila em Simeão (Js 19.8).

Os israelitas vieram a Débora **a juízo** (5).

No auge da opressão, Débora enviou **a Baraque, filho de Abinoão**, que morava em **Quedes de Naftali** (6). O nome **Baraque** significa “relâmpago”. **Quedes de Naftali** ou

“Quedes em Naftali” é diferente da Quedes no extremo sul de Judá (Js 15.23) e da cidade levítica de Issacar (1 Cr 6.72). Também é conhecida como Quedes, na Galiléia (Js 21.32). Este nome significa “santuário”.

Débora entregou a Baraque uma mensagem do Senhor Deus de Israel, a fim de orientá-lo a ir **ao monte de Tabor** e levasse consigo **dez mil homens** das tribos de **Naftali** e de **Zebulom**. **Tabor** é uma montanha de pedra calcária na fronteira de Issacar, que se eleva a 562 metros acima do nível do mar. E a moderna Jebel el-Tur, a cerca de 19 quilômetros a nordeste de Megido. Tabor também era o nome de uma cidade levítica de Zebulom (1 Cr 6.77). O Senhor atrairia **para o ribeiro de Quisom a Sísera, capitão do exército de Jabim** (7). Para poder abater os homens de Baraque, Sísera teria que cruzar a planície na qual **o ribeiro de Quisom**, o segundo rio mais importante da Palestina, corria para o mar. E neste lugar que o Senhor disse **o darei na tua mão**.

Baraque aprovou o plano sob a condição de que Débora fosse com ele (8). A profetisa concordou, assegurando, porém, ao guerreiro que esta expedição não traria glória a ele, uma vez que o Senhor entregaria **Sísera na mão de uma mulher** (9). O certo é que Débora era a mais forte dos dois. Sua presença no meio do exército daria tanto ao líder como aos homens a certeza da bênção de Deus. A partir de Quedes, Baraque fez a convocação dos homens de Zebulom e Naftali e **subiu com dez mil homens após si** (10).

3. *Um Queneu Independente* (4.11)

Héber, queneu, é mencionado incidentalmente aqui para justificar a presença de suas tendas e de sua mulher, Jael, na área. Os queneus eram nômades que vagueavam pela região desértica ao sul de Judá. Contudo, **Héber** e sua família penetraram na região ao norte e

estavam acampados perto de Quedes **até ao carvalho de Zaananim** (11). **Hobabe, sogro de Moisés** - veja comentário de 1.16. O AT menciona três homens com o nome de Héber: um neto de Aser (Gn 46.17); um descendente de Esdras (1 Cr 4.18) e um benjamita da família de Saaraim (1 Cr 8.17). Este nome também é grafado como Eber em 1 Crônicas 5.13 (algumas versões); 8.22 e Lucas 3.35. ³ num charco no qual as gloriosas carruagens dos cananeus se tornaram um obstáculo em vez de uma vantagem. O resultado foi a derrota total das forças de Sísera e sua destruição. O próprio general abandonou sua carruagem atolada e fugiu a pé.

5. *A Morte de Sísera* (4.17-22)

A fuga de Sísera o levou de volta ao campo de Héber e, dali, **para a tenda de Jael, mulher de Héber** (17). Os nômades viviam em paz tanto com os israelitas como com os cananeus. Quando Jael viu Sísera passar por ali, disse: “Retira-te, senhor meu, retira-te para mim, não temas”. Assim ele parou e entrou na tenda, onde **ela cobriu-o com uma coberta** (18) ou uma “colcha” ou “manta”. Quando o capitão pediu água, Jael **abriu um odre de leite** (19) e deixou que ele bebesse. Os nômades usavam odres, feitos de pele de cabra ou de ovelha, como recipientes para água, vinho ou leite.

Encorajado pela hospitalidade aparentemente amigável e pelo fato de que os nômades viviam em paz com os habitantes de Canaã, Sísera orientou sua anfitriã para que se colocasse **à porta da tenda** (20) e respondesse **não** caso alguém perguntasse se havia um homem ali. Então, confiante e seguro, ele adormeceu. Foi, porém, **o sono da morte** (SI 13.3 ARA), pois, ao perceber que seu convidado estava num sono profundo, Jael tomou uma estaca da tenda e um martelo, cravou-a em sua têmpora, atravessou-a e fincou-a no chão. Foi desse modo que um guerreiro cansado morreu nas mãos de uma mulher astuta (21).⁶

Quando Baraque chegou à tenda de Jael em sua busca pelo inimigo, a mulher lhe disse: “Vem, e mostrar-te-ei o homem que buscas”. Baraque a seguiu, entrou em sua tenda e ficou surpreso, ao ver Sísera morto, preso ao chão por uma longa estaca que atravessava sua **fonte**

(22).

Várias tentativas têm sido feitas no sentido de justificar a atitude de Jael, baseando-se no comportamento da época, o qual punia com a morte o estrangeiro que entrasse na tenda de uma mulher beduína. Por outro lado, Jael agiu com hospitalidade e transmitiu confiança. Provavelmente é melhor reconhecer que aqueles eram tempos de violência e traição e que os eventos são escritos sem julgamento moral. Os queneus, embora em paz com Jabim e Sísera, foram aliados próximos dos israelitas por toda sua história.

6. *Jabim é Subjugado* (4.23,24)

A derrota de Sísera e seu exército levaram à destruição de Jabim e seu reino cananeu. **Assim, Deus, naquele dia, sujeitou** (ou subjugou) **a Jabim, rei de Canaã, diante dos filhos de Israel** (23). Os israelitas fortaleceram-se cada vez mais até que foram capazes de destruir seu inimigo (24).

7. *O Cântico de Débora* (5.1-31)

O capítulo 5 é uma descrição poética da batalha entre os israelitas, sob o comando de Débora e Baraque, e os cananeus, comandados por Sísera. Ele nos dá alguns detalhes que são omitidos do relato em prosa, mais curto, feito no capítulo 4. O “Cântico de Débora”, como tem sido chamado, é uma obra de arte da poesia hebraica antiga. Tanto a linguagem como a forma mostram que se trata de uma das primeiras obras poéticas do AT, possivelmente preservada numa coleção de cânticos de guerra como o Livro do Reto (ou “Livro de Jaser”) ou “no livro das Guerras do Senhor” (Nm 21.14).

a. *O Senhor sai para a guerra* (5.1-5). O cântico inicia-se com uma exortação para que se louve ao Senhor em lembrança de suas manifestações anteriores.

Porquanto os chefes se puseram à frente em Israel, porquanto o povo se ofereceu voluntariamente, louvai ao Senhor.

*Ouvi, reis; dai ouvidos, príncipes; eu, eu cantarei ao Senhor;
salmodiarei ao Senhor, Deus de Israel.*

*O Senhor, saindo tu de Seir, caminhando tu desde o campo de Edom,
a terra estremeceu; até os céus gotejaram, até as nuvens gotejaram
águas.*

*Os montes se derreteram diante do Senhor, e até o Sinai diante do
Senhor, Deus de Israel. (2-5)*

Nos versículos 4 e 5 a recente libertação dos cananeus é ligada às manifestações divinas no Sinai, onde o Senhor apareceu pela primeira vez a Israel, e à marcha sobre Seir e Edom rumo a Canaã.

b. O Senhor é esquecido por Israel (5.6-11). As condições de Israel são descritas e ligadas à apostasia passada do povo. **Nos dias de Sangar** (6) e Jael, as estradas públicas não eram seguras. As caravanas não passavam mais pela terra e os viajantes optavam por caminhos afastados e menos freqüentados para não serem pilhados por bandos de saqueadores da terra de Canaã. Nem a vida nem as propriedades estavam seguras. As vilas estavam abandonadas; as pessoas viviam juntas em abrigos fortificados para sua própria proteção. A confusão e a anarquia reinavam, até que Débora se levantou **por mãe em Israel** (7). A razão dessa deplorável condição era o fato de os hebreus terem escolhido **deuses novos** (8) e, assim, terem sido abandonados pelo Senhor (Is 42.8). Quando veio a guerra, eles ficaram indefesos contra o inimigo porque nem escudo nem lança foram encontrados entre 40 mil soldados.

Mãe em Israel (v.7). Chama a atenção para a importância das mães que são verdadeiramente mães espirituais. (1) Débora tinha responsabilidades em casa (4.4); (2) Ela era profetisa, alguém que falava a palavra do Senhor (4.4); (3) Ela inspirou fé e heroísmo em Baraque (4.8,9); (4) Ela expressou seu louvor a Deus por meio de um cântico (5.1-7).

Quando o povo e seus líderes finalmente se voltaram para o Senhor (4.3), um novo espírito se apossou da nação oprimida. Débora disse:

Meu coração é para os legisladores de Israel, que voluntariamente se ofereceram entre o povo (9). O que ela quis dizer foi: “Tenho simpatia pelos comandantes militares de Israel que se entregaram tão liberalmente em favor do bem público”. As pessoas foram convocadas a falar disso (10). Longe do **estruído dos flecheiros (11)** nos **lugares onde se tiram águas**, os homens falarão **das justiças do Senhor, das justiças que fez às suas aldeias em Israel.**

c. *A convocação das tribos (5.12-18).* Estes versículos descrevem o chamado feito por Débora e Baraque para levantar e liderar o povo em sua luta pela liberdade. Então é citada a resposta das tribos.

Desperta, desperta, Débora, desperta, desperta, entoa um cântico;

levanta-te, Baraque, e leva presos teus prisioneiros, tu, filho de Abinoão.

Então, o Senhor fez dominar sobre os magníficos, entre o povo ao que ficou de resto; fez-me o Senhor dominar sobre os valentes (12,13).

De Efraim saiu a sua raiz contra Amaleque (14), ou seja, “um descendente de Efraim derrotou Amaleque” (veja Êx 17.10). A menção de **Efraim, Benjamim, Maquir** (filho de Manassés - Gn 50.23), **Zebulom (14)** e **Issacar (15)** serve para identificar o território objeto da opressão comandada por Jabim e Sísera (veja o mapa). Por outro lado, **Rúben (15)**, os habitantes de **Gileade (17)** - o país escarpado e montanhoso a leste do Jordão - **Dã** e **Aser** não responderam ou não atenderam totalmente ao pedido de ajuda feito por seus compatriotas. Estas tribos estavam na fronteira das áreas mais diretamente envolvidas. As expressões **grandes as resoluções do coração** e **grandes esquadrinhações do coração** (w.15,16) são idênticas no hebraico e provavelmente devem ser entendidas no sentido de terem um coração dividido.⁶ Os homens de Dã ficaram com seus navios e o povo de Aser se **assentou nos portos do mar e ficou nas suas ruínas (17)** ou “em suas baías” (ARA). Em contraste, os homens de **Zebulom** e **Naftaii** arriscaram suas vidas **nas alturas do campo (18).**

d. O Senhor luta por Israel (5.19-23). O cântico prossegue e fala sobre a batalha em si. O local da disputa, **em Taanaque, junto às águas de Megido** (19), refere-se mais uma vez ao papel crucial exercido pelo rio na derrota dos cananeus. Os reis cananeus vieram - Jabim acompanhado por outros - e planejaram seu ataque. Os soldados de Israel **não tomaram ganho de prata**, i.e., não tomaram espólios de guerra, pois a batalha era do Senhor. **Desde os céus pelejaram; até as estrelas desde os lugares dos seus cursos pelejaram contra Sísera** (20) é uma linguagem poética para a ajuda divina, do mesmo modo como dizemos “que os céus o ajudem”. Outra interpretação vê nas estrelas uma alusão a Gênesis 15.5, onde a semente de Abraão é descrita como as estrelas do céu.

O versículo 21 descreve o meio usado por Deus para destruir o exército cananeu. O Quisom cheio varreu os soldados inimigos que tentaram cruzá-lo e o solo se transformou num pântano no qual as carruagens atolaram. **Pisaste, ó minha alma, a força** (21) -i.e., tu os esmagaste sob teus pés, tal como o grão no tempo da debulha (Jr 51.33) ou as uvas no lagar (9.27; Jr 25.30), os homens de força e poder.

O versículo 22 sugere que os condutores das carruagens lançaram seus cavalos sem ferraduras com tamanha violência sobre o terreno duro que seus cascos foram quebrados e os animais ficaram incapacitados para a batalha, uma possível razão para Sísera ter abandonado sua carruagem e fugido a pé. Também é provável que isso descreva a fuga em pânico dos cavalos diante do aumento do nível do rio, abandonados por seus condutores mas ainda presos às suas carruagens atoladas.

Um dos grandes trechos desta porção das escrituras é encontrado no versículo 23: a maldição de **Meroz**, porque seus moradores **não vieram... em socorro do Senhor, com os valorosos**. Esta comunidade do norte da Palestina pode ser Khirbet Marus, cerca de 12 quilômetros ao sul de Quedes-Naftali. Mas não é conhecida a ocasião em particular do fracasso de seus habitantes. Porém, há aqui uma vivida expressão do descontentamento divino com aqueles que reconhecem sua obrigação no Reino, mas não fazem algo em relação a ela. Nos dias em que o inimigo é forte, é pecado deixar de sair

a serviço do Senhor.

e. *A morte de Sísera* (5.24-27). Esta estrofe do cântico de Débora é o paralelo poético ao relato em prosa de 4.17-22. Ele cumpre a predição da profetisa que disse que o crédito da destruição de Sísera não iria para Baraque, mas para uma mulher (4.9): **Bendita seja sobre as mulheres Jael, mulher de Héber, o queneu** (24). **Em taça de príncipes lhe ofereceu manteiga** (ou nata - ARA). Já se sabia que o leite e seus derivados contribuía para o relaxamento e o sono. Uma vez que era costume que as mulheres beduínas montassem as tendas, a estaca e o malho eram ferramentas familiares a Jael. **Rachou-lhe a cabeça**, talvez ao desacordá-lo com um golpe do martelo antes de enfiar-lhe a estaca.

O versículo 27 é interpretado na LXX no sentido de indicar que Sísera possa ter estuprado Jael antes de ter caído no sono e que o assassinato daquele homem foi uma vingança por sua honra. O texto massorético, ao contrário, deixa implícito que se trata de uma descrição poética da morte de Sísera.

f. *A miséria dos inimigos do Senhor* (5.28-31). Apatética ansiedade da mãe de Sísera é descrita no versículo 28. Olhando **pela janela**, ela **exclamava pela grade** que cobria a abertura: “Por que tarda em vir o seu carro? Por que se demoram os passos dos seus carros?”. **As mais sábias das suas damas** (29) lhe restabeleceram a confiança e, de fato, ela mesma respondeu: “Porventura não achariam e repartiriam despojos? Uma ou duas moças a cada homem? Para Sísera despojos de várias cores bordados de ambas as bandas, para os pescoços daqueles que tomam o despojo?” (30).

O ponto culminante da conclusão do cântico de Débora surge na primeira parte do versículo 31:

Assim, ó Senhor, pereçam todos os teus inimigos!

Porém os que o amam sejam como o sol quando sai na sua força.

Outra geração de paz seguiu-se à destruição das forças de Sísera: **E**

sossegou a terra quarenta anos.

F. Gideão, 6.1-8.32

1. Israel é Assolado pelos Midianitas (6.1-6)

Mais uma vez **os filhos de Israel fizeram o que parecia mal aos olhos do Senhor**. Desta vez permitiram que os midianitas os castigassem **por sete anos** (1). Os midianitas eram uma tribo nômade que habitava uma região no deserto da Arábia a leste do mar Morto e das fronteiras de Moabe e Edom. Cinco famílias de midianitas eram descendentes de Abraão e Quetura (Gn 25.2,4). Os mercadores midianitas compraram José e o levaram para o Egito (Êx 3.1). Os midianitas estavam entre aqueles que foram enviados a Balaão para fazer com que ele amaldiçoasse Israel (Nm 22.4-7). Enquanto se encaminhavam para Canaã, os israelitas mataram cinco reis de Midiã (Nm 31.8), pilharam toda uma região (Nm 31.10,11) e assassinaram a população masculina e todas as mulheres casadas (Nm 31.17). Portanto, as invasões midianitas foram motivadas não apenas pelos despojos que foram tomados, mas por um desejo de vingança contra os israelitas.

A mão desses estrangeiros se tornou por demais opressiva, a ponto de os hebreus, tomados de terror, fazerem para si **as covas que estão nos montes, e as cavernas, e as fortificações** (2). Eles cultivavam seus campos, mas, quando chegava a época da colheita, os midianitas - juntamente com os amalequitas **e também os do Oriente** (3) - vinham, tomavam posse da colheita e destruíam tudo o que não pudessem aproveitar. A extensão de suas invasões é indicada pela referência a **Gaza** (v.4, veja o mapa), a cidade fronteiriça na porção sudoeste da Palestina nas quais habitavam as tribos de Israel.

Uma vez que os midianitas e seus aliados eram tribos nômades, eles **subiam com os seus gados e tendas; vinham como gafanhotos, em tanta multidão** (5), i.e., eles vinham em grupos devoradores, uma praga humana. Essas pessoas também usavam **camelos** em grande número, tanto para transporte como numa corporação militar de guerreiros. W. F. Albright destaca que estes foram os primeiros

ataques repentinos nos quais se utilizaram camelos em toda a história.⁷ Em consequência, **Israel empobreceu muito** (6) - no hebraico, “abatido” - e **os filhos de Israel clamaram ao Senhor**.

• 2. *O Senhor Envia um Profeta* (6.7-10)

Clamando os filhos de Israel ao Senhor... enviou o Senhor um profeta cujo nome não é revelado (7,8). Amensagem do profeta foi entregue em nome do Senhor Deus de Israel:

“Do Egito eu vos fiz subir e vos tirei da casa da servidão; e vos livreí da mão dos egípcios e da mão de todos quantos vos oprimiam; e os expeli de diante de vós e a vós dei a sua terra; e vos disse: Eu sou o Senhor, vosso Deus; não temais aos deuses dos amorreus, em cuja terra habitais; mas não destes ouvidos à minha voz” (8-10).

Embora esta mensagem não contenha uma promessa explícita de libertação, ela deve ter aprofundado a consciência de pecado e despertado a esperança de que as libertações realizadas no passado poderiam voltar a acontecer.

3. *O Senhor Comissiona Gideão* (6.11-18)

Logo depois de a mensagem do profeta ter sido entregue, **o Anjo do Senhor veio e assentou-se debaixo do carvalho que está em Ofra, que pertencia a Joás, abiezrita**. Ofra, também chamada de Bete-Leafra (Mq 1.10, “a casa de Afra”), era uma vila a oeste do Jordão, cuja localização atual é desconhecida. Ofra também era o nome de uma cidade de benjamim (Js 18.23). **Joás**, forma contraída de Jeoás, que significa “a quem o Senhor concedeu”. Além do pai de Gideão, cinco outros homens são chamados de Joás no AT: um descendente de Sela (1 Cr 4.22); um benjamita que se uniu ao grupo de foras-da-lei de Davi em Ziclague (1 Cr 12.3); um filho de Acabe (1 Rs 22.26); um filho de Acazias (2 Rs 11.2) e um filho de Jeoacaz (2 Cr 25.17). O termo **abiezrita** indica um clã da tribo de Manassés (Nm 26.30 - Jezer).

Gideão, filho de Joás, estava malhando o trigo no lagar, para o salvar dos midianitas quando o anjo apareceu. O lagar seria, na melhor das hipóteses, uma eira improvisada que funcionava em

segredo, tal como uma destilaria ilegal numa mina de carvão abandonada. Já que não havia uma vindima entre os israelitas abatidos pela pobreza naquele ano, o lagar não estaria em uso para seu propósito básico.

Desse modo, Gideão esperava malhar uns poucos feixes em segredo, afastado das mãos dos saqueadores midianitas.

O Anjo do Senhor (12) é uma figura muito familiar e maravilhosa do Antigo Testamento. Ele aparece tanto distinto como idêntico a Yahweh, o Deus das Alianças com Israel. Ele fala, como no versículo **12, sobre o Senhor**. Ele também fala, como no versículo **14, como o Senhor**.⁸ Repetidos em vários lugares do AT, estes fatos têm levado diversos eruditos a considerarem “o Anjo do Senhor” como uma manifestação pré-encarnada da segunda pessoa da Trindade.

O anjo apareceu a Gideão e disse: **O Senhor é contigo, varão valoroso (12)**. A resposta de Gideão foi de modo algum estranha diante das circunstâncias: “Ai, senhor meu [*adonai*, o termo hebraico comum para “senhor”], se o Senhor [Yahweh, o nome pessoal do verdadeiro Deus das Alianças] é conosco, por que tudo isto nos sobreveio? E que é feito de todas as suas maravilhas que nossos pais nos contaram, dizendo: Não nos fez o Senhor subir do Egito? Porém, agora, o Senhor nos desamparou e nos deu na mão dos midianitas” (13).

O Anjo é agora identificado como **o Senhor (14)**. **Vai nesta tua força** - no sentido de vigor varonil ou força física humana. Enviado pelo próprio Deus, Gideão ouve que ele livrará **Israel da mão dos midianitas**. Do mesmo modo que Moisés, antes dele (Êx 3.11); e Jeremias, depois dele (Jr. 1.6); Gideão cita sua inadequação para a tarefa: **Ai, Senhor meu** [*adonai*, cf. comentário do v.12], **com que livrarei a Israel? Eis que a minha família** [hebraico: “meus milhares” ou grupo tribal] **é a mais pobre em Manassés, e eu, o menor na casa de meu pai (15)**. A promessa é repetida: **Porquanto eu hei de ser contigo, tu ferirás os midianitas como se fossem um só homem (16)**.

Com a precaução que mais tarde tornou-se tão conhecida (36-40), Gideão persiste: “Se agora tenho achado graça aos teus olhos, dá-me um sinal de que és o que comigo falas. Rogo-te que daqui te não apartes, até que eu venha a ti, e traga o meu presente” (17,18). A percepção da verdadeira natureza de seu visitante celestial começa a se manifestar.

4. *A Oferta de Gideão (6.19-24)*

Gideão foi e preparou um cabrito, bem como bolos **de um efa de farinha**. Um efa é uma medida para secos. Gideão colocou a carne num **açafate** (“cesto”, ARA), provavelmente para que o estrangeiro pudesse levá-la consigo em sua jornada. **O caldo pôs numa panela**. Então, apresentou tudo isso ao seu convidado divino debaixo do carvalho. O anjo ordenou: **“Toma a carne e os bolos asmos, e põe-nos sobre esta penha, e verte o caldo”**. Gideão obedeceu em silêncio (19,20).

O anjo tocou a oferta com a ponta do cajado que carregava em sua mão. Imediatamente subiu fogo da pedra e consumiu o sacrifício. **E o Anjo do Senhor desapareceu de seus olhos** (21). Quando Gideão entendeu completamente que havia conversado com o anjo do Senhor face a face, temeu por sua vida e disse: **Ah! Senhor Jeová**.

Acreditava-se que ver o Senhor face a face era uma experiência que precedia a morte (13.22; Gn 16.13; 32.30; Êx 20:19; 33.20; Is 6.5).

Porém o Senhor lhe disse - talvez em sua mente, talvez numa voz audível, embora o anjo já tivesse saído de sua vista - **Paz seja contigo; não temas, não morrerás** (22,23).

Assim, Gideão construiu um altar ao Senhor naquele lugar **e lhe chamou Senhor é Paz**. Na época em que o registro foi escrito o altar ainda podia ser visto **em Ofra dos abiezritas** (24).

5. *Gideão derruba o Altar de Baal (6.25-27)*

Naquela mesma noite, o Senhor falou mais uma vez com Gideão e ordenou um ataque audacioso contra a idolatria da comunidade na qual vivia o recém-apontado líder. **“Toma o boi de teu pai, a saber,**

o segundo boi de sete anos, e derriba o altar de Baal, que é de teu pai, e corta o bosque [poste-ídolo na ARA] que está ao pé dele. E edifica ao Senhor, teu Deus, um altar no cume deste lugar forte [hebraico: fortaleza], num lugar conveniente; e toma o segundo boi e o oferecerás em holocausto com a lenha que cortares do bosque” (25,26). O bosque ou poste-ídolo era uma referência a “Aserá”, uma deusa cananéia freqüentemente associada com Baal cujo símbolo também poderia ser algum tipo de imagem de madeira. Foi ordenado aos israelitas que cortassem e queimassem esses objetos de idolatria.

Gideão tomou dez de seus servos - o que era evidência de uma grande casa, apesar da modéstia desse jovem (15) - e fez o que lhe fora dito. Por temer sua família e o povo da cidade, ele realizou sua missão debaixo do manto da noite (27).

6. Joás Defende Gideão (6.28-32)

Logo na manhã seguinte, quando os homens da cidade acordaram, ficaram todos chocados, por verem seu reverenciado local de adoração destruído. “Quem seria o culpado de tal sacrilégio?” Perguntavam uns aos outros. Quando descobriram que o culpado era Gideão, disseram a Joás: **Tira para fora o teu filho para que morra, pois derribou o altar de Baal e cortou o bosque que estava ao pé dele (30).**

A resposta de Joás foi tanto sábia como irrefutável: **Contendereis vós por Baal? Livrá-lo-eis vós? (31).** O que ele quis dizer foi: “Se Baal é realmente um deus, que ele reclame por seu altar ter sido derrubado”. O resultado foi um apelido colocado em Gideão: **Jerubaal (32)** ou “Baal contenda contra ele”. O termo **Jerubaal** foi posteriormente mudado para Jerubesete (**2 Sm 11.21**), com o fim de evitar o uso do odiado nome “baal”. *Besete* significa “vergonha”. Cf. a mudança de Esbaal (**1 Cr 9.39**) para Isbosete (**2 Sm 2.8**) e de Meribe-Baal (**1 Cr 8.34**) para Mefibosete (**2 Sm 4.4**).

7. Gideão Recruta um Exército (6.33-35)

Quando fizeram sua costumeira invasão anual à Palestina, os

midianitas, os **amalequitas** e seus aliados acamparam-se **no vale de Jezreel** (33). **Jezreel** era uma cidade fortificada próxima do monte Gilboa, no território de Issacar (1 Rs 21.23). **O vale de Jezreel** é uma saliência profunda e larga que desce de Jezreel até o rio Jordão. Era a melhor região para se saquear na Palestina. O vale de Jezreel não deve ser confundido com a planície de Esdrelom (um alteração da palavra Jezreel em grego), ou com a planície do Megido, que corta a Palestina imediatamente ao norte do Carmelo. Jezreel, cujo nome significa “Deus plantou”, também era o nome de uma cidade de Judá (Js 15.16).

Desta vez, **o Espírito do Senhor revestiu a Gideão (34)**. Deus “vestiu” Gideão como alguém que coloca uma roupa. Isto quer dizer que o Espírito Santo revestiu de poder a Gideão. Por ser uma prefiguração de Atos 2.4 e da experiência do Pentecostes, esta frase também é usada duas vezes pelo cronista em 1 Crônicas 12.18 e 2 Crônicas 24.20.

No poder do Espírito Santo, Gideão faz soar **a buzina**, e os homens de seu próprio clã, os abiezritas, reúnem-se ao seu lado. Mensageiros são enviados a **Manassés, Aser, Zebulom e Naftali** (veja o mapa) e eles também enviam soldados (34,35).

8. *Gideão Testa seu Chamado* (6.36-40)

A cautela de Gideão se expressa num ato que se tornou famoso para se provar a vontade de Deus. Ele orou: “Deus, dá-me um sinal. Nesta noite colocarei um velo de lã na eira. Se ele estiver molhado de manhã e o chão ao redor estiver seco, então conhecerei que hás de livrar Israel por minha mão”. A resposta do Senhor foi inequívoca. Quando Gideão levantou no dia seguinte, a terra estava seca e, a partir da lã, **espremeu uma taça cheia de água (36-38)**.

Por estar ainda duvidoso, Gideão orou mais uma vez: “O Deus, não te irrites; permita-me testar-te apenas mais uma vez para que eu tenha certeza de que não estou enganado. Se tu realmente vais fazer de mim um instrumento teu para salvar Israel, que o velo esteja seco e o chão molhado amanhã”. Deus também concedeu este pedido porque, na

manhã seguinte, o chão estava coberto de orvalho, mas o velo de lã estava seco (39,40).⁴

Gideão achava difícil acreditar que Deus o usaria para salvar Israel. Ele queria ter certeza antes de enfrentar o inimigo em combate. Nunca devemos hesitar em provar nossas impressões para descobrirmos a vontade de Deus.

O desejo que Gideão tinha de obter certeza foi louvável. Se um homem quer ter certeza da vontade de Deus, o Senhor lhe dará esta certeza. Mas o exemplo de Gideão não deve ser levado às últimas conseqüências. Os cristãos já aprenderam que não devem tentar o Senhor seu Deus (Mt 4.7) e que é uma geração má e adúltera que pede sinais (Mt 12.39) em vez de aceitar a Palavra do Senhor. Quando a vontade de Deus é elucidada, insistir numa confirmação adicional por meio de um “velo” é possivelmente uma forma de descrença.

Os princípios do “Teste do chamado de Deus” estão delineados nos versículos 10 a 40. Podemos observar aqui: (1) crise (v. 10); (2) comissionamento (w. 11-23); (3) coragem (w. 24-32) e (4) confirmação (33-40).

10. *Os Remanescentes Fiéis* (7.4-8)

O contingente dos dez mil soldados restantes ainda era **demais** para que recebessem a vitória. Gideão recebeu a seguir a ordem de levar sua companhia para junto da água e o Senhor disse: **Ali tos provarei** (4) ou “vou testá-los ali para você”. A mesma palavra hebraica é usada para descrever o processo de derreter o metal visando a separá-lo das impurezas. Quando Gideão obedeceu, o Senhor ordenou: “Divida-os em dois grupos: aqueles que lamberem a água com sua língua como cães e aqueles que se ajoelharem para beber”. A idéia precisa do teste não está clara aqui, mas é comumente aceito que este teste revelaria quais homens manteriam sua atenção no inimigo, ao pegar apenas a água que caberia na palma da mão para satisfazer a necessidade da sede.

O resultado foi que 300 soldados beberam a água da mão e 9.700

ajoelharam-se para beber, num esquecimento descuidado da batalha iminente. O Senhor deixou clara a sua decisão. Era aos 300 que o Senhor daria a vitória. Eles receberam provisões e foram mantidos, enquanto que o resto foi dispensado para voltar às suas casas. Existe aqui a indicação da importância dos remanescentes fiéis aos propósitos de Deus. Minorias criativas sempre serviram à causa da justiça de maneira muito mais eficiente do que as massas descuidadas.

Há, aqui, também, um retrato do modo pelo qual a eleição divina relaciona-se com a liberdade humana. Deus escolheu os que podem servi-lo, a fim de serem salvos. Mas o fato de um indivíduo ser incluído ou não entre os eleitos depende de sua resposta às condições que o Senhor coloca. Em termos do evangelho cristão, Deus elegeu para a salvação todo e qualquer que receba as boas novas com arrependimento, obediência e fé. A inclusão ou não de um indivíduo depende de sua própria resposta às condições da salvação. Portanto, a salvação é do Senhor e, ao mesmo tempo, está condicionada à obediência e à fé do indivíduo.

11. *O Poderoso Pão de Cevada* (7.9-14)

Gideão recebeu depois a certeza da presença de Deus e da vitória na batalha iminente. Naquela mesma noite, o Senhor disse a Gideão: “Levante-se e desça ao campo de Midiã, pois eu o entreguei nas suas mãos. Se você tiver medo, leve Pura, o seu ajudante, com você. Depois de ouvir o que eles estão dizendo você terá mais confiança quanto a atacá-los” (9-11). **Pura** - do hebraico *purah*, “um galho verde, um ramo” - era provavelmente o escudeiro de Gideão.

Assim, Gideão e Pura descem ao posto avançado do inimigo, postados como sentinelas em volta da multidão. O acampamento dos midianitas espalhava-se por todo o vale, tal como um enxame de gafanhotos, **e eram os seus camelos em multidão inumerável como a areia que há na praia do mar** (12) - uma hipérbole característica do texto hebraico.

É ali que Gideão e Pura, aproximando-se na escuridão, ouvem um

guarda contar um sonho ao seu companheiro. Ele disse: “Eu vi um pão [ou um bolo] de cevada. Ele estava rodando pelo campo de Midiã, atingiu uma tenda e a derrubou completamente” (13). O pão de cevada simbolizava os agricultores de Israel e a tenda representava os invasores nômades. **O companheiro do guarda comentou: Não é isto outra coisa, senão a espada de Gideão, filho de Joás, homem israelita. Nas mãos dele entregou Deus os midianitas e todo este arraial** (14). E provável que o guarda certamente fosse um adorador de muitos deuses e tenha usado a expressão *ha-Elohim*, cujo significado é “os deuses”. O mesmo termo hebraico, porém, também significa “Deus”. Ele não falou de si mesmo, mas, impulsionado pelo Espírito.

12. *Gideão Dá Instruções aos seus Trezentos Homens* (7.15-18)

Depois de ter ouvido este estranho sonho e sua interpretação, Gideão **adorou** o Senhor. Então, voltou ao acampamento de Israel e alertou suas tropas: **Levantai-vos, porque o Senhor entregou o arraial dos midianitas nas vossas mãos** (15). Vê-se aqui um exemplo da maneira de falar tão familiar dos profetas do Antigo Testamento na qual um evento prometido por Deus é considerado tão certo que é descrito no pretérito perfeito do indicativo.

Gideão dividiu seus homens em três companhias, entregando a cada um deles trom-betas e cântaros contendo tochas. “Olhem para mim”, disse ele, “e façam o que eu fizer. Quando eu e minha companhia tocarmos nossas trombetas nas imediações do acampamento, então todos vocês tocarão as trombetas por todos os lados do acampamento e gritarão pelo Senhor e por Gideão” (16-18).

13. *A Derrota de Midiã* (7.19-23)

Gideão e seu pequeno grupo de cem soldados chegaram aos arredores do acampamento inimigo **ao princípio da vigília média** (19), ou perto da meia-noite, uma vez que **pouco tempo antes** eles haviam **trocado as guardas**. Os hebreus dividiam a noite em três “vigílias”: do pôr-do-sol até a meia-noite, da meia-noite até a madrugada e, da madrugada ao nascer do sol. Os cem homens tocaram suas trombetas

e quebraram os cântaros que estavam em suas mãos. As outras duas companhias fizeram o mesmo. Os soldados seguravam tochas com a mão esquerda e suas trombetas na mão direita. Então todos eles soltaram um grande grito: **Espada pelo Senhor e por Gideão!** (20).¹⁰

O toque repentino das trombetas, seguido do estranho som de potes quebrados nas altas horas da noite acordaram o acampamento inteiro. Quando os midianitas abriram seus olhos sonolentos e olharam na escuridão, viram que estavam completamente cercados por um círculo de tochas flamejantes. Eles provavelmente acharam que aquilo se tratava de uma guarda avançada que liderava uma tropa de milhares de soldados e que o toque da trombeta era o sinal de avanço. As **trombetas** (heb. *shofaroth*) eram feitas de chifres de carneiro ou de boi. Alguns estudos têm sugerido que no exército israelita havia um homem com uma trombeta em cada grupo de 100 soldados. Assim, os 300 representariam (na mente dos midianitas) cerca de 30 mil soldados, que era o número original. Uma pessoa com a bênção de Deus, pode realizar com êxito aquilo que ela mesma não poderia fazer ao ser atrapalhada por outros 99 “empecilhos espirituais”.

Os soldados inimigos foram tomados pelo pânico. Gritaram e fugiram com medo enquanto Gideão e seus homens tocavam suas trombetas. No meio da confusão e da escuridão, os midianitas começaram a atacar e matar uns aos outros. Eles fugiram **de Zererá, até Bete-Sita, até ao limite de Abel-Meolá, acima de Tabate** (22). **Bete-Sita**, palavra hebraica que significa “casa das acácias”, era uma cidade localizada no vale do Jordão, entre Zererá e o vale de Jezreel. Ainda assim, o local é desconhecido. **Zererá** é provavelmente a mesma Sartã de Josué 3.16 ou a Zaretã de 1 Reis 4.12 e 7.46 e, do mesmo modo, sua localização é desconhecida. **Abel-Meolá** - do hebraico “campo da

dança” ou “dança do campo” - é o lugar de nascimento de Eliseu (1 Rs 19.16). **Tabate** não é mencionada em qualquer outro lugar e sua localização é desconhecida. Porém, existe uma certeza de que todos os lugares citados aqui estejam à leste de Jezreel, por todo o vale do

Jordão, rumo ao deserto do qual os midianitas nômades originalmente vieram. Quando a fuga se iniciou, os homens de **Naftali, Aser e Manassés** juntaram-se à perseguição (23).

Lições tiradas a partir da “vitória de Gideão” podem ser úteis em tempos como este em que vivemos, e podem ser vistas nos versículos 1 a 23. **(1)** Deus prova aqueles a quem usa - até o ponto da coragem e da consagração (w. 1-6); **(2)** Deus sincroniza o encorajamento dele com os nossos momentos de necessidade (w. 7-15); **(3)** Deus triunfa por meio da obediência e da fé daqueles que realmente confiam nele (w. 16-23). A **espada de Gideão** foi importante, mas a **espada do Senhor (20)** é que conquistou a vitória.

14. *Dois Comandantes Midianitas são Mortos* (7.24,25)

Gideão rapidamente despachou mensageiros por todo o território de Efraim para que o povo ocupasse os vaus (cf. 3.28) até **Bete-Bara** (a Betânia, de João 1.28). Este nome significa “casa de passagem”, mas a localização exata é desconhecida. Os efraimitas fizeram o que lhes fora pedido e prenderam dois príncipes (ou capitães, ou ainda chefes) de Midiã, **Orebe e Zeebe**, nomes que significam respectivamente “um corvo” e “um lobo”. Aquelles homens foram mortos, um numa rocha que passou a se chamar Orebe e o outro num lagar que passou a se chamar Zeebe. As cabeças das vítimas foram levadas **a Gideão, além do Jordão** (25), ou seja, a leste, de onde saíram em perseguição ao inimigo que fugia.

15. *O Ciúme de Efraim* (8.1-3)

Insatisfeitos com aquilo que eles consideraram um papel de menor importância na vitória - e provavelmente desejosos de compartilhar não apenas a glória, mas também os despojos da guerra - os homens de Efraim reclamaram amargamente a Gideão. “Por que você nos insultou não pedindo nossa ajuda desde o início?”. **E contenderam com ele fortemente** (1). A idéia básica da palavra hebraica que expressa esse clima pode ser traduzida como “pegar o outro pelos cabelos”.

A resposta de Gideão foi uma obra prima da conciliação: **Que mais fiz eu, agora, do que vós? Não são, porventura, os rabiscos de Efraim** [ou a sua parte no final da batalha] **melhores do que a vindima de Abiezer** [aquilo que meus homens fizeram no início]?

(2). Abiezer era a família de Gideão e esta referência pode indicar que a maior parte dos 300 homens com os quais a batalha foi ganha fizessem parte ou fossem próximos do clã de Gideão. **Orebe e Zeebe** foram entregues nas mãos dos efraimitas. Nada do que Gideão tinha alcançado, disse ele, era digno de se comparar a isso. Diante dessas palavras, **a sua ira se abrandou para com ele** (3; cf. Pv 15.1).

1 Q.Ceticismo de alguns Oficiais (8.4-9)

Gideão e seus trezentos soldados cruzaram o rio Jordão, **já cansados, mas ainda perseguindo** (4) seus inimigos. Em **Sucote** o líder pediu comida aos habitantes da cidade para poder alimentar seus soldados famintos e assim concluir sua vitória com a captura de **Zeba e Salmuna, reis dos midianitas** (4,5). **Sucote** era uma cidade no vale do Jordão, próxima a Zaretã, no território de Gade. Hoje o local é conhecido como Tell Ahsas, cerca de 2 quilômetros ao norte do Jaboque. Sucote também era o nome do primeiro local de acampamento de Israel depois de saírem de Ramessés, na fronteira do Egito (Êx 12.37).

Os oficiais de Sucote responderam com desdém: “Mas você ainda não os capturou”, deixando implícito que, se eles ajudassem um punhado de camponeses cansados e este grupo fosse mais tarde derrotado pelos reis poderosos, estes voltariam para executar a vingança. A resposta de Gideão foi: “Quando o Senhor entregar estes dois fugitivos em minhas mãos eu voltarei e ferirei a sua carne com os espinhos do deserto e com os abrolhos” (6,7).

O mesmo pedido foi feito em **Penuel**, com resultados idênticos. **Penuel** é chamada uma vez de Peniel (Gn 32.30) e significa “a face de Deus”. Era originalmente um local de acampamento a leste do Jordão, próximo ao rio Jaboque. Tornou-se cidade na época de Gideão. Não é possível identificar o local atualmente. A resposta de Gideão foi:

Quando eu voltar em paz, derribarei esta torre, provavelmente uma fortaleza na qual os cidadãos poderiam se refugiar em tempos de perigo. Talvez a própria Penuel não tivesse muros de proteção.

Como no caso da atitude dos efraimitas, a reação dos homens de Sucote e Penuel claramente mostra quão fraca era a associação entre as tribos de Israel no tempo dos juízes. Havia muita luta e ciúme entre elas. Até mesmo os poderosos reinos de Davi e Saul foram divididos basicamente pelas mesmas razões.

17. *Gideão Captura dois Reis* (8.10-12)

Estavam, pois, Zeba e Salmuna em Carcor, um lugar a leste do mar Morto, no vale de Sirhan, cuja localização exata é desconhecida. O enorme exército de Midiã foi reduzido a 15 mil homens; 120 mil caíram na batalha e o resto foi espalhado. **Subiu Gideão pelo caminho dos que habitavam em tendas** (11), pela rota das caravanas que levava **para o oriente de Noba e Jogbeá. Jogbeá**, “elevado”, é a moderna Hirbet-Ajbetah. **Noba** era evidentemente um local próximo.

Os midianitas estavam totalmente desprevenidos. Talvez não esperavam que Gideão os perseguisse até tal distância no deserto. O ataque repentino de um pequeno bando de israelitas foi mais uma vez bem-sucedido. Os dois reis foram capturados e todo o exército se **afugentou** (12), aterrorizado e tomado pelo pânico.

18. *Gideão Cumpre sua Palavra* (8.13-17)

Gideão voltou de sua batalha **antes do nascer do sol** (13) ou, como diz literalmente o hebraico, “pela subida (ou colina) de Heres”, um local desconhecido. Ele capturou um jovem de Sucote e o interrogou. O jovem **descreveu os príncipes** (14), ou seja, escreveu os nomes de 77 oficiais e anciãos da cidade. O termo **príncipes** talvez se refira a líderes militares. E, anciãos refere-se aos chefes das famílias que governavam o distrito.

Ao chegar à cidade, Gideão exibiu seus cativos àqueles que o

insultaram anteriormente. **E tomou os anciãos daquela cidade, e espinhos do deserto, e abrolhos e com eles ensinou aos homens de Sucote** (16). É difícil interpretar estas palavras de outra maneira que não seja a morte por tortura, embora F. F. Bruce cite D. W. Thomas para sugerir que um significado alternativo da raiz da palavra traduzido como **ensinou** seja “tenha feito calar e subjugado”.¹¹ A fortificação em Penuel foi derrubada e a população masculina foi morta.

19. *Gideão Executa Zeba e Salmuna* (8.18-21)

A seguir, Gideão executou os reis midianitas capturados. A razão para esta busca incansável se torna clara agora. Já havia acontecido um massacre de homens em Tabor algum tempo atrás, dirigido pelos dois reis que estavam agora sob o poder de Gideão. Em função do interrogatório conduzido pelos líderes de Israel, descobriu-se que os executados eram irmãos de sangue de Gideão e sua atitude de matar os midianitas responsáveis foi tomada como uma vingança de sangue (Dt 19.12,13). Quando ocorria um assassinato, o parente mais próximo do falecido, chamado em hebraico de *goel*, tinha a obrigação de executar o assassino tão logo o encontrasse (Nm 35.19,21). Zeba e Salmuna poderiam ter recebido misericórdia se tivessem agido com misericórdia.

Jéter, o primogênito de Gideão, ainda era um garoto. Quando seu pai ordenou-lhe que matasse os prisioneiros, ele se afastou, com medo. Os próprios reis pediram que Gideão realizasse o trabalho para poupá-los da desgraça maior de morrerem nas mãos de um menino. **As luetas que estavam no pescoço dos seus camelos** (21), ou seja, as luas crescentes em miniatura usadas como ornamentos ou como amuletos, eram feitas geralmente de ouro e elas se tornaram parte dos despojos.

20. *O Éfode de Ouro* (8.22-28)

Os israelitas propuseram que Gideão se tornasse seu rei e estabelecesse uma monarquia hereditária. Gideão, porém, rejeitou o pedido, dando a entender que sua convicção era que Israel deveria ser uma teocracia, ou seja, um governo no qual Deus controlaria por meio

de agentes de sua escolha: **Sobre vós eu não dominarei, nem tampouco meu filho sobre vós dominará; o Senhor sobre vós dominará (23).**

Em resposta, ele fez um pedido para que sua parte nos despojos tomados dos midianitas fossem **os pendentes** ou anéis do nariz tomados dos inimigos mortos ou capturados. **Porquanto eram ismaelitas (24)** talvez queira dizer que eles eram comerciantes nômades. Tecnicamente, os ismaelitas eram descendentes de Hagar (Gn 25.12); os midianitas, de Quetura (Gn 25.2). Mas os dois termos foram usados amplamente e nem sempre com precisão. Um uso liberal similar é encontrado no livro de Gênesis, no relato da venda de José ao Egito (cf. Gn 37.28), onde os comerciantes são chamados de ismaelitas ou midianitas. Também pode ser o caso de os descendentes de Ismael serem chamados de midianitas porque viviam em Midiã. Certamente não é necessário supor duas linhas de dois relatos separados que possam ter sido confundidos por um compilador do pós-exílio que tentou harmonizá-los!

Os israelitas prontamente assentiram ao pedido de Gideão e **estenderam uma capa (25)** na qual cada um dos soldados colocou os pingentes que tinham retirado. O peso total foi de **mil e setecentos siclos de ouro (26)**, cerca de 19 quilos. Além disso, havia outros ornamentos, como colares e pendentes, a veste púrpura da realeza e as correntes do pescoço dos camelos. Com isso, Gideão fez um grande **éfode**, talvez apenas um troféu de guerra. O significado original de **éfode** era o de uma roupa usada por um sacerdote (1 Sm 22.18), uma capa ou um manto sacerdotal. O AT prescreve que o sumo sacerdote deveria usar um bastante caro, tecido em ouro, de pano azul, púrpura, carmesim, de linho fino torcido, ornamentado com ouro e pedras (Êx 28.4-14). Qualquer que fosse a natureza do éfode de Gideão, o que ele queria que fosse um inofensivo símbolo de uma grande vitória transformou-se em **tropeço a Gideão** e a toda sua família (27). Toda a nação passou a venerar aquele objeto com a natural afinidade que a natureza humana corrompida tem pela idolatria. Não é necessário presumir que o próprio Gideão tenha adorado este éfode, pois seu nome está registrado no Novo Testamento entre os fiéis (Hb 11.32).

No máximo ele considerou aquilo como um símbolo do Deus verdadeiro.

A adoração do éfode é uma exceção ao padrão normal do livro de Juizes, i.e., Israel *começou* a resvalar para o abismo da idolatria *antes* da morte do juiz.¹² Todavia a derrota de Midiã sinalizou um outro período de 40 anos de paz para Israel.

21. A Morte de Gideão (8.29-32)

Depois de Midiã ter sido derrotada, Gideão voltou e **habitou em sua casa (29)** em Ofra. Ele teve diversas esposas e foi pai de **70** filhos. Em antecipação a um desenvolvimento posterior, um deles é destacado dos outros: **Abimeleque** (31), filho de uma concubina que morava em Siquém. **Abimeleque**, nome comum na Palestina, significa “pai de um rei”. Também era o nome (ou o título) de reis filisteus que viveram nos dias de Abraão (Gn **20.2**) e Isaque (Gn **26.6-8**). Gideão morreu em idade madura e foi enterrado no sepulcro de seus pais em Ofra.

[1](#)

O Rei Eglom é Assassinado (3.15-23)

[2](#)

Ao se encontrarem mais uma vez em sua dificuldade, **os filhos de Israel clamaram ao Senhor, a fim de** pedir ajuda (15). Desta vez, o libertador levantado foi **Eúde, filho de Gera, benjamita** (também escrito como Eude). Outro benjamita com o mesmo nome é citado em 1 Crônicas 7.10. Eúde era canhoto, um fato que o ajudou no seu plano

[3](#)

O Exército de Sísera é Aniquilado (4.12-16)

Quando Sísera soube que Baraque havia **subido ao monte Tabor** e havia reunido ali o exército israelita, convocou **todos os seus carros, novecentos carros de ferro**, e todas as suas tropas **desde Harosete-Hagoim** e os levou **até ao ribeiro de Quisom (13)**. Então

Débora disse a Baraque: “Levanta-te, porque este é o dia em que o Senhor tem dado a Sísera na tua mão; porventura, o Senhor não saiu diante de ti?”. **Baraque, pois, desceu do monte Tabor (14).**

E o Senhor derrotou a Sísera (15) — em hebraico “aniquilou, confundiu, desbaratou, ou exterminou rapidamente”. O versículo 5.21 sinaliza que havia algo mais envolvido nesta vitória do que o valor de Baraque e seus homens. A batalha foi do Senhor do início ao fim. Uma enchente repentina e violenta do rio Quisom transformou a planície

[4](#)

Gideão Seleciona suas Tropas (7.1-3)

Gideão conduziu seu exército, formado por 32 mil homens, e acamparam **junto à fonte de Harode (1)**, identificada hoje com ‘Ain Jalud, um poço no lado noroeste do monte Gilboa. De maneira apropriada, o nome significa “tremor”. O campo de Midiã localizava-se no vale ao norte **pelo outeiro de Moré**, a moderna Nebi Dahi. **Moré** também é o nome de um bosque perto de Siquém (Gn 12.6).

O Senhor disse a Gideão: “Você tem muitas tropas. Se eu der a vitória a um exército tão grande, os soldados assumirão todo o crédito da vitória. Portanto, faça o seguinte anúncio: ‘Todo aquele que for covarde e medroso deve voltar para casa’”. A expressão **das montanhas de Gileade (3)** causa alguma dificuldade, uma vez que as tropas israelitas estavam acampadas ao lado do monte Gilboa. Alguns estudiosos têm lançado a suposição de que o texto massorético possa ter um erro dos escribas, que substituíram duas letras e, assim, mudaram a palavra hebraica referente a *Gilboa* para **Gileade**. Contudo, o termo hebraico traduzido como *de* pode ser traduzido como *através*, a fim de indicar uma rota tomada pelos soldados que retornaram por Gileade, a leste do Jordão.

Quando o teste foi realizado, 22.000 soldados desistiram. 10.000 permaneceram, a fim de mostrar algum tipo de evidência de senso de responsabilidade para com Deus e o país.

A CONSPIRAÇÃO DE ABIMELEQUE

Juizes 8.33 — 9.57

A. A INFIDELIDADE DE ISRAEL, 8.33-35

Quando Gideão faleceu, Israel mais uma vez mostrou-se infiel para com Deus e as pessoas **se prostituíram** (a chamada analogia profética que descreve a idolatria como infidelidade a um cônjuge verdadeiro) **após os baalins, e puseram a Baal-Berite por Deus** (33). **Baalins** eram os ídolos locais ou deuses cananeus da Natureza. **Baal-Berite**, ou “senhor de uma aliança”, também era conhecido como o Deus Berite (9.46) e aparentemente era o nome que promovia a adoração em Siquém. O Senhor Deus de Israel foi rapidamente esquecido e, com Ele, a casa de Gideão sentiu uma pontada de ingratidão pelo fato de a nação ter logo se esquecido da libertação que aquele homem promovera.

B. Abimeleque é ungido rei, 9.1-6

O capítulo 9 refere-se a um filho rebelde de um pai digno. Abimeleque foi apresentado anteriormente como filho de Gideão com uma concubina, ou segunda esposa, que estava em Siquém (8.31). Ele agora acha que deve tirar proveito da oferta que fora feita a seu pai e que este recusara (8.22,23), e deveria se tomar rei. Por isso, ele vai a Siquém e visita os parentes de sua mãe. “Perguntem aos cidadãos de Siquém”, ele sugeriu, “se é melhor ter setenta governadores ou apenas um. Não seria melhor se eu reinasse sobre vocês, agora que meu pai está morto, em vez de serem governados por meus setenta meio-irmãos? Todos precisam lembrar-se que eu tenho os mesmos ossos e a mesma carne de vocês”.

Assim, os familiares de sua mãe repetiram essas palavras **perante os ouvidos de todos os cidadãos de Siquém** (3), quer tenha sido individualmente ou na presença do

povo. A idéia de um rei certamente não era nova na cidade cananéia

de Siquém. A sugestão que os israelitas fizeram a Gideão (8.22) também mostra que a idéia criava raízes entre os hebreus. **E o coração deles se inclinou**, ou seja, decidiram acreditar em **Abimeleque**, por causa do elo sangüíneo que havia entre eles.

A campanha de Abimeleque foi financiada por setenta peças de prata tiradas do tesouro do templo de Baal-Berite (cf. comentário de 8.33), um falso deus a quem os israelitas começaram a adorar. Com este dinheiro, o pretendente ao trono arregimentou **uns homens ociosos e levianos** (4), i.e., pessoas indignas, libertinas, lascivas, imprudentes e orgulhosas, **que o seguiram**. O termo hebraico traduzido como **seguiram** significa “perambularam como leões ou vaguearam” juntamente com seu líder. O primeiro ato de Abimeleque foi levar seu bando a Ofra e assassinar seus setenta meio-irmãos, com exceção de **Jotão, filho menor de Jerubaal** (Gideão, cf. 6.32; 7.1), que conseguiu se esconder (5; cf. 2 Rs 10 - 11). Jotão significa “O Senhor é justo” e também foi o nome de um rei de Judá (1 Cr 5.17) e de um filho de Jadaí (1 Cr 2.47).

Após remover a possível competição, Abimeleque foi então ungido rei por **todos os cidadãos de Siquém** e de **toda Bete-Milo... junto ao carvalho alto que está perto de Siquém** (6). **Milo** é uma palavra hebraica que significa “uma trincheira” ou “barragem”, chamada assim porque estava cercada de montanhas. O termo passou a significar “um castelo” ou “uma fortaleza”. **Toda Bete-Milo** dá o sentido de que estiveram presentes todos os homens que cuidavam daquela fortaleza em Siquém, um tipo de quartel general. O termo é usado em 2 Samuel 5.9 como o nome de uma fortificação em Jerusalém nos dias de Davi, reconstruída por Salomão (1 Rs 9.24) e fortalecida por Ezequias (2 Cr 32.5). **Junto ao carvalho alto** é uma referência a um lugar santificado (Gn 35.4; Js 24.26).

C. A fábula de Jotão, 9.7-21

Quando as notícias chegaram a Jotão, ele **se pôs no cimo do monte Gerizim** (7), ao sul de Siquém, com altura de 868 metros acima do nível do mar Mediterrâneo. Este era o famoso “monte da bênção” (Dt 11.29), oposto ao Ebal, o “monte da maldição”, e, mais tarde, tornou-se

o local do templo samaritano. Próximo dali estava o poço de Jacó, onde Jesus conversou com a mulher samaritana (Jo 4.20,21). Ao chamar o povo de Siquém para ouvi-lo, a fim de que, com isso, Deus pudesse atendê-los, Jotão contou uma fábula sobre o rei das árvores.¹ As fábulas são raras na Bíblia, enquanto que as parábolas são freqüentes. A parábola ensina por meio de situações ou fatos da vida. As fábulas utilizam-se do artifício de “fazer de conta” para ilustrar uma questão. As árvores não falam entre si na vida real.

As árvores decidiram ungir uma delas como seu rei. Elas foram primeiramente falar com a **oliveira**, que se recusou a deixar o seu **óleo, que Deus e os homens... prezam** (9). O óleo (ou azeite) de oliva era usado para ungir profetas e reis em nome do Senhor. A seguir, foram à **figueira** (10) e esta se recusou a deixar sua **doçura** e seu **bom fruto** (11). Então, a posição foi oferecida à **videira**, que respondeu: **Deixaria eu o meu vinho, que agrada a Deus e aos homens, e iria pairar sobre as árvores?** (13).

Tanto aqui como no v. 9 o termo hebraico traduzido como **Deus** é plural e, de acordo com o contexto, pode ter o significado de Deus ou “os deuses”. É possível que Jotão se referisse ao politeísmo (adoração a muitos deuses) dos habitantes de Siquém que, como fazem todos os politeístas, tinham a tendência de criar seus deuses à imagem de homens.

Por fim - e em desespero - as árvores fizeram seu urgente pedido ao **espinheiro** (14), um arbusto pequeno, quase sem folhas. A ironia é indisfarçável. A resposta do espinheiro foi: “Se vocês são sinceras em me escolher para ser rei, então venham e se refugiem em minha sombra; mas se não for isso o que querem, que saia de mim **fogo que consuma os cedros do Líbano** (15). O **Líbano** era famoso por suas valiosas florestas de cedro. Deve-se destacar que azeite, figo e vinho eram os mais importantes produtos agrícolas da Palestina, enquanto que os arbustos não serviam para nada, a não ser para serem queimados.² A fábula também tem aplicações para a vida em grupo de hoje. A política ganhou a péssima reputação que possui grandemente em função da relutância de pessoas capazes - mas ocupadas - de se interessarem pelos assuntos da comunidade ou da

nação. Na igreja, muitos são capazes mas não estão dispostos a aceitar cargos de responsabilidade que, em consequência, são muitas vezes entregues àqueles que estão dispostos, mas são menos capacitados. Os cristãos podem pagar um alto preço pela indiferença à comunidade e aos assuntos eclesiásticos. As vezes, as palavras de um crítico aplicam-se particularmente à comunidade: “Os santos se assentam em suas torres de marfim enquanto que os pecadores ocupados governam o mundo”.

A fábula contada por Jotão não se referiu apenas à indignidade de Abimeleque, mas também à má fé dos habitantes de Siquém em levarem adiante o plano daquele homem. “Agora, ó homens de Siquém, se vocês agiram de boa fé quando ungiram Abimeleque como seu rei e trataram Jerubaal e sua família da maneira como eles mereciam (porque meu pai arriscou sua vida por vocês e os resgatou dos midianitas) - se vocês são honrados e sinceros naquilo que fizeram, então alegrem-se com Abimeleque e que ele também se alegre com vocês. Mas se não for isso, que saia fogo de Abimeleque e devore os cidadãos de Siquém e Bete-Milo e vice-versa!” (16-20). Sempre surgem problemas quando a lealdade à família é colocada acima da justiça e da competência.

Após proferir sua mensagem no mesmo espírito da profecia, Jotão fugiu dali e foi se refugiar em **Beer (21)**. Este nome significa “poço” e sua localização é desconhecida. Beer também era o nome de um poço dos israelitas na fronteira com Moabe (Nm **21.16**). Num país tão seco quanto a Palestina, poços e cisternas eram de especial importância e vários lugares receberam seus nomes em função da presença da água que o poço e a cisterna forneciam.

D. OS TRAIÇOEIROS HABITANTES DE SIQUÉM, 9.22-25

Os desdobramentos implícitos na fábula de Jotão logo começaram a surgir. Abimeleque governou sobre uma coalizão não muito unida de israelitas e cananeus durante três anos. **Enviou Deus um mau espírito entre Abimeleque e os cidadãos de Siquém (23)** que causou tamanha desavença entre os dois a ponto de ambos serem punidos por seus pecados. A questão de Deus ter sido a fonte do

espírito maligno é a mesma encontrada mais tarde no episódio do rei Saul (1 Sm 16.14). O termo “mau” é usado no AT no sentido de julgamento, desastre ou ira, conforme foi usado aqui.

Os mesmos homens que elevaram Abimeleque ao poder agora começavam a planejar sua queda. Com frequência, Deus usa o pecado de um homem como meio de sua própria punição. **Os cidadãos de Siquém se houveram aleivosamente contra Abimeleque** (23); eles foram desleais e começaram a tramar contra sua autoridade e sua vida. A partir dos versículos 30 e 41 pode-se concluir que Abimeleque estabeleceu seu quartel general em Arumá e nomeou Zebul como seu representante em Siquém.

Os habitantes de Siquém assaltavam **todo aquele que passava pelo caminho** (25), a fim de saquear caravanas que estavam sob a guarda de Abimeleque, por terem pagado a ele o direito de transitar por seu território. E claro que isso causaria embaraço e problemas políticos para o rei.

E. O orgulhoso Gaal, 9.26-29

A revolta aberta foi provocada pela vinda a Siquém de um homem conhecido como **Gaal, filho de Ebede** (26) que, juntamente com seus parentes, ganhou a confiança dos homens da cidade. O festival da colheita das uvas, normalmente uma ocasião de festa e alegria, celebrado em Siquém na casa de Baal-Berite (27), proveu o cenário para a sedição aberta - eles **amaldiçoaram a Abimeleque** em sua ausência.

Gaal foi o porta-voz. “Quem é Abimeleque para que os habitantes de Siquém o sirvam? Não é ele o filho de Jerubaal [Gideão] e Zebul o seu representante? Sirvam aos descendentes de Hamor, o pai de Siquém; por que obedecer a este estrangeiro? Quem dera que eu fosse o senhor deste lugar! Livrar-me-ia rapidamente de Abimeleque!”. **Hamor** foi o heveu morto por Simeão e Levi porque seu filho Siquém, que deu nome ao lugar, manchara a reputação de Diná (Gn 34.2). Além disso, Gaal desafiou Abimeleque: **Multiplica o teu exército e sai**. Ele era um desordeiro por natureza, mas é possível que um tanto de sua

coragem naquele momento fosse o resultado de muito vinho.

F. A MENSAGEM DE ZEBUL, 9.30-33

Quando **Zebul, o maioral da cidade** de Siquém, ouviu as palavras jactanciosas de Gaal, ficou muito irado e secretamente enviou alguns mensageiros ao seu encontro em Arumá: **Eis que Gaal, filho de Ebede, e seus irmãos vieram a Siquém**, disse ele, **e eis que eles fortificam esta cidade contra ti** (31), ou “eles plantam hostilidade contra ti nos corações dos habitantes de Siquém”. A sugestão de Zebul foi que Abimeleque e seus homens fossem aos campos à noite e esperassem fora dos muros da cidade, a fim de atacá-los numa emboscada ao amanhecer; **saindo ele e o povo que tiver com ele contra ti, faze-lhe como alcançar a tua mão** (33).

G. Gaal foge de Abimeleque, 9.34-41

A forte ação de Abimeleque em esmagar a revolta incitada por Gaal e a posterior destruição da cidade foi um julgamento de Deus contra os habitantes de Siquém. O rei usurpador colocou-se com suas tropas e fizeram emboscadas em Siquém através de quatro companhias. Na manhã seguinte, quando Gaal se posicionou diante dos portões da cidade, Abimeleque e seus homens levantaram-se de seus esconderijos e começaram a marchar sobre a cidade. Quando Gaal disse a Zebul: **Eis que desce gente dos cumes dos montes** (36), este lhe replicou: **As sombras dos montes vêm por homens**. Mais uma vez Gaal relatou a aproximação de uma multidão: **Eis ali desce gente do meio da terra** (heb. *navel*, tanto “do ponto mais alto” como “do meio de”) **e uma tropa vem do caminho do carvalho de Meonenim** (37; heb. “do caminho do carvalho do adivinho”).

Zebul escarnece do arrogante Gaal: “Onde está sua boca com a qual você ultrajou Abimeleque? Estes são aqueles que você desprezou! Saia e lute contra eles”. **Saiu Gaal à vista dos cidadãos de Siquém** (39) e lutou contra Abimeleque. Sua companhia foi vencida e fugiu, depois de sofrerem muitas baixas na cidade. Gaal e seus comparsas foram expelidos da cidade por Zebul. E feita uma citação à residência de

Abimeleque em **Arumá**. Este nome também é escrito como Ruma (2 Rs **23.36**). Pode ser a moderna El 'Ormah, a pouco mais de **22** quilômetros a sudeste de Siquém.

H. Siquém é arrasada, 9.42,45

No dia seguinte à expulsão de Gaal, os homens foram ao campo, provavelmente para trabalhar como de costume. Abimeleque segue agora a bem-sucedida estratégia de seu pai e divide suas forças em três companhias. Aqueles que estavam debaixo de seu comando bloquearam as entradas da cidade, enquanto que os outros atacaram os trabalhadores no campo e os mataram. Então, toda a força retornou e atacou a própria cidade, cujos obstinados defensores conseguiram manter até o fim do dia. Abimeleque matou todos os seus habitantes, destruiu os muros e as construções e jogou sal em toda a cidade, como sinal de desolação e repugnância (Dt 29.23; Jr 17.6).

I. Morte na torre de Siquém, 9.46-49

A **Torre de Siquém (46)** era uma fortificação aparentemente separada da própria cidade, ligada a esta pelo templo do deus **Berite** (veja comentário de **8.33**). Quando as pessoas na torre de Siquém ouviram as notícias sobre a destruição da cidade, fugiram em busca de refúgio na fortaleza provida pelo templo do ídolo. Abimeleque ouviu sobre isso e levou seus homens ao **monte Salmom (48)**, uma colina cheia de árvores nas proximidades. Instruiu seus homens a que seguissem seu exemplo; **cortou um ramo das árvores**, colocou-o em seus ombros e levou até a fortaleza. Quando os ramos estavam empilhados contra os muros, ateou fogo e **uns mil homens e mulheres (49)** pereceram nas chamas.

J. O FIM INFAME DE ABIMELEQUE, 9. 50-57

O momento de triunfo de Abimeleque não duraria muito. A rebelião irrompeu em outra parte de seu pequeno reino e ele levou seus homens a **Tebes (50)** e capturou a cidade. **Tebes**, atualmente chamada Tubas, a cerca de 19 quilômetros ao norte de Siquém, teve parte no levante de Siquém. Seus habitantes refugiaram-se em **uma**

torre forte (51), uma defesa dentro da cidade. Abimeleque tentou repetir a mesma estratégia usada em Siquém, ou seja, queimar a torre. Durante sua tentativa, ele chegou ao alcance daqueles que defendiam a fortificação a partir do telhado e uma mulher jogou **uma mó** [heb. “uma pedra de moinho”] **sobre a cabeça de Abimeleque** e fraturou seu crânio. O falso rei teve tempo apenas de pedir ao seu ajudante de armas que o matasse, para não sofrer a desgraça de ter sido morto por uma mulher.

Quando as tropas de Abimeleque viram seu líder morto, interromperam o cerco e foram embora para suas casas. **Assim, Deus fez tornar sobre Abimeleque o mal que tinha feito** (56), “retribuindo” ou “pagando” seu mal; e **todo o mal dos homens de Siquém fez tornar sobre a cabeça deles**. Aqueles que porventura escaparam do julgamento humano caíram diante do providencial julgamento de Deus. A maldição de Jotão recaiu sobre todos eles.³

Seção IV

OUTROS SETE JUÍZES

Juizes 10.1 —16.31

Outros sete líderes são apresentados agora, e os mais importantes dessa lista são Jefté e Sansão. Aos outros são feitas apenas referências rápidas.

A. Tola, 10.1,2

Depois da morte de Abimeleque, um homem da tribo de Issacar chamado Tola levanta-se para livrar Israel. O sexto juiz de Israel recebeu o nome de um de seus ancestrais, pois Issacar teve um filho com este nome (Gn 46.13). Restou-nos pouco mais do que o nome deste juiz.

Tola é identificado como **filho de Puá, filho de Dodô (1)** ou talvez “um ancestral de Dodô”. Dodô significa “seu amado”.

Tola viveu e foi sepultado **em Samir, na montanha de Efraim**, lugar de localização incerta. Pode ser Samaria. Samir também era uma cidade no território de Judá (Js 15.48).

B. Jair, 10.3-5

O sétimo juiz de Israel foi **Jair**, o **gileadita** que **julgou a Israel** por um período de **vinte e dois anos** (3). Dois outros homens do AT tiveram o nome de Jair, que significa “a quem Deus ilumina”: um filho de Segube (1 Cr 2.22) e um ancestral de Mardoqueu (Et 2.5). **Jair teve trinta filhos, que cavalgavam sobre trinta jumentos**, um sinal de riqueza da época.

Também se nota que os filhos de Jair tinham trinta cidades que ainda eram conhecidas como **Havote-Jair** ou “as vilas (acampamentos nômades) de Jair”. Provavelmente se tratava de vilas de tendas localizadas na porção noroeste de Basã, distantes entre 15 e 20

quilômetros a sudeste do extremo sul do mar da Galiléia.

Quando **morreu Jair**, ele **foi sepultado em Camom**, talvez a moderna Kamm em Gileade.

C. Jefté, 10.6-12.7

1. Israel mais uma vez se Afasta de Deus (10.6-9)

A maior parte do relato presente no capítulo 10 está na forma de uma introdução geral às histórias de Jefté, em conflito com os amonitas, e de Sansão, que defendeu Israel contra os filisteus (7). Deve-se notar que os falsos deuses a quem serviram os israelitas eram sete: **baalins** (os baals), **Astarote**, os **deuses da Síria, de Sidom, de Moabe, dos filhos de Amom** e os **deuses dos filisteus** (6). Semelhantemente, existe uma lista de sete nações (totalmente diferentes) das quais o Senhor libertara seu povo (11,12). O resultado dessas apostasias, ocorridas num período de vários anos, foi a derrota e a opressão nas mãos dos filisteus, procedentes do sudoeste, e dos amonitas, provenientes do sudeste. A opressão amonita é a primeira a ser descrita e foi sentida particularmente em Gileade, onde, por **dezoito anos** (8), os israelitas foram massacrados debaixo dos pés de Amom. Mas os amonitas também cruzaram o Jordão com o objetivo de atacar **Judá, Benjamim e Efraim** (9). **Naquele mesmo ano** é provavelmente uma referência ao primeiro ano daquela opressão dupla que, no caso dos amonitas, continuou por todo o período de 18 anos.

Os israelitas entregaram-se totalmente a um panteão de deuses e violaram a primeira e fundamental lei que Deus lhes dera (Dt 6.4; cf. 1 Rs 11.33 e SI 106.35,36). Além dos baalins e de Astarote, eles adoravam Bel e Saturno, da Síria; Astarte, de Sidom; Quemosh, de Moabe; Milcom, de Amom; e Dagom, da Filístia.

2. Israel finalmente se Arrepende, (10.10-16)

Em desespero, o povo de Israel, profundamente afetado por sua opressão, voltou-se outra vez para o Senhor. **Contra ti havemos**

pecado (10), disseram eles, “porque te deixamos e seguimos os baalins”. O Senhor respondeu, provavelmente por meio de seu representante, um dos profetas desconhecidos do passado: “Não libertei vocês repetidas vezes de seus inimigos, os egípcios, os amorreus, os amonitas, os filisteus, os sidônios, os amalequitas e os maonitas?”. **Os maonitas** (12) aparecem como “midianitas” na LXX, embora houvesse uma tribo árabe com este nome que vivia na região próxima a Seir. Nada se sabe de específico sobre um conflito entre Israel e os maonitas.

Deus testou a sinceridade do apelo do povo, ao dizer: “Vocês se afastaram de mim para servirem a outros deuses. Portanto, não os ajudarei mais. Que as divindades que vocês escolheram venham em seu socorro. Peçam-lhes que os salvem na hora de sua dificuldade”. O povo insistiu: **Pecamos** (15). “Faze conosco o que quiseres - tão-somente livra-nos hoje”. Desta vez seu arrependimento foi genuíno porque eles renunciaram aos deuses estrangeiros e serviram ao Senhor. **Se angustiou a sua alma** (16). Deus estava irado com os opressores de seu povo e teve piedade da miséria de Israel.

3. *A Busca por um Líder, (10.17,18)*

Pouco depois, os amonitas reuniram-se e mais uma vez **se puseram em campo em Gileade**, enquanto os israelitas concentravam suas forças **em Mispa** (17). O local do acampamento de Israel é desconhecido, embora a Mispa citada aqui provavelmente seja a mesma Mispa de Gileade (11.29) e Ramate-Mispa (Js 13.26) e Ramote, em Gileade (Dt 4.43) ou Ramote-Gileade (1 Rs 4.13). **Mispa**, que significa “uma torre de vigia” ou “lugar alto de onde se pode ver ao longe e em todas as direções”, era um nome comum na Palestina dos tempos bíblicos. Além do nome deste lugar, também era o nome de uma cidade em Benjamim (20.1); um lugar ao pé do monte Hermom (Js 11.3); uma vila próxima ou exatamente na planície de Judá (Js 15.38); um lugar em Moabe (1 Sm 22.3) e um monte de pedras erigido ao norte do Jaboque (Gn 31.49).

Os líderes de Gileade estavam num dilema, pois não tinham um general para esta emergência. “Onde podemos encontrar um homem

que lidere um ataque contra os amonitas?”, perguntaram eles. “Ele será o governador sobre toda Gileade”.

4. *Fugitivo na Terra de Tobe* (11.1-3)

Estes versículos apresentam-nos **Jefté**, o oitavo juiz de Israel. Ele era um guerreiro poderoso, mas filho de uma união entre **Gileade**, neto de Manassés (Nm 26.29,30), e **uma prostituta** cujo nome não é mencionado. Uma vez que o pai de Jefté também teve filhos com sua esposa legítima, estes compeliram seu meio-irmão a sair de casa quando ficou mais velho. Ele foi deserdado por sua família (2) e habitava em **Tobe** (3). Este nome significa “bom, agradável, doce, formoso, belo”. Pode ter sido et-Taiyibeh, a cerca de 24 quilômetros a leste de Ramote-Gileade. Ali ele se tomou o chefe de **homens levianos**, renegados, como no caso de Davi, mais tarde (1 Sm 22.1,2), a quem ele levava às festas. Foi desta maneira que Jefté ganhou a experiência e a reputação de homem **valente e valoroso** (1).¹

5. *Jefté Chega ao Lar*, (11.4-11)

Mais tarde, quando os amonitas invadiram Israel (10.17), os anciãos de Gileade correram à terra de Tobe. “Venha e seja o nosso líder para que possamos nos defender”, imploraram eles a Jefté. Este lembrou aos anciãos o tratamento ruim que recebera anteriormente. “Por que vocês me procuram, agora que estão com problemas?”, perguntou ele. **Por isso mesmo tomamos a ti** (8) foi a resposta deles, talvez com este sentido: “Percebemos que o tratamos injustamente e é por isso que viemos: para que possamos mostrar-lhe nossa confiança tendo-o **por cabeça**” (8; esta palavra significa “general”, talvez “ditador”).

Quando Jefté quis se certificar do que lhe era oferecido, mais uma vez os anciãos afirmaram que, se ele os livrasse, então seria colocado como chefe e cabeça. Desta vez selaram seu acordo com um juramento religioso: **O Senhor será testemunha entre nós, e assim o faremos conforme a tua palavra** (10). O voto foi reafirmado quando **Jefté falou todas as suas palavras perante o Senhor, em Mispa** (11).

6. *O Apelo de Jefté aos Amonitas, (11.12-28)*

O primeiro ato de Jefté foi enviar mensageiros ao rei de Amom, a fim de perguntar-lhe: **Que há entre mim e ti, que vieste a mim a pelejar contra a minha terra?** (12), ou seja, “o que você tem contra mim para ter invadido o meu país?”. Em resposta, os amonitas afirmaram que os israelitas tinham se apossado ilegalmente de suas terras na época do êxodo, **desde Amom até Jaboque e ainda até ao Jordão** (13; veja o mapa). Nos tempos antigos, o rio **Amom** (“impetuoso, barulhento”) separava a terra dos amorreus ao norte, da terra dos moabitas ao sul (Nm 21.13). Mais tarde, ele foi a linha divisória entre o território de Rúben e Moabe (Dt 3.16; Js 13.16). Hoje ele é conhecido como wadi el-Mojib, que corre até o mar Morto, a partir de En-Gedi, no leste. O **Jaboque** era um córrego que dividia Gileade. Ele nascia no leste, cerca de 53 quilômetros ao norte do mar Morto e desembocava no Jordão. Atualmente é chamado de wadi Zerqa. Seu território foi mantido pelos amorreus até a chegada dos israelitas em Canaã. Os amonitas viviam mais a leste.

Jefté rapidamente negou o pedido dos amonitas. Israel não tomara os territórios dos moabitas e dos amonitas. As tribos que fugiram do Egito atravessaram o deserto até o **mar Vermelho** (16) e chegaram a Cades. Então, quando o exílio no deserto estava quase no fim, eles pediram permissão para passar pelo território de Edom e Moabe (Nm 20.14ss), mas a solicitação lhes foi negada. Eles então rodearam (18) o território de Edom e Moabe e acamparam depois de Arnom, no limite do território controlado por **Seom, rei dos amorreus**, que vivia em **Hesbom** (19). Quando este rei também se recusou a dar passagem às tribos hebréias, ele atacou suas forças, ao reunir seu povo em **Jaza** (20). Israel o derrotou totalmente e possuiu **todos os limites dos amorreus** (22). **Hesbom** (26), localizada nas fronteiras do território designado a Rúben e Gade, está a cerca de 24 quilômetros a leste da foz do Jordão. **Jaza** (20), a cena da batalha, era um lugar na planície de Moabe cuja localização atual é desconhecida.

Uma vez que o Senhor entregara os amorreus e sua terra nas mãos de Israel, o território era deles por direito de conquista e não poderia ser

legalmente reclamado pelos amonitas. Referência ao deus Quemosh - na realidade, a divindade nacional de Moabe - tanto indica que os amonitas agora adoravam Quemosh juntamente ou no lugar de Milcom (cf. comentário de 10.6), como pode ser uma indicação de que os moabitas apoiavam o pedido dos amonitas em relação ao território em disputa. Os adoradores de Quemosh sacrificavam seus filhos como ofertas queimadas (Nm 21.29; 2 Rs 3.27).

Ao dar prosseguimento a sua apelação, Jefté destacou que até mesmo **Balac, filho de Zipor, rei dos moabitas** (25) não lutou contra Israel, embora tivesse contratado Balaão, o falso profeta, para lançar uma maldição sobre a companhia que passava por ali (Nm 22.6). Os israelitas habitaram em Hesbom e em **Aroer** e em suas respectivas vilas por **trezentos anos** (26), um período de tempo que excede o apresentado no livro de Juízes. Qualquer pedido legítimo teria sido feito antes deste grande período de tempo (25,26). **Aroer** ficava a cerca de 19 quilômetros a leste do mar Morto, na margem norte do Amom.

Jefté concluiu, portanto, que a falta não era dos israelitas, mas do rei de Amom. Ele clama então ao **Senhor, que é juiz**, para que **julgue hoje entre os filhos de Israel e entre os filhos de Amom** (27). Apesar da lógica da defesa, o teimoso rei de Amom não deu crédito à mensagem de Jefté.

7. O Voto Impulsivo de Jefté (11.29-33)

O Espírito do Senhor veio sobre Jefté (29) e ele viajou **por Gileade e Manassés**,

provavelmente para recrutar reforços e voltou depois a **Mispa**. Antes de ir para a batalha, Jefté fez um voto, ao afirmar que, se Deus lhe desse a vitória em sua batalha contra os amonitas, ele ofereceria como oferta queimada ao Senhor **aquilo que, saindo da porta de minha casa, me sair ao encontro** (31). É verdadeiramente difícil sugerir alguma construção diferente desta que está implícita no texto hebraico: “Seja quem for que saia... eu o oferecerei como oferta queimada”. Deus não inspirou o voto de Jefté e nem foi Ele subornado

para dar a vitória a Israel. Existe aqui nada além de um trágico erro de concepção do que venha a ser uma adoração que agrada a Deus.

Quando **Jefté** deu início à batalha, **o Senhor** entregou os amonitas **na sua mão** e ele **os feriu com grande mortandade, desde Aroer até chegar a Minite, vinte cidades, e até Abel-Queramim** (33). **Minite** é mencionada como o lugar de onde saiu o trigo que foi levado a Tiro (Ez 27.17), mas sua localização é desconhecida. **Abel-Queramim** é o termo hebraico para “planície das videiras” e sua localização também é desconhecida.

8. *A Filha de Jefté*, (11.34-40)

O retorno triunfante de Jefté ao seu lar em Mispa foi tragicamente manchado pela presença em sua casa de **sua filha**, que saiu para saudá-lo **com adufes e com danças** (34; 1 Sm 18.6,7). A tragédia era ainda pior pelo fato de que ela era **a única** filha de Jefté. No gesto tradicional e espontâneo de profundo pesar, ele **rasgou as suas vestes** e contou-lhe o voto que fizera. Em completa resignação, ela insiste com ele para que cumpra seu voto (cf. Lc 1.38). Jefté deu-lhe apenas o prazo de **dois meses** para que andasse pelos montes e chorasse a sua **virgindade** (37). Ao final deste período, ela voltou a seu pai e, nas palavras simples do texto, Jefté **cumpriu nela o seu voto que tinha feito** (39).

Há aqueles que inferem a partir dos versículos 38 a 40 que Jefté mudou seu voto e alterou a morte da filha pela virgindade perpétua. Mas jamais devemos deixar que sentimentos de piedade influenciem nossa interpretação da Palavra de Deus. O significado bastante claro do texto é que Jefté ofereceu sua filha como sacrifício humano. É inegável que a sua conduta esteja muito longe dos padrões bíblicos, os quais proíbem deliberadamente o sacrifício humano. Mas Jefté era o produto de uma era pré-cristã amaldiçoada e bárbara, além de também ter sangue cananeu. Este incidente ilustra a extensão da influência que as religiões pagãs de Canaã tinham sobre o monoteísmo hebreu daqueles tempos.

Não há outra referência ao costume mencionado no versículo 40,

segundo o qual **as filhas de Israel iam de ano em ano a lamentar a filha de Jefté, o gileadita, por quatro dias no ano.** Existe a possibilidade de este ser um costume local e de sua observância não ter perdurado muito.

9. *O Ciúme de Efraim* (12.1-7)

Depois da grande vitória de Jefté, os habitantes de **Efraim** encheram-se de ciúmes. Os homens foram convocados às armas **e passaram para o norte** (heb. “Safom”, local desconhecido). Dali, eles lançaram uma ameaça a Jefté, acusando-o de não tê-los convocado para a batalha. Jefté replicou dizendo-lhes que, na verdade, foram convocados, mas se recusaram a vir. É possível que ele se referisse a um apelo enviado pelos anciãos de Gileade antes de ser escolhido para ser líder.

Jefté reuniu seus homens e, sem ter a autêntica sabedoria de Gideão (8.1-3) para lidar com os irritadiços efraimitas, batalhou com eles e os exterminou. Ao que parece, a batalha iniciou-se por causa do insulto dos efraimitas: **Fugitivos sois de Efraim, vós, gileaditas, que morais no meio de Efraim e Manassés** (4 - ARA). Talvez quizessem dizer: “Vocês se gloriam de terem derrotado os amonitas, mas a verdade é que provavelmente foram eles que derrotaram vocês. Um exército vitorioso? Que brincadeira! Vocês mais se parecem com uma companhia de fugitivos que mal conseguiram sobreviver”.

Quando os efraimitas fugiram, os soldados de Jefté tomaram os vaus do Jordão, por onde eles deveriam passar. Toda vez que alguém tentava atravessar o rio, era desafiado com a seguinte pergunta: “Você é efraimita?”. Se negasse, então era pedido que a pessoa repetisse a palavra **chibolete** (6), termo que significa “espiga” ou “riacho”. Uma vez que o dialeto efraimita não possuía o som de x, invariavelmente um efraimita dizia **sibolete**, o que o denunciava e causava sua execução. Aquela guerra civil desnecessária ceifou a vida de 42 mil homens de Efraim.

Phillips P. Elliot faz uma excelente aplicação do “chibolete” do Jordão quando nos lembra que

Toda vida é testada por seu sotaque - não tanto o dos lábios, mas o do coração.

Jesus disse: “Nem todo o que me diz: Senhor, Senhor! entrará no Reino dos céus”

(Mt 7.21). Por que não? Porque seu sotaque estava errado; suas vidas não estavam em harmonia com suas palavras e seu discurso era oco e falso.²

Também é dito que as tropas norte-americanas que lutavam contra ações de guerrilha nas ilhas Filipinas durante a Segunda Guerra Mundial usaram uma adaptação literal deste teste para distinguir os soldados japoneses capturados dos outros orientais, ao ordenar que eles pronunciassem uma palavra que continha a letra “l”, som inexistente no idioma japonês.

Jefté julgou a Israel seis anos. Quando morreu, **foi sepultado nas cidades de Gileade** (7). O texto hebraico não traz a expressão “em uma das”; diz apenas “nas cidades de Gileade”. Talvez seja um caso de sinédoque (cf. Mt 12.40; Lc 2.1; At 27.37). Algumas cópias da LXX trazem a expressão “em sua cidade, Mispa de Gileade”.

D. IBSÃ, 12.8-10

O nono juiz de Israel chamava-se **Ibsã** e pouco se sabe sobre ele. Uma antiga tradição hebraica identifica-o com Boaz (Rt 2.1). Sua casa ficava em **Belém** (8), não a familiar Belém da Judéia onde Jesus nasceu, mas a vila que é menos conhecida, situada na parte sudoeste do território de Zebulom, a moderna Beit Lahm, 11 quilômetros a noroeste de Nazaré.

Ibsã destaca-se por ter **trinta filhos** (9, como Jair, 10.4), aos quais trouxe trinta esposas de fora de seu clã. É possível que, em troca, ele tenha dado suas **trinta filhas**. Governou por **sete anos** e foi enterrado em sua casa em **Belém** (10).

E. Elom, 12.11,12

Depois da morte de Ibsã, **Elom, o zebulonita** (11), tornou-se juiz. O seu nome significa “terebinto” ou “carvalho”. Dois outros homens do AT também se chamavam Elom: o segundo filho de Zebulom (Gn

46.14; Nm 26.26) e um heteu, sogro de Esaú (Gn 26.34; 36.2). Elom **foi sepultado em Aijalom, na terra de Zebulom** (12). No texto hebraico, este nome é soletrado de duas maneiras nestes versículos. No versículo 11 ele tem exatamente as mesmas consoantes de Aijalom, no versículo 12. Somente as vogais, representadas por pontos naquele idioma, é que diferenciam os nomes. É bem provável que a cidade se chamasse Aijalom porque Elom fora sepultado ali. Uma outra cidade de mesmo nome, porém, mais conhecida, era a Aijalom localizada em Dã (Js 19.43), mais ao sul.

F. Abdom, 12.13-15

Abdom, filho de Hilel, foi aquele que **julgou a Israel** (13) por treze anos. **Abdom**, “servil”, também é o nome de um benjamita (1 Cr 8.23); o primeiro filho de Jeiel (1 Cr 8.30; 9.36) e o filho de Mica (2 Cr 34.20). Este juiz tinha **quarenta filhos e trinta filhos de filhos**, ou seja, netos, **que cavalgavam sobre setenta jumentos** (14). A casa e o local de sepultamento de Abdom estavam em **Piratom**, que pode ser a moderna Fera ‘ata, cerca de 9,5 quilômetros a oeste de Siquém. A referência aos **amalequitas** (15) pode indicar uma comunidade desses nômades no deserto do sul que habitavam nas proximidades.

G. Sansão, 13.1 - 16.31

A narrativa de Sansão é a mais longa do livro dos Juízes e trata da última e, em certos aspectos, mais enigmática figura do grupo. Ela concentra sua atenção nas pressões dos filisteus contra Israel e reflete o estado de incerteza das relações antes da guerra declarada entre Israel e a Filístia. Apesar disso, estes capítulos são mais do que um relato familiar da contenda de um homem contra os filisteus. Eles descrevem a longânima misericórdia de Deus por um povo repetidamente apóstata. O versículo 1 traz-nos a costumeira fórmula do livro, usada por diversas vezes para descrever a apostasia das tribos: **E os filhos de Israel tornaram a fazer o que parecia mal aos olhos do Senhor, e o Senhor os entregou na mão dos filisteus por quarenta anos.**

Os **filisteus** eram um povo belicoso que se estabelecera por toda a

planície costeira da Palestina depois de emigrarem, procedentes de Caftor (Am **9.7**), provavelmente Creta. Pelo menos alguns deles estavam em Canaã já desde o tempo de Abraão (Gn **20 - 22**). Mas o principal movimento na direção sul a partir de sua ilha aconteceu na época do êxodo. No tempo de Josué eles já estavam estabelecidos nas cinco maiores cidades governadas pelos cinco “senhores” (ou “tiranos”, significado mais apropriado do termo): Asdode, Asquelom, Ecrom, Gate e Gaza. Durante o período inicial dos juízes eles foram expulsos por Sangar (**3.31**), mas os israelitas aceitaram a adoração de seu deus em determinadas épocas (**10.6,7**). Os **quarenta anos** de opressão dos filisteus se estenderiam até a vitória de Samuel em Ebenézer (**1 Sm 7**).

Existem diferentes maneiras de enumerar as aventuras de Sansão nos capítulos 13 a 16. Uma determinada lista divide o material em sete episódios, que começam com seu nascimento e peripécias, e terminam com sua morte.

1. O Cenário e o Nascimento de Sansão (13.2-25)

a. Um anjo visita Manoá (13.2-7). A história de Sansão é prefaciada pelo relato de um anúncio antecipado de seu nascimento por um anjo, tal como nos casos de Isaque (Gn 17.2,9,10) e João Batista (Lc 1.11-17). **O Anjo** (3) apareceu à mulher de um homem da tribo de Dã chamado **Manoá** (“descanso”, “calmo”) que vivia em **Zorá** (2), a moderna Sar’a, 24 quilômetros a oeste de Jerusalém, em Sefelá ou nas planícies costeiras de Judá. A esposa de Manoá, cujo nome nunca é mencionado, **era estéril**. **O** anjo apareceu à mulher e disse-lhe que ela teria um filho. Ela deveria se abster de **vinho** (feito de uvas), de **bebida forte** (feita de outros frutos ou grãos) e de comer qualquer coisa que fosse cerimonialmente **imunda** (4).

O filho seria **nazireu de Deus** (5) desde seu nascimento. Em sinal disso, não seria passada navalha em sua cabeça. Os nazireus (“consagrado”, “dedicado”) eram pessoas de ambos os sexos que faziam um voto de separar-se para Deus, tanto para toda a vida como por apenas um período específico. Eles não eram eremitas e não necessariamente ascetas. Observavam três proibições: não deveriam

tomar vinho ou bebida forte, nem comer qualquer fruto da vide; não deveriam aparar ou cortar o cabelo; e não poderiam ficar cerimonialmente imundos por meio de contato com um corpo morto (Nm 6.1-21).³ Uma vez que o cabelo do nazireu não era cortado, a palavra foi transferida para uma vinha que não era podada no sétimo e também no quinquagésimo ano (Lv 25.4,5,11), e passou a significar também “vinha não podada”. **Ele começará a livrar a Israel**, uma obra continuada por Samuel, Saul e Davi.

A esposa de Manoá relatou o ocorrido com alegria ao seu marido, e chamou o visitante divino de **um homem de Deus** (6), cuja aparência **era semelhante à vista de um anjo de Deus, terribilíssima** - a palavra hebraica também tem o significado de “tremenda, maravilhosa, admirável, santa”. Ela lhe contou o que o anjo dissera, e mencionou o fato de que ele não lhe dissera seu nome e nem lhe perguntara de onde vinha.

b. *Um pai preocupado* (13.8-14). A reação de Manoá foi orar a Deus para que **o homem de Deus** (8) pudesse ser mandado de volta para instruir o casal sobre como cuidar do menino depois que ele nascesse. O Senhor respondeu favoravelmente e o mensageiro celestial reapareceu à esposa de Manoá **quando esta se achava assentada no campo** (9). Desta vez, a mulher correu para buscar seu marido. Manoá perguntou: **qual será o modo de viver e serviço do menino?** (12), ou “que tipo de menino será este? Qual será sua ocupação?” O termo hebraico usado na segunda pergunta também significa “trabalho, negócio, ocupação”. O anjo advertiu tanto a Manoá como a sua esposa que observassem cuidadosamente as instruções que lhes foram dadas da primeira vez (13,14).

c. *A oferta de Manoá* (13.15-20). Manoá ainda não tinha percebido que falava com um anjo do Senhor e, assim, disse: “Se você puder permanecer apenas alguns minutos, vamos lhe preparar um cabrito”. O anjo respondeu: “Ainda que você me detenha, não vou comer da sua comida. Se, porém, você preparar uma oferta queimada (holocausto), ofereça-a **ao Senhor**” (16). Quando Manoá perguntou qual era o seu nome para que pudesse honrá-lo quando o menino nascesse, o anjo

respondeu que seu nome era segredo (18). Este termo também pode significar “incompreensível” ou “maravilhoso”. A expressão segue a mesma tradução desta passagem em Salmo 139.6 e Isaías 9.6.

Manoá tomou um cabrito e uma oferta de manjares (19). A oferta de grãos poderia ser oferecida tanto crua como assada, moída como farinha ou preparada como pão ou bolo. Ele a colocou sobre uma pedra como se fosse um altar improvisado **e agiu o Anjo maravilhosamente, pois, subindo a chama do altar para o céu, o Anjo do Senhor subiu na chama do altar**, e ele deixou Manoá e sua mulher prostrados com o rosto em terra e em grande temor.

d. O nascimento de Sansão (13.21-25). O anjo nunca mais voltou e, então, Manoá entendeu que era **o Anjo do Senhor** (21). O medo apoderou-se de seu coração e ele lamentou: **Certamente morreremos, porquanto temos visto Deus** (22). Confira a reação de Gideão (6.22; também Gn 32.30; Êx 20.19; 33.20; Is 6.5). A mulher foi mais realista: “Se o Senhor quisesse nos matar não teria aceitado essas nossas ofertas nem nos teria revelado aquelas coisas”.

No tempo devido ela deu à luz seu filho e o chamou **Sansão** (24), um nome que significa “como o sol”, embora Adam Clarke baseie-se num termo caldeu com as mesmas consoantes para chegar ao significado de “servir”. **O menino cresceu, e o Senhor o abençoou** (24). A expressão é similar àquilo que foi dito sobre Samuel em 1 Samuel 3.19. **O Espírito do Senhor começou a impeli-lo de quando em quando** (25). O termo traduzido aqui como **impelir** também significa “pedir”, “empurrar”, “levar a fazer”. A referência ao **campo de Dã** também é feita em 18.12, em relação a um acampamento a oeste de Quiriate-Jearim em Judá. A localização exata é desconhecida, a não ser pelo fato de que ficava **entre Zorá** (veja o comentário do v.2) **e Estaol**, talvez a moderna Eshu’a.

Os “fundamentos para uma família piedosa” são mostrados nos versículos 15-25. (1) Manoá e sua esposa receberam um anjo “sem saber” (w. 15,16); (2) os dois apresentaram um sacrifício ao Senhor (w. 17-19); (3) eles reconheceram o elemento divino na vida (w. 20,21); (4) eles receberam a palavra de Deus com fé (w. 22,23); (5) a bênção de

Deus repousou sobre sua família (w. 24,25).

2. Sansão em Timna (14.1-20)

a. Um jovem muito tolo (14.1-4). Já crescido e quase na idade adulta, **desceu Sansão a Timna** (1) e apaixonou-se por uma moça filistéia. Timna era uma cidade na fronteira de Judá, atribuída a Dã (Js 15.10; 19.43), e aparentemente estava nas mãos dos filisteus naquela época. E a moderna Tibneh, cerca de 15 quilômetros a oeste-sudoeste de Jerusalém. Quando voltou para casa, deixou seus pais piedosos chocados (cf. a reação de Isaque e Rebeca diante dos casamentos de Esaú, Gn 26.34,35; 27.46), ao anunciar: “Vi uma mulher em Timna com a qual gostaria de me casar. Façam os preparativos para o casamento”. Normalmente eram os pais hebreus que escolhiam as noivas para seus filhos (Gn 24.1-3; 28.1,2; 38.6). Sansão fez sua própria escolha, mas desejava que seu pai completasse os preparativos.

Manoá e sua esposa fizeram as devidas objeções. O casamento era definitivamente contrário à lei mosaica (Êx 34.16; Dt 7.3). Muitos filhos deixaram de gozar da sabedoria de seus pais para provarem o fruto amargo de suas próprias escolhas teimosas. “Não há uma moça adequada para você no meio do nosso povo?”, perguntaram eles. Esta é a lei de Deus até hoje. Um cristão deve sempre se casar com alguém que identifique com ele a mesma fé (2 Co 6.14). É possível que alguns, inocentemente, achem que poderão encontrar felicidade mesmo quando desprezam esta lei divina. Que tais pessoas ponderem sobre os tristes exemplos que podem ser vistos hoje em dia.

Sansão foi persistente. **Tomai-me esta**, exigiu ele, **porque ela agrada aos meus olhos** (3) ou “porque ela é correta aos meus olhos”. Como é comum que os olhos dos jovens os façam tomar decisões tolas e imutáveis! Qualquer casamento baseado puramente na atração física está destinado a não durar “até que a morte os separe”. Mas Deus usava a obstinada teimosia desse rapaz para seus próprios propósitos. O Senhor extrairia coisas boas desta situação infeliz. O fato de Israel estar sujeito aos filisteus foi destacado: **naquele tempo, os filisteus dominavam sobre Israel** (4).

b. *Um leão doce* (14.5-9). Sansão desceu a Timna com seus pais. Quando passou pelos vinhedos, um leão jovem rugiu para ele. Sansão agarrou a fera com suas mãos e o dividiu ao meio (cf. 1 Sm 17.34-36; 2 Sm 23.20). Os leões eram comuns na Palestina dos tempos bíblicos. Mas Sansão não mencionou o incidente a seus pais. Possivelmente, eles discutiram e separaram-se no caminho, e Sansão estava sozinho quando lutou com o leão. Não é necessário mudar o texto e excluir a referência aos pais de Sansão com o objetivo de explicar os verbos singulares em hebraico no versículo 5. Na casa da moça ele discutiu o noivado e estava bastante satisfeito com sua escolha.

E provável que Sansão tenha retornado apenas depois de um ano para reivindicar sua noiva. No caminho, ele passou pelo lugar onde encontrara o rei dos animais e desviou-se **do caminho a ver o corpo do leão morto** (8). Ele se surpreendeu por ter descoberto que as abelhas haviam feito uma colméia naquele corpo sem vida. Colocou um pouco de mel em suas mãos e foi comendo pelo caminho. Quando se reuniu com seus pais, compartilhou com eles aquela iguaria, mas não disse onde havia conseguido aquilo. Até onde sabemos por meio do relato, a única proibição do nazireado (cf. comentário de 13.5) que Sansão observara foi a de não cortar o cabelo. Aqui e em muitos outros momentos em suas batalhas com os filisteus, Sansão entra em contato com algum corpo morto. Não há aqui uma menção específica da abstinência do vinho ou do fruto da vide.

c. *O enigma de Sansão* (14.10-14). Depois de ter-se casado, Sansão seguiu o costume da época e deu uma grande festa. Trinta homens filisteus foram convidados **como o vissem** (11), ou, como traduz a LXX, “porque o temiam”. O propósito usual da companhia de jovens rapazes seria a atitude de agirem como guarda-costas para o noivo. Neste caso, foram usados para proteger os filisteus *do* noivo!

Como parte das festividades do casamento, Sansão propôs **um enigma**, e prometeu que se seus trinta acompanhantes pudessem desvendá-lo antes do final da semana das comemorações, ele lhes daria **trinta lençóis e trinta mudas de vestes** (12) ou “trinta roupas de baixo e 30 conjuntos”. Se não conseguissem, então deveriam dar o mesmo para ele. O enigma era: **Do comedor saiu**

comida, e doçura saiu do forte (14). Este enigma pode ser tão claro como cristal quanto permanecer obscuro. Mesmo depois de **três dias**, eles não conseguiram resolvê-lo.

d. A traiçoeira noiva de Sansão (14.15-20). Finalmente, **ao sétimo dia** (15), os convidados estavam tão desesperados que ameaçaram queimar vivos a esposa de Sansão e os seus parentes, se ela não descobrisse a resposta do enigma e lhes revelasse. **Chamastes-nos vós, aqui, para possuir o que é nosso, não é assim?** Vários esforços têm sido feitos para conciliar a expressão **ao sétimo dia** com o versículo 17. Na LXX lê-se “no quarto dia”; mas isso não é particularmente útil. Possivelmente os **sete dias** (17) devam ser entendidos como uma expressão para descrever a urgência com a qual a noiva pressionou em busca de uma resposta. Sansão parecia particularmente vulnerável às lágrimas e ao amor fingido de uma mulher (cf. 16.6ss).

Finalmente, **ao sétimo dia**, Sansão revelou a resposta à moça **porquanto o importunava** (17). Imediatamente ela contou aos seus compatriotas e, no último dia, **antes de se pôr o sol** (18) - talvez com o significado de “antes de Sansão descer à câmara nupcial” (cf. comentário de 13.24), uma vez que a união propriamente dita ocorria no final das alegres festividades (cf Gn 29.22,23) e não no início - eles trouxeram a resposta a Sansão: **Que coisa há mais doce do que o mel? E que coisa há mais forte do que o leão?** Sansão não teve dificuldade para descobrir a fonte de sua informação. **Se vós não lavrásseis com a minha novilha** - uma expressão vulgar que significava “se vocês não tivessem dormido com a minha esposa” -, **nunca teríeis descoberto o meu enigma.**

Com uma dívida a ser paga, **o Espírito do Senhor** (19) desceu poderosamente sobre Sansão e capacitou-o com força sobre-humana. Ele **desceu aos asquelonitas**, os habitantes de um dos cinco maiores centros filisteus, a cerca de 32 quilômetros de distância, **matou deles trinta homens** (19), tomou suas roupas como espólio e deu-as aos seus oponentes. **Acendeu-se a sua ira** e, sem reclamar sua noiva, **subiu à casa de seu pai**. Neste meio tempo, **a mulher de Sansão foi dada ao seu companheiro, que o acompanhava** (20),

o seu “padrinho” no casamento (cf. Jo 3.29). Isto acontecia com o objetivo de salvar a noiva da desgraça.

3. *Trezentas Raposas são Incendiadas* (15.1-8)

Na época da **sega do trigo (1)**, geralmente em maio ou começo de junho, a ira de Sansão havia esfriado. Pegou um cabrito como uma “oferta de paz” ou como presente costumeiro numa ocasião como aquela, e voltou a Timna. Tem-se conjecturado ⁴ que o tipo de casamento citado aqui era a união conhecida como um matrimônio *sadiqa*, no qual a mulher permanecia na casa de seus pais em vez de ir para a residência do marido. Ela seria visitada de tempos em tempos por seu esposo, e seus filhos sempre permaneceriam com os pais dela.

Quando Sansão decidiu entrar no quarto de sua mulher, o pai dela o impediu e explicou-se dizendo que imaginara ter ele esquecido da esposa e, por isso, não voltaria mais; informou-o de que, agora, ela era mulher de um outro homem. Em seu lugar, o filisteu ofereceu-lhe uma filha mais nova e mais bonita do que ela.

Ao sentir sua causa justificada pelo tratamento que recebera, Sansão pensou: **Inocente sou esta vez para com os filisteus, quando lhes fizer algum mal (3)**; literalmente, “quando eu os partir em pedaços”. Tomou 300 raposas (ou chacaís), uniu-as pela cauda e amarrou uma tocha em cada um dos pares. Então, ateou fogo às tochas e soltou as raposas **na seara** (um campo de trigo) **dos filisteus (5)**, queimando não apenas os grãos, mas também os vinhedos e os pomares (cf. 2 Sm 14.28-33).

Quando descobriram a fonte do desastre em seus campos, os filisteus atacaram e queimaram a esposa de Sansão e o pai dela. Ele ficou tão irado que jurou vingar-se, ao dizer: “Se é isso o que fiz a vocês, juro que me vingarei e depois desistirei” (7). **E feriu-os com grande ferimento, perna juntamente com coxa (8)**, “cortou-os totalmente em pedaços”. Ao sair de Timna, Sansão foi habitar **no cume da rocha de Etã** ou “na fenda” ou “na caverna” da rocha. A identificação de **Etã** é incerta. O nome significa “lugar de animais de rapina”.

Também é o nome de um vilarejo transferido de Judá para Simeão (1 Cr 4.32; cf. Js 15.32,42) e de uma cidade nas redondezas de Belém (1 Cr 4.3).

4. *Sansão em Lei* (15.9-20)

a. *Um destacamento de três mil homens* (15.9-13). Determinados a destruir seu inimigo, os filisteus invadiram **Judá, e estenderam-se por Lei (9)**, ou seja, eles saíram de seu país com o objetivo de fazer uma pilhagem. **Lei**, que significa “face” ou “queixada”, não pode ser identificada. Quando os judeus alarmados perguntaram pela razão da empreitada, os filisteus responderam: “prender Sansão e puni-lo pelos crimes que cometeu contra nós”.

Longe de querer envolver-se com seus vizinhos belicosos, eles enviaram três mil homens até a rocha onde Sansão habitava. O grande número é uma indicação de seu profundo respeito pela extraordinária força de Sansão. Os hebreus tentaram argumentar com ele: “Você não percebe que os filisteus governam sobre nós?”, perguntaram eles. “Não vê que com sua atitude coloca toda a nação em risco?”. A resposta de Sansão foi: **Assim como eles me fizeram a mim, eu lhes fiz a eles (11)** - “dei a eles o que mereciam”.

Quando seus compatriotas deixaram claro o seu propósito de prendê-lo e de entregá-lo aos filisteus, Sansão, aquele homem forte, pediu apenas a garantia de que eles próprios não o matariam. Quando isso lhe foi certificado, ele permitiu que fosse amarrado com duas cordas novas e entregue aos filisteus.

h. *Uma arma singular* (15.14-20). Quando Sansão foi levado a Lei, os filisteus vieram com grande júbilo para encontrarem-se com ele e os seus captores. Mais uma vez **o Espírito do Senhor possantemente se apossou dele (14)**. As cordas em seus braços tornaram-se como fios de linho queimado e **se desprenderam** (lit. “derreteram”) **de suas mãos**. Sansão apanhou uma **queixada fresca de um jumento** (portanto, mais dura e menos frágil do que se estivesse seca) como sua única arma e matou **mil homens** do exército inimigo. Ao fazer uso daquilo que é claramente um resquício de um cântico

da vitória (cf. Ex 15.1-19; Jz 5), ele disse:

**Com uma queixada de jumento um montão, dois montões;
com uma queixada de jumento feri a mil homens (16).**

Depois da vitória, Sansão jogou fora a queixada de jumento e o lugar onde isso ocorreu foi chamado de Ramate-Leí (17), “a altura ou colina de Lei, i.e., colina de uma queixada”. Tomado de terrível sede depois de seu esforço, Sansão orou e **o Senhor fendeu a caverna que estava em Lei; e saiu dela água (19)**, ou seja, Deus abriu um buraco na colina e a água fluiu. A palavra para caverna no original hebraico tem o sentido de “pilão”. Este ponto era provavelmente uma cavidade na superfície da terra que se parecia com um pilão. Foi nesse lugar que Deus miraculosamente fez brotar uma fonte de água.

O fato de Lei significar “queixada” tem levado alguns a interpretar a passagem como se ela quisesse dizer que a água fluiu da queixada do jumento. Esta interpretação é impossível à luz do fato de que a fonte (no original “En-hakkore”, traduzido como “A fonte do que clama”) ainda fluía até **ao dia de hoje**, ou seja, até o dia em que o relato foi escrito.

E destacado aqui que o período de juizado de Sansão, que parecia consistir inteiramente de façanhas contra os filisteus, durou **vinte anos** (20; 16.31).

5. *Sansão em Gaza* (16.1-3)

Mais tarde, Sansão fez uma visita a **Gaza (1)**, uma dentre as cinco maiores cidades dos filisteus, aquela que ficava mais ao sul. Foi ali que ele viu uma prostituta e teve relações com ela. Quando os homens da cidade souberam que seu inimigo público número um aparecera, correram e cercaram o lugar. Durante a noite, eles permaneceram quietos, à espera, no portão da cidade, com a intenção de matar Sansão ao amanhecer. Contudo, à meia-noite, ele acordou e sozinho retirou as duas partes do portão com seus patentes. Colocou tudo em seus ombros e levou até o topo da colina próxima a

Hebrom (3), distante cerca de 30 quilômetros.

Está claro, naturalmente, que os surtos de força que vinham do Espírito do Senhor eram apenas físicos e não envolviam uma regeneração ou limpeza moral. Nem todos os homens do Antigo Testamento sobre os quais veio o Espírito de Deus eram bons e dedicados. Deus apenas os usou como instrumentos para realizar seus propósitos históricos junto ao seu povo, do mesmo modo que alguém pode usar um galho seco e sujo para espantar um cachorro bravo. Embora os filisteus não pudessem impedir Sansão, ele mesmo se atrapalhou. Sua conduta licenciosa finalmente o envolveu numa situação na qual sua força lhe foi tirada e sua eficácia destruída.

6. *Sansão e Dalila* (16.4-22)

a. Sansão é amarrado com cordas de arco (16.4-9). O último ato de Sansão como um homem livre foi causado por seu relacionamento com uma mulher chamada **Dalila**, do **vale de Soreque** (4). **Dalila** é um nome semita que significa “débil, sujeita a desejos” ou “abatida”. Não há afirmação de que ela fosse filistéia, embora, sem dúvida, muitos filisteus adotassem nomes semitas para seus filhos por causa de sua grande proximidade com os hebreus. As palavras hebraicas usadas para **vale de Soreque**, adequadamente, significam “vale de vinhas selecionadas”, onde se localiza provavelmente a moderna Wadi Sarar. Excelentes uvas eram cultivadas ali (cf. Nm 13.23) e transformadas em vinho, o que pode explicar por que Sansão estava freqüentemente sonolento na casa de Dalila.

Quando os chefes dos filisteus ouviram que Sansão fora fazer uma visita, ofereceram a Dalila uma quantia de dinheiro recompensadora. Aparentemente ele era de estatura comum, de modo que o segredo de sua tremenda força não era conhecido de seus inimigos. Se Dalila descobrisse o mistério e o revelasse, cada um deles lhe daria **um mil e cem moedas de prata** (5). Como os **príncipes dos filisteus** eram cinco (1 Sm 6.4), e se moedas em questão fossem o siclo (ou *shekel*), o preço para atrair Sansão seria de pelo menos US\$ 3.300,00, um valor significativo para aquela época.

Dalila consentiu prontamente. E tomou providências para extrair o segredo de seu amante. Não há dúvidas de que Sansão percebeu o que ela estava desejosa de fazer, de modo que, primeiramente, disse que se fosse amarrado **com sete vergas de vimes frescos, que ainda não estivessem secos** (7), ou sete cordas de arco de tripa - talvez as mesmas cordas usadas para fixar uma tenda às suas estacas - sua força não seria superior à de um outro homem comum. Depois de ter arranjado que homens esperassem na casa, Dalila amarrou o sonolento Sansão de acordo com suas instruções e então gritou: **Os filisteus vêm sobre ti, Sansão** (9). Ao fazer uso do mesmo esforço utilizado para quebrar as cordas novas (15.13-14), Sansão se libertou. Desse modo, **não se soube em que consistia a sua força**.

b. *Sansão é preso com cordas* (16.10-12). A segunda tentativa de Dalila não foi mais bem-sucedida do que a primeira. Ao repreender seu amante por zombar dela e contar-lhe mentiras, ela pede mais uma vez para saber o segredo. Desta vez, Sansão afirmou que, se fosse amarrado **com cordas novas** (11) que nunca foram usadas, ele seria como um homem comum. Em sua primeira oportunidade, Dalila o amarrou com cordas novas. Mas quando ela gritou: **Os filisteus vêm sobre ti, Sansão**, ele as partiu **como um fio** e logo ficou livre. **Os espias estavam assentados numa câmara** em oculto.

c. *Cabelos humanos tecidos num tear* (16.13,14). Dalila estava indignada. “Até agora você só zombou de mim e só me disse mentiras”, reclamou ela. “Diga-me agora a maneira como você deve ser preso!”. Sansão respondeu: “Se você fizer **sete tranças dos cabelos da minha cabeça com os liços da teia...**”. Aparentemente Sansão nem mesmo terminou esta sentença. A ARA adiciona: “...e se as firmares com o pino de tear, então, me enfraquecerei e serei como qualquer outro homem”.

Assim, enquanto ele dormia, Dalila teceu seu cabelo e o **fixou com uma estaca** (14). F. F. Bruce explicou o processo como se segue:

Dalila, assim podemos entender, ao ter o sonolento Sansão com a cabeça deitada em seu colo (como no versículo 19), tece o seu cabelo numa trama e o prende numa teia **com uma estaca** (14), uma peça chata de madeira, de modo que seu cabelo se tornou parte do material trançado. O tear seria do tipo primitivo, com duas ripas fixadas no chão, onde uma delas

segurava o novelo de lã e a outra, o cilindro. Quando Sansão despertou, ele se levantou e levou consigo o tear e tudo o mais fixado em seu cabelo, e tirou as estacas fixadas no chão.⁵

Vê-se aqui uma ilustração do processo de comprometimento e queda. Ao envolver o seu cabelo, Sansão aproximava-se da verdade fatal. Seriam necessárias outras tentativas (16), mas o campeão finalmente cairia vítima das súplicas de uma mulher traíçoeira.

d. Sansão revela seu segredo (16.15-17). Dalila resmungou: “Como você pode dizer que me ama se o seu coração não está perto de mim? Por três vezes você me enganou e recusou-se a me contar seu segredo”. Ao pedir-lhe e perturbá-lo todos os dias, **a sua alma se angustiou até à morte** (16), i.e., ele estava finalmente desgastado por sua persistência. **Descobriu-lhe todo o seu coração** (17), ou seja, “ele lhe confidenciou”. O segredo de sua força estava no cumprimento de seu nazireado desde seu nascimento. Tal condição era expressa pela regra de que nenhuma navalha poderia tocar sua cabeça. Se seus cabelos fossem cortados, ele seria como um homem qualquer. É difícil determinar o que era maior: a força sobre-humana de Sansão ou sua estupidez asinina.

c. Sansão é traído (16.18-22). Jubilosa por ter conseguido finalmente descobrir o segredo desejado, Dalila envia uma mensagem aos **príncipes dos filisteus**, os quais, sem dúvida, já haviam se afastado desanimados depois dos repetidos fracassos. “Venham apenas mais esta vez”, implorou ela, “porque ele me contou tudo”. Assim, eles **trouxeram o dinheiro na sua mão** (18) para o “pagamento”. Tão logo Sansão dormiu com a cabeça no colo da moça, Dalila **chamou um homem, e rapou-lhe as sete tranças do cabelo de sua cabeça; e começou a afligi-lo** (19), ou “enfraquecê-lo, subjugá-lo” ou “humilhá-lo”.

Quando Dalila o despertou com as palavras familiares “os filisteus vêm atrás de você, Sansão!”, ele abriu os olhos e se vangloriou: “Vou sair como de costume e me livrar dos laços” ou, como pode ser traduzido a partir do hebraico, “eu sairei, rugirei e rosna-rei”. **Ele não sabia que já o Senhor se tinha retirado dele** (20). Sansão já tinha brincado demais com o pecado. Sua força já se fora.

Os filisteus o pegaram, arrancaram-lhe os olhos e o prenderam com correntes de bronze. Levaram-no para Gaza e, ali - como John Milton o descreve, “um cego em Gaza” - aquele que um dia fora um campeão poderoso foi colocado para moer grãos num moinho manual na prisão.

A história de Sansão alcança seu clímax nos versículos 15 a 21, onde vemos o resultado da “fascinação fatal do pecado”. (1) Foi um homem de grande força física (w. 14.6; 14.19; 15.14-16; 16.3; etc); (2) Teve uma mente fértil (w. 14.12-14); (3) Era moralmente fraco (v. 16.15); (4) Era espiritualmente infiel (w. 17,18); (5) **o Senhor se tinha retirado dele (20).**

7. A Vingança e a Morte de Sansão (16.23-31)

a. Sansão entretém os filisteus (16.23-27). Então, os príncipes dos filisteus se ajuntaram para oferecer um grande sacrifício ao seu deus Dagom e para se alegrar porque seu inimigo lhes fora entregue em suas mãos. **Dagom** em hebraico significa “pequeno peixe”. Este deus, provavelmente, era o pai de Baal e tornara-se a divindade nacional da Filístia, embora houvesse originalmente um deus dos grãos, adorado na Mesopotâmia em tempos tão remotos quanto o século XXV a.C. Acredita-se que a cabeça, os braços e a parte superior do corpo desse ídolo tivessem formas humanas (1 Sm 5.4), enquanto as partes inferiores lembravam um peixe.

Quando os corações das pessoas reunidas começaram a se alegrar, certamente em função do vinho que bebiam nas celebrações, então chamaram Sansão. Foi trazido ao pátio do templo de Dagom para que pudessem brincar com ele, provavelmente para puxá-lo e fazê-lo saltar e dançar diante deles. O mesmo termo hebraico traduzido aqui como “brincar” é usado em Êxodo 32.6 (“folgar” na ARC e “divertir-se” na ARA) para descrever a festança dos israelitas diante do bezerro de ouro no deserto, a qual envolveu dança (Êx 32.19).

Então seus captores fizeram com que Sansão se levantasse, talvez para uma exibição, e ficasse entre os dois pilares que sustentavam aquela edificação. O templo estava lotado e, além disso, havia três mil homens e mulheres no telhado que assistiam ao “show”. Ele pediu que

o conduzissem pela mão até um ponto em que fosse possível tocar os pilares de sustentação, de sorte que pudesse se apoiar neles e descansar depois de seu esforço.⁶

b. Sansão se sacrifica (16.28-31). O cabelo de Sansão começara a crescer (22); ele orou com sinceridade e pediu um novo surto de força que o capacitasse a realizar a vingança final contra seus inimigos. **De uma vez me vingue dos filisteus, pelos meus dois olhos** (28) - em hebraico “por um de meus dois olhos”. Enquanto bradava, **morra eu com os filisteus!** (30), apoiou-se com toda a força nos pilares principais e toda a estrutura ruiu. Sansão matou mais filisteus em sua morte do que aqueles que aniquilou durante toda sua vida. Eles o sepultaram **entre Zorá e Estaol, no sepulcro de Manoá, seu pai** (31). É claro que a morte de Sansão não foi suicídio no sentido comum da palavra. Ele morreu na luta contra os inimigos de seu país, tal como um soldado numa batalha perdida.

UM APÊNDICE

Juizes 17.1 — 21.25

Os cinco últimos capítulos do livro de Juizes aparecem como um apêndice da parte principal da narrativa, finalizada com a morte de Sansão. Dois eventos são descritos ali: uma migração da tribo de Dã, juntamente com o estabelecimento da cidade e de um lugar sagrado em Dã no extremo norte de Canaã (caps. 17 e 18); e a quase extinção da tribo de Benjamim, seguida de sua reabilitação parcial (caps. 19 a 21).

E impossível estabelecer a datação desses eventos. A seção inteira está marcada por um espírito geral de falta de lei. Somente três pessoas são citadas por seus nomes. Há indicações de que o registro das histórias mencionadas aqui seja bem posterior aos fatos.

Em quatro lugares menciona-se que não havia rei naqueles dias (17.6; 18.1; 19.1; 21.25), a fim de indicar que o reino fora estabelecido na época em que se fizeram os registros escritos. A referência ao cativo do reino do Norte em 18.30 apontaria para uma data de composição posterior a 722 a.C. Por outro lado, a referência a Finéias, neto de Arão (20.28), impõe ao evento descrito nos capítulos 19 a 21 uma data bem no início do período dos juizes.

A. OS DANITAS EXPANDEM-SE, 17.1-18.31

1. *O Santuário Particular de Mica* (17.1-6)

Somos primeiramente apresentados a uma família que vive no território de **Efraim**, cujo filho **Mica** (1) roubara 1.100 peças de prata de sua mãe. O nome **Mica** (“Quem é como o Senhor?”) era muito popular nos tempos do Antigo Testamento. São citadas quatro outras pessoas que possuíam o mesmo nome: um rubenita (1 Cr 5.5); o pai de Abdom (2 Cr 34.20 e Micaías em 2 Rs 22.12); um filho de Meribe-Baal (1 Cr 8.34) e o bastante conhecido profeta menor Miquéias (Mq 1.1; a semelhança está no hebraico).

A restituição promovida por Mica não foi voluntária, porque sua mãe lançara maldições (2) contra o ladrão, e um homem bastante supersticioso certamente temeria manter para si um ganho obtido desonestamente. Em retribuição, a mulher consagrou a prata ao Senhor **para fazer uma imagem de escultura e de fundição** (3), ou seja, um ídolo. Esta associação de idolatria com o nome do Senhor é uma triste constatação do alcance da corrupção promovida pela religião cananéia sobre a adoração pura a Deus. A imagem de fundição, um termo que também significava “cobertura”, pode ter sido um tipo de revestimento com o mesmo formato do ídolo que ela guardava.

A mãe separou 200 peças do montante recuperado e entregou a um ourives que fez a imagem e sua cobertura. Mica fez um santuário com **um éfode** (para ser usado por um sacerdote enquanto estivesse diante do santuário) e **terafins**, e então **consagrou a um de seus filhos, para que lhe fosse por sacerdote** (5). **Terafins** eram pequenas imagens caseiras de deuses (Gn 31.19,30,34), freqüentemente mencionadas no AT. Eles estavam associados à adoração pagã, embora tenham sido adotados pelos israelitas, de maneira ilícita, em alguns momentos.¹

A anarquia civil e religiosa é explicada com base no fato de que **não havia rei em Israel** naqueles dias para instruir o povo. Como consequência, cada homem fazia o que achava ser certo. Este é o abismo no qual qualquer pessoa vai mergulhar mais cedo ou mais tarde quando abandonar os princípios morais absolutos e a autoridade das Escrituras.

2. *Mica Contrata um Levita* (17.7-13)

Um jovem levita que vivia em Belém da Judéia procurava um lugar para viver. Viajou para o norte e chegou à casa de Mica. Quando ele descobriu que o jovem procurava uma ocupação, propôs que o levita ficasse ali e se transformasse em um sacerdote doméstico. **Sê-me por pai e sacerdote** (10). O termo **pai** é usado aqui como expressão de honra e estima. Ele receberia dez peças de prata por ano, roupas e comida. **E consagrou Mica o levita** (12) e o jovem tornou-se o seu

capelão particular. Pelo fato de um membro da tribo sacerdotal servi-lo agora como seu sacerdote, Mica estava certo de que o Senhor fá-lo-ia prosperar.

3. *Cinco Visitantes Inesperados* (18.1-6)

O território entregue a Dã na divisão de Canaã entre as tribos nunca foi plenamente ocupado (veja o mapa). Naquela época a pressão dos filisteus crescia cada vez mais e os homens de Dã decidiram enviar um grupo **dos seus confins (2, “fronteiras”)** para encontrar mais terra que pudesse ser conquistada. **Cinco homens** se dirigiram ao norte e chegaram **à montanha de Efraim, até à casa de Mica.**

Ali eles reconhecem a voz do jovem levita, talvez por causa de seu sotaque sulista (cf. 12.6). Quando descobrem que ele servia como sacerdote, pedem que ele pergunte a Deus se sua empreitada será bem-sucedida. O método dessa adivinhação provavelmente foi o de colocar pedras gravadas dentro de um vaso, chacoalhá-lo e então tirar a sorte ou jogá-las à mesa (cf. 1 Sm 14.41; 1 Cr 24.5; Et 3.7; Jn 1.7; Mt 27.35; At 1.26). Neste caso, o resultado foi favorável. **Ide em paz,** disse o levita; **o caminho que levardes está perante o Senhor (6),** ou “o Senhor olha a sua jornada com favor”.

4. *O Relatório dos Espias* (18.7-10)

Os espias continuaram sua jornada e chegaram finalmente a **Laís (7),** uma cidade cananéia localizada cerca de 160 quilômetros ao norte do monte Efraim. E a moderna Tell el-Qadi. Seus habitantes eram de origem fenícia, mas não tinham laços com qualquer outro povo que pudesse vir em seu auxílio. Eles viviam em paz e segurança numa terra bastante fértil.

O grupo de espias voltou **a Zorá e a Estaol (8)** e sugeriu uma saída imediata. “Vocês verão que o povo não desconfia de nada e a terra é espaçosa”, disseram eles. “Deus nos deu essa terra - um lugar onde não há falta de nada”.

5. *A Migração Danita* (18.11-13)

Apenas uma parte da tribo aceitou o desafio. Seiscentos homens saíram de suas casas munidos de armas de guerra. Acamparam-se primeiramente em Judá, em **Quiriate-Jearim** (12), originalmente uma cidade gibeonita (Js 9.17), cerca de 13 quilômetros a noroeste de Jerusalém, localizada na fronteira oeste entre Judá e Benjamim (Js 15.9; 18.14,15), mas pertencente a Judá (Js 15.60). A localização atual é incerta. O acampamento danita, bem a oeste de Quiriate-Jearim, ficou conhecido como **Maané-Dã**, ou “o campo de Dã” (cf. 13.25). Dali eles se dirigiram para o território de Efraim e chegaram à casa de Mica.

6. *O Santuário de Mica é Levado* (18.14-20)

Os espias relataram a presença do santuário na casa de Mica. **Um éfode, e terafins, e uma imagem de escultura, e uma de fundição** (14), cf. comentário de 17.4,5. Ofereceram ao jovem levita uma oportunidade de se tornar sacerdote de uma tribo em vez de ser simplesmente um sacerdote doméstico, persuadiram-no a acompanhá-los e levaram consigo os objetos sagrados de Mica.

7. *Os Saqueadores Escapam* (18.21-26)

Os danitas moveram-se na direção norte e colocaram seus homens armados entre **os meninos, e o gado, e a bagagem** (21). **Bagagem** tem o sentido literal de “coisas preciosas, riqueza, bens”. Mica reuniu seus vizinhos e homens de sua própria casa e começou a busca. Desesperadamente em menor número, Mica voltou para casa triste depois de ter sido advertido pelos danitas do risco que corria caso continuasse a discutir com eles.

8. *Os Danitas Tomam Laís* (18.27-31)

Os danitas chegaram rapidamente a Laís, capturaram-na com facilidade, mataram seus habitantes à espada e queimaram a cidade. Pelo fato de ela estar **longe de Sidom** (28) e ficar **no vale que está junto a Bete-Reobe**, e por seu povo não ter relações comerciais com seus vizinhos, **ninguém houve que os livrasse**. Bete-Reobe ficava no vale da parte superior do Jordão e é citada como Reobe em

Números 13.21. Sua localização atual é desconhecida.

A cidade foi reconstruída e passou a ser chamada de Dã em honra ao patriarca daquela tribo. Estava localizada mais ao norte da ocupação das tribos em Canaã e a expressão, “de Dã a Berseba”, no extremo sul, tornou-se equivalente a “comprimento e largura da terra”. O santuário roubado é fixado ali e **Jônatas, filho de Gérson, o filho**

de Manassés (30) foi empossado como sacerdote, e ele e seus filhos serviram nessa função **até ao dia do cativo da terra**. É provável que Jônatas fosse o jovem levita mencionado como sacerdote de Mica (cf. 18.19). O nome significa “quem o Senhor deu” e foi um dos mais populares dos tempos do AT, pois nada menos que 14 outras pessoas receberam este nome (Cf. 1 Sm 14.39; 2 Sm 15.36; 21.21; 2 Rs 25.23; 1 Cr 2.32; 11.34; 27.25,32; Ed 8.6; 10.15; Ne 12.11,14,35; Jr 37.15).
a

O **Gérson** mencionado aqui era tido pelos rabis como o filho de Moisés (Ex 2.22), uma vez que o caractere hebraico *nun* necessário para transformar a palavra Moisés em Manassés foi escrito acima da linha, na forma de uma correção feita por um escriba. Se os rabis estavam corretos e se nenhuma geração foi omitida, a migração danita deve ter acontecido bem no início da história judaica. Obviamente não poderia ter acontecido no período dos juizes. **Até ao dia do cativo da terra** (30) pode indicar o cativo assírio de 722 a.C. ou a invasão anterior de Tiglate-Pileser III em 733 a.C., período no qual o santuário danita parece ter sido destruído. Também é possível que seja uma referência indefinida a alguma outra calamidade. O santuário, juntamente com a adoração idólatra da imagem de Mica, é contrastado com **a casa de Deus... em Siló** (31).

B. OS BENJAMITAS SÃO QUASE ANIQUILADOS, 19.1-21.25

1. *Uma Concubina Infiel* (19.1-9)

Tal como a história do santuário danita em Laís, os três últimos capítulos do livro relatam um evento e suas conseqüências, os quais ilustram vividamente a falta de leis daquele período. Um levita que

vivia numa parte remota do território de Efraim tomou para si uma concubina, que significa uma esposa secundária, de Belém de Judá. A palavra normalmente se refere a uma escrava que também era uma mulher legal. Ela podia se divorciar mais facilmente do que uma esposa comum (Gn 21.10-14); ainda assim, a lei mosaica reconhecia e protegia seus direitos (Ex 21.7-11; Dt 21.10-14).

A sua concubina adulterou contra ele (2), ou seja, ela se tornou prostituta, e voltou a Belém, onde permaneceu por quatro meses. Depois desse período, o levita retomou e encontrou-a na casa de seu pai, **para lhe falar conforme o seu coração e para tornar a trazê-la** (3). O pai da mulher estava feliz por encorajar a reconciliação, o que removeria o estigma da separação, mas parecia relutante em permitir que o casal desse início a sua viagem de regresso. ¹

Juízes 19.3—20.16

Um apêndice

escavado e as ruínas dão apoio ao relato bíblico sobre sua violenta destruição e subsequente reconstrução.¹ Os viajantes não encontraram hospitalidade em Gibeá e prepararam-se para passar a noite na rua.

3. *Um Amigo Verdadeiro* (19.16-21)

Os visitantes mal recebidos foram finalmente encontrados por um homem idoso que voltava de seu trabalho no campo. A história destaca-se ainda mais porque o benfeitor não era benjamita, mas pertencia à tribo de Efraim e vivia em Gibeá. O levita viajante explicou sua situação. Embora tivessem provisões para si, eles precisavam de abrigo. O anfitrião levou os viandantes para sua própria casa e deu forragem aos seus animais. Os convidados lavaram seus pés, comeram e beberam (cf. Gn 18.1-8; 24.31,32).

4. *A Concubina do Levita Sofre Abuso* (19.22-26)

Enquanto a festa de boas-vindas prosseguia, certos **filhos de Belial** (22) cercaram a casa e pediram que o estrangeiro lhes fosse dado para que pudessem praticar com ele o abominável pecado de sodomia. Existe um notável paralelo aqui com o texto de Gênesis 19 e as ações dos homens de Sodoma para com os visitantes de Ló. **Não façais semelhante mal** (23), “não tratem meu visitante de maneira tão vil”. O resultado da maldade daquela noite foi a morte da concubina, um pecado horrível lembrado com repugnância por séculos (Os 9.9; 10.9). Veja o comentário de 1 Samuel 1.16 sobre **filhos de Belial**. O nome *beli-ya'al* tornou-se um termo característico de Satanás ou do demônio.

5. *Um Terrível Chamamento às Armas* (19.27-30)

O levita encontrou o corpo da mulher pela manhã, colocou-o em seu jumento e foi para casa. **Seu senhor** (27) tem o significado tanto de mestre como de marido. Ali ele **despedaçou** o corpo **em doze partes** e as enviou a todas as tribos de Israel. **Despedaçou** ou cortou como uma vítima de sacrifício (cf. Ex 29.17; Lv 1.6,12; 8.20, onde é usado o mesmo verbo em hebraico). Quando ouviram a explicação para tal atitude, as pessoas ficaram horrorizadas e disseram: **Nunca tal se fez, nem se viu desde o dia em que os filhos de Israel subiram da terra do Egito, até ao dia de hoje** (30).

6. *O Clamor por Justiça* (20.1-11)

A resposta do povo foi um grande ajuntamento em **Mispa**, cerca de 5 quilômetros a oeste de Gibeá. **Desde Dã até Berseba** (1); cf. comentário de 18.29. Berseba é a moderna Bir es-Seba, 45 quilômetros a sudoeste de Hebrom, no deserto do sul de Judá. O povo prometeu vingar o mal quando a história do crime foi recontada. Eles concordaram em formar um exército com um décimo de todos os homens de Israel. **Conforme toda a loucura** (10), “devido ao terrível crime cometido”.

7. *Benjamim Reúne um Exército* (20.12-16)

A primeira tentativa das tribos unidas foi negociar a prisão

especificamente dos homens responsáveis pelo mal que fora feito. A resposta dos benjamitas foi reunir um exército próprio, em muito sobrepujado, mas que contava com unidades de habilidades especiais.

8. *Os Israelitas são Derrotados* (20.17-28)

Os homens de Israel foram a Betei (**a casa de Deus**, 18) e buscaram a orientação do Senhor. Apesar disso - e por razão desconhecida - os primeiros dois encontros com os guerreiros de Benjamim resultaram em derrota das forças muito mais numerosas das tribos unidas. A **arca do concerto** (27) é mencionada apenas aqui em todo o livro dos Juizes. **Finéias, filho de Eleazar, filho de Arão, estava perante ele naqueles dias** (28); mais uma vez cf. comentário de 18.30. Se nenhuma geração foi omitida, isto indicaria uma data bastante antiga para o evento aqui descrito. Contudo, uma vez que a expressão “filho de” pode significar “descendente de” (e.g., Jesus como filho de Davi), e os nomes apareciam de maneira recorrente dentro das famílias, este pode ser outro Finéias da mesma linhagem, um antecessor de Eli, que também deu este nome a um de seus filhos (1 Sm 1.3). Referências ao Finéias original podem ser encontradas em Ex 6.27; Nm 25; Js 22.9 ss; 24.33.

9. *Gibeá é Atacada* (20.29-48)

Encorajado pela promessa de que a vitória chegaria no terceiro dia (28), o exército israelita foi dividido em aparentemente três companhias. Uma foi enviada secretamente a **Baal-Tamar** (33), cuja localização é desconhecida. A segunda cercou a própria Gibeá. A terceira formou a linha de frente de batalha diante de Gibeá, de modo semelhante às outras oportunidades. Mais uma vez os benjamitas conseguiram fazer com que os israelitas se afastassem, ao expulsarem da cidade o pequeno exército.

E nessa hora que as outras duas companhias começam a atacar. A emboscada foi bem-sucedida, a cidade tomada e incendiada e, como a coluna de fogo indicava o sucesso da manobra, os israelitas que estavam em fuga voltaram e atacaram seus perseguidores. Os benjamitas perceberam tarde demais que foram enganados: **viraram**

as costas e fugiram para o deserto (45). Foram mortos 25 mil homens nesta empreitada. A localização de **Gidom** é desconhecida. Provavelmente tenha existido na direção da **penha** (ou rochedo) de **Rimom** (47); talvez o moderno rochedo de pedra calcária chamada Romom, localizado 5,5 quilômetros a leste-nordeste de Betei. Ele é cercado de desfiladeiros ao norte, ao sul e ao oeste e possui cavernas nas quais os refugiados podem ter vivido. **Seiscentos homens** refugiaram-se ali e permaneceram naquele local por **quatro meses**. As tribos vitoriosas continuaram sistematicamente a vingar o território de Benjamim, ao queimarem a cidade e matarem seus habitantes e os animais.

10. *A Reabilitação de Benjamim* (21.1-25)

Os israelitas vitoriosos vieram a Belém e choraram diante do Senhor. Levaram muito tempo para perceber que tinham ido longe demais com sua vingança. Sem piedade, eles eliminaram quase toda a tribo de Benjamim, ao deixarem apenas seiscentos homens. Juraram solenemente que não permitiriam que suas filhas se casassem com eles.

Buscou-se uma saída para reparar o dano. Descobriu-se que os homens de **Jabes-Gileade** (8) não tomaram parte na campanha contra Benjamim. Jabes em Gileade estava localizada no terreno montanhoso a leste do Jordão (Dt 3.16,17; 1 Sm 31.11). Uma força de 12 mil homens foi despachada para Jabes; a cidade foi tomada e todos os seus habitantes massacrados, com exceção de 400 virgens que foram trazidas como noivas para os homens de Benjamim.³

Ainda não havia esposas suficientes e o resto da nação estava subordinado ao juramento de Mispa (1). Então alguém se lembrou de uma festa celebrada em **Siló... ao sul de Lebona**, a leste do **caminho alto que sobe de Betei a Siqué**m (19). Como parte do festival, **as filhas de Siló saíam a dançar** (21). Os benjamitas deveriam se esconder nos vinhedos e cada um deveria raptar uma noiva para si. Se os habitantes de Siló criassem algum impedimento, eles não seriam culpados de violar o voto e, ao mesmo tempo, seriam graciosos em tornar possível a reconstrução de uma das tribos

de Israel. É interessante lembrar que, caso a tribo de Benjamim tivesse sido exterminada, o mundo jamais teria ouvido falar do apóstolo Paulo (Rm 11.3; Fp 3.5). Não há dúvidas de que a verdade e o cumprimento de votos são de grande valor. Contudo, como no caso de Jefté (11.29-40), pode-se pensar se o legalismo não é levado longe demais quando se permite que o assassinato e o rapto sejam usados como meios de se manter um voto. Cumprir um voto levou a males muito maiores do que aqueles que estariam envolvidos numa renúncia a ele.

O livro termina com aquilo que se transformou quase que num refrão: **Naqueles dias, não havia rei em Israel, porém cada um fazia o que parecia reto aos seus olhos (25).**

Notas

INTRODUÇÃO

¹ SI 106.34-46 é uma descrição detalhada de todo este período.

SEÇÃO I

No hebraico, ***Yahweh*** é o mais santo e inefável nome de Deus. Ele aparece 6.855 vezes no AT e é invariavelmente traduzido como “o Senhor” na ARC. Seguindo a prática da Septuaginta, a tradução grega do Antigo Testamento, a palavra, sem vogais, é escrita como JHWH. Quando um escriba judeu copiava um manuscrito antigo, era exigido que ele se banhasse e colocasse roupas limpas cada vez que fosse transcrever a palavra JHWH.

Aparentemente JHWH é um termo composto, que consiste de duas diferentes formas do verbo ***ser***. Numerosas tentativas têm sido feitas para defini-lo, mas talvez o verdadeiro significado seja encontrado em Êxodo 3.14, onde Deus explica a Moisés que seu nome é (a) EU SOU ou (b) EU SOU O QUE SOU. Talvez este nome divino denote a eterna auto-existência de Deus. JHWH é ***aquele que é***, i.e., Ele é absoluto e imutável. Ele é o ***que existe para sempre***. Também pode ter a conotação de ***aquele que é inominável e inexplicável***.

Desde muitos séculos antes da era cristã os judeus consideravam JHWH santo demais para ser pronunciado e tinham escrúpulos quanto até mesmo mencioná-lo. Ibdas as vezes que se deparavam com JHWH no AT eles pronunciavam ***Adonai***, “meu Senhor”. Mais tarde, a vogal inicial da palavra ***Adonai*** foi transferida para JHWH no texto massorético. Percebe-se, portanto, que a pronúncia correta de JHWH foi perdida na história. No ano 1520 de nossa era, Galatino sugeriu a palavra ***Jeová***. Este autor prefere o termo ***Yahweh***, mas o assunto continua obscuro.

² Cf. F. F. Bruce, “Judges”, *The New Bible Commentary*, ed. F. Davidson (Grand Rapids: Wm. B.

Eerdmans Publishing Co., 1953), p. 239.

³ John Peter Lange, ed. *Numbers - Ruth*, “Commentary on the Holy Scriptures”, nova edição.

Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1960, reimpressão, p. 32.

⁴ Charles F. Pfeiffer, ed., “Judges”. *The Wycliffe Bible Commentary* (Chicago: Moody Press, 1962), p. 236.

⁵ Bruce, *op. cit.*

⁶ G. F. Moore, *A critical and exegetical commentary on Judges*, The International Critical

Commentary (Nova York: Charles Scribner’s Sons, 1923), pp. 45-47.

⁷ Bruce, *op. cit.*, p. 240.

SEÇÃO II

¹ Lord A. C. Hervey, “Judges”; *The Pulpit Comentary*, edited by D. H. M. Spence and Joseph S.

Excell, VIII (New edition; Chicago: Wilcox and Follet, n.d.), p. 21.

² Benjamin H. Carroll, “Numbers to Ruth”, *An Interpretation of the English Bible* (editado por J.

B. Cranfill; Nashville: Braodman Press, 1947), IV, pp. 257-59.

⁴ Cf. Fred E. Young, “Judges”, *The Biblical Expositor*, editado por Carl F. H. Henry, 2^o edição, I

(Filadélfia: A. J. Holman Co., 1960), p. 250.

⁵ Cf. C. F. Burney, *The Book of Judges*, 2- edição (Londres: Rivingtons, 1930), p. 93.

⁶ Cf. Jacob M Myers, *op. cit.*, p. 723

⁷ *From the stone age to Christianity* (segunda edição. Baltimore: Johns Hopkins Press,

1957), p. 120.

⁸ C. F. Keil e F. Delitzsch, *Biblical Commentary on the Old Testament*, trad. de James Martin

(Edimburgo: T. & T. Clark, 1875), IV, p. 330.

⁹ *Ibid.*, pp. 339-40.

¹⁰ Cf. Burney, *op. cit.*, p.217

¹¹ *Op. cit.*, p. 247.

¹² Cf. Young, *op. cit.*, p. 252.

SEÇÃO III

¹ Cf. Moore, *op. cit.*, pp. 244-52.

² Cf. Keil e delitzsch, *op. cit.*, pp. 563, 564.

³ Cf. Lange, *op. cit.*, pp. 155-56.

SEÇÃO IV

¹ Cf. Keil e Delitzsch, *op. cit.*, pp. 378-80.

² “The Book of Judges” (exposição), *The Interpreter’s Bible*, ed. George A. Buttrick, *et al.*, II (Nova

York: Abingdon Press, 1953), p. 774.

³ Cf. Young, *op. cit.*, p. 258.

⁴ F. F. Bruce, *op. cit.*, p. 252; Myers, *op. cit.*, p. 786.

⁰ *Op. cit.*, p. 254.

⁶ Cf. Burney, *op. cit.*, p. 389.

SEÇÃO V

¹ Cf. Burney, *op. cit.*, pp. 420-21.

² Cf. J. A. Thompson, *The Bible and Archaeology* (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Co., 1962), pp.

90, 95.

³ Cf. Moore, *op. cit.*, pp. 445-48.

Bibliografia

I. COMENTÁRIOS

Bruce, F. F. “Judges”, *The New Bible Commentary*. Editado por F. Davidson, *et al.* Grand Rapids: Wm. E. Eerdmans Publishing Co., 1954.

Burney, C. F. *The Book of Judges*. 2- ed. Londres: Rivingtons, 1930.

Carroll, Benjamin H. “Numbers to Ruth,” *An Interpretation of the English Bible*. Editado por J. B. Cranfill, Vol. IV. Nashville: Broadman Press, 1947.

Cohen, A. *Joshua and Judges (Soncino Bible)*. Londres: Soncino Press, 1950.

Cooke, G. A. *The Book of Judges*. “The Cambridge Bible for Schools and Colleges”. Cambridge: Cambridge University Press, 1918.

Dummelow, J. R. (ed.). “Judges”, *A Commentary on the Holy Bible*. Nova York: Macmillan Co., 1940.

Elliott, Phillips, P. “The Book of Judges “ (Exposição). *The Interpreter’s Bible*. Editado por George A. Buttrick *et al.*, Vol. II. Nova York: Abingdon Press, 1953.

Exell, Joseph Samuel (ed.). “Judges”, *The Bible Illustrator*. Grand Rapids: Baker Book House, 1958 (reimpressão).

Fuller, J. M. (ed.). *Exodus-Ruth*. “The Bible Commentary,” editado por F. C. Cook. Grand Rapids: Baker Book House, 1957.

Garstang, John. *Joshua - Judges*. Londres: Constable, 1931.

Gray, James M. *Christian Workers’ Commentary on the Old and New Testaments*. Nova York: Fleming H. Revell, 1915.

Hervey, Lord A. C. “Judges”, *The Pulpit Commentary*. Editado por H. D. M. Spence e Joseph S. Exell, Vol VIII. Nova edição. Chicago: Wilcox & Follett, s. d.

Keil, C. F., e Delitzsch, F. ***Joshua, Judges, Ruth***. “Biblical Commentary on the Old Testament”. Grand Rapids: Wm. E. Eerdmans Publishing Co., 1950 (reimpressão).

Lange, John Peter (ed.). ***Numbers - Ruth***. “Commentary on the Holy Scriptures”. Traduzido e editado com adições por Philip Schaff. Nova edição. Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1960.

Maclaren, Alexander. “Judges, Ruth”, ***Expositions of Holy Scripture***. Nova York: George H. Doran, s.d.

Millar, J. P. ***A Homiletical Commentary on the Book of Judges***. “The Preacher’s Complete Homiletical Commentary on the Old Testament”. Nova York: Funk & Wagnalls, 1892.

Moore, George Foot. ***A Critical and Exegetical Commentary on Judges***. “The International Critical Commentary.” Nova York: Charles Scribner’s Sons, 1923.

Morgan, George Campbell. “Judges, Ruth”, ***The Unfolding Message of the Bible***. Westwood, New Jersey: Fleming H. Revell, 1961.

Myers, Jacob M. “The Book of Judges” (Exegese). ***The Interpreter’s Bible***. Editado por George A. Buttrick, ***et al.***, Vol. II. Nova York: Abingdon Press, 1953.

Pfeiffer, Charles F. (ed.). “Judges”, ***The Wycliffe Bible Commentary***. Chicago: Moody Press, 1962.

Poore, L. A. “The Book of Judges”, ***The Twentieth Century Bible Commentary***. Editado por G. Henton Davies, ***et al.*** Edição revisada. Nova York: Harper and Brothers, 1955.

Simpson, C. A. ***Composition of the Book of Judges***. Oxford: Blackwell, 1957.

Strahan, James. “Judges”, ***A Commentary on the Bible***. Editado por Arthur S. Peake. Nova York: Thomas Nelson & Sons, s.d.

Terry, M. S. “Books of Judges to II Samuel”. ***Commentary on the Old Testament***. Editado por D. D. Whedon, Vol. III. Nova York: Nelson & Phillips, 1875.

Thatcher, G. W. “Judges and Ruth.” ***The New Century Bible***. Editado por Walter F. Adeney. Nova York: Frowde, s.d.

Watson, Robert A. “The Book of Judges”. ***The Expositor’s Bible***. Editado por W. Robertson Nicoll, Vol. I. Grand Rapids: Wm. E. Eerdmans Publishing Co., 1943.

Williams, George. ***The Students Commentary on the Holy Scriptures***. Nova versão melhorada. Grand Rapids: Kregel Publications, 1960.

Young, Fred E. “Judges”. ***The Biblical Expositor***. Editado por Carl F. H. Henry. 2ª Edição. Vol. I. Filadélfia: A. J. Holman Co., 1960.

II. OUTROS LIVROS

Albright, William F. *From the Stone Age to Christianity*. 2ª Ed. Baltimore: Johns Hopkins Press, 1957.

Baxter, J. Sidlow. *Judges to Esther* ("Explore the Book"), Vol. II Londres: Marshall, Morgan & Scott, 1956.

Blaikie, William G. *A Manual of Bible History*. Revisado por Charles D. Matthews. Nova York: Ronald, 1940.

Free, Joseph P. *Archaeology and Bible History*. Edição revisada. Wheaton, Illinois: Scripture Press Publications, 1962.

Hastings, James (ed.). "Deuteronomy - Esther". *The Great Texts of the Bible*. Grand Rapids: Wm. E. Eerdmans Publishing Co., s.d.

James, Fleming. *Personalities of the Old Testament*. Nova York: Charles Scribner's Sons, 1949.

Lee, James W. (ed.). "Judges - Song of Solomon". *The Self-Interpreting Bible*, Vol. II. St. Louis: Bible Educational Society, 1905.

Manley, G. T. (ed.). *The New Bible Handbook*. Chicago: Inter-Varsity Christian Fellowship, 1952 , (reimpressão).

Purkiser, W. T. (ed.). *Exploring the Old Testament*. Kansas City, Missouri: Beacon Hill Press, 1961.

Raven, John Howard. *Old Testament Introduction*. Nova York: Fleming H. Revell, 1910.

Simeon, Charles. "Judges Through II Kings". *Expository Outlines on the Whole Bible*, Vol. III. Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1956.

Thompson, J. A. *The Bible and Archaeology*. Grand Rapids: Wm. E. Eerdmans Publishing Co., 1962.

III. ARTIGOS

Benfield, W. A. "The Historical Books", *Understanding the Books of the Old Testament: A Guide to Bible Study for Laymen*. Editado por Patrick H. Carmichael. Richmond, Virginia: John Knox Press, 1950, pp. 65-88.

Drum, Walter. "Judges". *The Catholic Encyclopedia*, Vol VIII. Editado por Charles Herbermann, *et al.* Nova York: The Encyclopedia Press, 1913, pp. 547-49.

Geden, A. S. "Judges, Book of ". *The International Standard Bible Encyclopedia*, Vol. III. Editado por James Orr, *et al.* Grand Rapids: Wm. E. Eerdmans Publishing Co., 1939, pp. 1772-75.

Comentário Bíblico

Chester O. Mulder R. Clyde Ridall W. T. Purkiser Harvey E. Finley Robert L. Sawyer . C. E. Demaray

O *Comentário BMico Beacon* traz uma interpretação abrangente da Bíblia Sagrada elaborada por 40 teólogos evangélicos conservadores. São 10 volumes, cinco para o Antigo Testamento e cinco para o Novo.

Josué a Ester

Em cada livro bíblico são comentados versículos de forma expositiva, exegética e sempre com uma sugestão homilética, o que torna o *Beacon* particularmente útil para pregadores e professores da Escola Dominical. Mas também ele tem uma característica devocional que faz dele uma obra cativante e indispensável a todos os crentes que desejam estudar a Palavra de Deus.

Beacon tem erudição teológica, todavia num tom equilibrado na sua interpretação e no seu objetivo inspiracional. Seu formato é atraente e prático.

Seus comentaristas e editores acreditam que esta obra é de grande valor para todos que buscam descobrir as verdades profundas da Palavra de Deus, que "subsiste eternamente".

ISBN 85-263-0686-3

1

O Sol se Põe em Gibeá (19.10-15)

Já perto do final do quinto dia, o levita levantou-se para ir embora. Já perto da noite, eles passaram por **Jebus** (10), o antigo, mas raramente mencionado nome de **Jerusalém**. A se julgar pela distância envolvida (veja o mapa), eles provavelmente deixaram Belém cerca de três horas antes do pôr-do-sol. Em vez de permanecerem numa cidade estranha (o local foi ocupado pelos

jebuseus até a época de Davi), o levita prosseguiu até **Gibeá** (12), na esperança de permanecer ali ou nas proximidades de **Ramá** (13). Gibeá, a cerca de 6 quilômetros ao norte de Jerusalém, é a atual Tell el-Ful. Mais tarde ela ficou conhecida como a Gibeá de Saul (1 Sm 10.5,10), provavelmente pelo fato de este ser o local de nascimento do primeiro rei de Israel. O local já foi